Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 54.º/18653 4$00

QUINTA-FEIRA 2 JANEIRO 1975

A MENSAGEM DO PRESIDENTE

O Presidente da República, general Costa Gomes, dirigiu ao País a seguinte mensagem de Ano Novo:

«Portugueses:

«Hoje é o Dia Mundial da Paz. Aparentemente, o conceito de Paz é de uma evidência tão natural que, desde logo, seria um tema exausto.

«Para o analisar comecemos por referenciá-lo em quatro planos fundamentais:

— A Paz interior do Homem consigo mesmo;
— A Paz na relação entre indivíduos;
— A Paz entre os vários grupos sociais;
— A Paz entre os Povos do Mundo.

«Teremos o primeiro ângulo da complexidade do tema.

«Consideremos que do mistério da Vida sempre se insere uma marca dialéctica nos conceitos humanos.

«O fenómeno existencial tende a oscilar no quadrante cujos extremos limites são a Paz digna e a luta injusta. Aqui reside um segundo ângulo da complexidade da Paz.

«Finalmente verifiquemos que Paz pode parecer um bem absoluto; mas que diríamos da Paz interior dos homens marginais? Que diremos da Paz das relações explorador-explorado e da Paz social dos Povos oprimidos por extremismos totalitários?

«Nestas dúvidas assenta o fulcro maior da complexidade real do conceito de Paz.

«Como corolário haveremos de concluir:

— A Paz é aspiração, é vocação imanente no Homem, quer no plano individual da consciência, quer no plano sociológico das relações intergrupais, quer ainda no plano global das relações entre os Povos.

— A Paz, no entanto, não é um dom natural como o ar que respiramos; a Paz defende-se e constrói-se com trabalho, compreensão, paciência, amor, tolerância, coragem, sacrifício e uma atitude crítica de vigilância permanente para o nosso Mundo interior e para o Mundo exterior onde devemos ser causa e consequência de uma Paz autêntica.

— A Paz exige o esforço anónimo e permanente de cada um de nós e terá que se subordinar aos conceitos superiores do Bem e da Justiça ao serviço do Homem e dos Povos.

«Se as minhas palavras, a vossa atenção e os nossos propósitos contribuirem um átomo para a manutenção e sublimação da Paz em Portugal teremos celebrado bem este Dia Mundial da Paz.

«O dia de hoje é também a primeira página que se volta sobre o ano de 1974, onde a Revolução de 25 de Abril foi acontecimento grande nas Histórias de Portugal e do Mundo.

«O balanço imediato de 1974 é um risco ingrato, mas teremos que o fazer para traçar o rumo de 1975.

«Os jovens oficiais a quem devemos o 25 de Abril ofereceram ao País um programa suficientemente genérico para dar ao Povo ampla liberdade de escolha quanto ao esquema político a preparar.

«Esta redacção genérica era indispensável, constituía uma solução inteligente e sensata.

«Como tudo na vida teve os seus inconvenientes. Foi um testamento interpretado consoante os credos dos vários herdeiros da Liberdade que oferecia.

«Tem sido a própria dinâmica da Revolução, o jogo das forças políticas, a formação acelerada de uma opinião pública politizada, a pressão de classes e grupos à procura da sua dimensão válida, que vem clarificando

Continua na pág. 24

O M.F.A. DEFINE E CLARIFICA POSIÇÕES

VIA SOCIALISTA SE O CAPITAL NÃO COLABORAR

Pela primeira vez a Comissão Coordenadora do Programa do Movimento das Forças Armadas promoveu uma conferência de Imprensa e reuniu-se, integrada de todos os seus membros, com os representantes dos Órgãos da Informação. A primeira conclusão que nos fica desta reunião é de que foram clarificadas posições e pontos de vista do M.F.A. de uma forma tão inequívoca acerca do seu Programa, e das suas intenções, que só quem deliberadamente quiser distorcer o espírito e as intenções do M.F.A. poderá alegar ambiguidades ao Programa ou tentar adaptações que o tornem útil às conveniências da oligarquia que nos dominava antes de 25 de Abril. O M.F.A. foi bem claro nas suas afirmações ao salientar o «humanismo revolucionário» do seu Programa e a sua intenção de servir os «trabalhadores em geral e operários e camponeses em particular».

Pouco mais de oito meses após o início do processo revolucionário a Comissão Coordenadora promete para 1975, ao povo português, um «M.F.A. mais forte e mais coeso». A dignidade e o patriotismo dos oficiais que fizeram o 25 de Abril, e de muitos outros que posteriormente se lhes juntaram, mantêm-se como eles se mantêm também indiferentes ao cerco e às ameaças que lhes move o grande capital.

Apesar da sua extensão é importante que apresentemos a conferência de Imprensa do M. F. A. Dadas as características que ela tomou, tentar resumi-la, ou retirar frases do contexto, desviar-lhe-ia fatalmente o sentido só podendo interessar a quem pretenda evitar a divulgação pública de «tudo» quanto foi afirmado pela Comissão Coordenadora, ou distorcer o que lá foi dito.

DINÂMICA DO MOVIMENTO

Na manhã de sábado os jornalistas entregaram, por escrito, as perguntas que entenderam fazer à Comissão Coordenadora, às quais esta respondeu durante a reunião, agrupando essas perguntas por temas. Para todos houve uma resposta clara e objectiva e, na maioria dos casos, uma explicação concreta para o teor da resposta.

Na mesa estavam presentes os membros da Comissão Coordenadora do Programa do Movimento das Forças Armadas: tenente-coronel Charais, que presidiu; majores Canto e Castro e Pereira Pinto; capitães Vasco Lourenço e Pinto Soares; comandante Contreiras e primeiro-tenente Judas.

Continua na pág. 4

Antigos colaboradores de Nixon condenados

Três dos mais altos funcionários da Administração Nixon — John Mitchell, que foi procurador-geral, «Bob» Haldeman e John Ehrlichman, ex-conselheiro da Casa Branca — vêem-se agora sob a ameaça de condenação de 20 a 25 anos de prisão, depois de um tribunal de Washington os ter considerado culpados de encobrimento, obstrução à justiça e perjúrio no caso Watergate. Um quarto réu, que foi procurador-geral adjunto, Robert Marshian, poderá ser condenado a cinco anos de prisão.

(Ler na pág. 14)

24 PÁGINAS

Neto, Savimbi e Holden na pré-cimeira de Mombaça

NAIROBI, 2 — (DL/R/ANI) — Os dirigentes nacionalistas angolanos são esperados aqui hoje para uma conferência cimeira preparatória, durante a qual procurarão chegar a acordo entre si com vista à próxima abertura de negociações com o Governo português sobre a independência de Angola.

Os três dirigentes são o dr. Agostinho Neto, do M.P.L.A., Holden Roberto, da F.N.L.A. e o dr. Jonas Savimbi, da U.N.I.T.A.

O comunicado oficial aqui distribuído não revela a hora da chegada, sabendo-se apenas que farão uma visita de cortesia ao presidente Kenyatta, antes de seguirem para Mombaça, onde terá lugar a conferência na qual também participa o ministro dos Negócios Estrangeiros do Quénia, Munyua Waiyaki.

A conferência cimeira entre os movimentos de libertação e o Governo português está prevista em princípio para o próximo dia 10 de Janeiro, em Portugal, e terá por objectivo a formação de um Governo de transição que encaminhará Angola para a independência.

MENSAGENS DE CABRAL CHISSANO E TOURÉ

Luís Cabral, presidente da República da Guiné-Bissau, enviou ao povo angolano, através de «Angola Combatente», emissão diária do M.P.L.A. em Luanda, uma mensagem de apoio e solidariedade, onde afirma nomeadamente:

. «Aqui na Guiné, como sabem, nós temos presente a luta do M.P.L.A., de gerações antigas, desde o início da nossa luta, que começou com o despertar da consciência de africanos no seio dos estudantes das colónias portuguesas, em Lisboa.

«Existiram sempre laços íntimos de luta, de combate, entre o M.P.L.A., o P.A.I.G.C. e a FRELIMO que juntos formaram a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas.

«Para nós, esses laços, embora o desenvolvimento desigual da luta, nos diversos territórios, não tenha permitido uma coordenação desejada, nas nossas lutas, esses laços

Continua na pág. 24

O ANO DO POVO PORTUGUÊS

No dia 30 de Dezembro, um trabalhador afirmava, num dos comícios promovidos pela Intersindical, que «o ano de 1975 seria o ano dos trabalhadores portugueses». No dia 31, a Comissão Coordenadora do M.F.A. dizia, em conferência de Imprensa, que «ou o capital colabora na via socializante traçada pelo Movimento ou a via passará a ser socialista».

Ao completarem-se os oito meses mais ricos e significativos da nossa História contemporânea, verifica-se que a Revolução iniciada em Abril chegou a mais um momento de opções e definições importantes. E que os homens responsáveis pelo seu desencadeamento, não enjeitam as suas responsabilidades, não ignoram o povo e estão dispostos

Continua na pág. 2

EXPECTATIVA E OBJECTIVO

O ano de 1975 começa sob o signo da expectativa. Mas não da expectativa neutra, passiva, imobilista. Pelo contrário, da expectativa interessada, activa, dinâmica.

Vencida a inércia, o País move-se para o futuro a velocidade incerta, a velocidade perigosa para uns, a passo de boi para outros. De qualquer modo o País aguarda. Aguarda leis, realizações (sobretudo realizações), definições, opções.

O País do futuro aguarda, sobretudo, avanços. Quem deseja recuos?

. O ano de 1975 começa sob o signo da reconstrução. Reconstrução que tem de corresponder à expectativa criada, reconstrução na economia, na educação, na política, na saúde, na cultura, no desporto, na administração da justiça e tudo o mais.

Democratizar a vida portuguesa? Democratizar a vida portuguesa, pois então! Mas sem que isto signifique apenas meter um voto na mão das pessoas, muitas das quais nem sabem o que vão fazer com esse voto.

O ano de 1975 começa sob o signo da transformação. Da transformação conquistadora de uma vida digna de ser vivida. Da transformação da condição humana. Sem medos, mas também sem excessos gratuitos.

Na luta incerta, há que deixar assentar a poeira, para ver mais claramente.

O ano de 1975 começa sob o signo da luta, da transformação, da reconstrução e da expectativa. Nos combates quotidianos há que ter um único objectivo: a vitória.

MANUEL DE AZEVEDO

DE TERÇA PARA QUINTA

UM FORTE DESEJO DE PAZ

Para a paz, a reconciliação, seu caminho visível — proclamou às primeiras horas de ontem, na igreja lisboeta do Sagrado Coração de Jesus, o cardeal António Ribeiro, lendo a homilia expressamente redigida para assinalar o início das comemorações católicas do VIII Dia Mundial da Paz.

O purpurado começou por afirmar: «O apelo que nos chega nesta hora é o da reconciliação como caminho indispensável para a paz. É o apelo de Deus e dos homens, que a Igreja de Cristo hoje assume, medita e propõe a quantos, na sua voz, quiseram reconhecer o timbre de outra, vinda do Céu e da Terra». Aliás, encerraria o texto com uma referência particular ao caso nacional, inscrita neste conttexto: «Durante o ano agora findo tiveram os portugueses a alegria de ver raiar no horizonte o termo de uma guerra que lhes consumia as vidas e os isolava do convívio das nações. Temos de agradecer a Deus o dom da paz concedida a Portugal. Que o Novo Ano permita levar a bom termo as negociações de paz com os povos africanos de expressão lusíadas, e que, dentro das fronteiras da Pátria, não surjam entre os portugueses as guerras e os ódios».

Nos homens de hoje — disse ainda o cardeal Ribeiro — corre «um forte desejo de paz». Mas por outro lado — advertiu — «não há paz sem justiça, não há paz sem liberdade, não há paz sem desenvolvimento integral». É que «a Igreja sabe não ser possível a fraternidade humana sem a superação das reais injustiças que terrivelmente pesam sobre tantos homens».

■ PELA CAIXA

Tomou posse no cargo o novo administrador da Caixa Geral de Depósitos, dr. Francisco Veloso. Cerimónia breve, realizou-se no Ministério das Fkinanças, com a presença do titular da pasta, dr. Silva Lopes, e do seu colega da Economia, dr. Rui Vilar.

■ O PRIMEIRO BEBÉ DO ANO

Se não estavam fora do tempo os relógios do Hospital de Santa Maria, o primeiro bebé do ano, segundo indica o nosso prezado colega «Diário de Notícias», nasceu alí «à meia-noite em ponto» (mais uns segundos, para não entrarmos em discussão angélica). Bebé que foi um menino com três quilos e oitocentos — um rapagão filho de D. Maria da Piedade Veríssimo Ferreira Teodoro e do sr. Domingos de Assunção Teodoro, assistido pela parteira D. Catarina Gonçalves. Esperamos que os pais se não esqueçam de recortar este quadradinho e colá-lo no álbum.

Na muito concorrida Maternidade Alfredo da Costa, o primeiro bebé da «fornada» de 1975 foi uma menina, filha de D. Maria Adelaide Alves dos Santos e do sr. Mário Botelho Pinto. Quando a mãe tiver alta vai morar na Quinta da Corte Larga, 25, A. No Porto, sensivelmente à mesma hora destoutro feliz suceeso (meia-noite e um quarto), nasceu um rapazinho filho de D. Maria Rosa Magalhães Andrade e do sr. Elias Ferreira de Oliveira. Nasceu na sala de partos da Maternidade Júlio Dinis, e isto serve-nos para lembrar, melancólicos, a terrível estatística portuguesa sobre partos não assistidos — sem médico, sem parteira, sem cuidados, às vezes só com uma velha comadre prática por testemunha, ou até nem tanto.

■ O SR. ITALIANI

Estava o ano a acabar e a Guarda Fiscal da fronteira de Valença do Minho deu conta de uma quantidade de bagalhoça (200 contos!) que um súbdito espanhol transportava debaixo do assento do carro. Houve prévio telefonema anónimo a denunciar o facto, confirmado a dois passos da Galiza natal para espanto do sr. Manuel Italiani Lores, natural de Puentereas, autor da tentativa de fraude. Cabe agora à Justiça pronunciar-se.

■ DOIS MORTOS

Entretanto o ano não acabaria sem um grave desastre de viação, de que resultaram dois mortos e um ferido. Ocorreu ele na Recta do Infantado, vitimando o condutor, sr. Manuel António Prates Felismino, cobrador da Carris, natural do Couço (Coruche), e um acompanhante e colega, sr. Alfredo E. Matias. Muito ferida ficou a esposa do infortunado automobilista. O desastre: talvez por momentâneo adormecimento do sr. Manuel Firmino, foi o carro enfeixar-se nas traseiras de um camião carregado de cortiça.

CONSELHO DE MINISTROS

Socialização do solo ganha prioridade

. Comunicado do último Conselho de Ministros de 1974:

. «1. O Conselho de Ministros, reunido em S. Julião da Barra, sob a presidência de Sua Ex.ª o Presidente da República aprovou o orçamento para 1975.

«O orçamento e as suas prioridades quer no que se refere ao orçamento ordinário quer ao extraordinário e o seu enquadramento na política económica e financeira, foram analisados em pormenor, sendo, também, analisadas as receitas e despesas verificadas em 1974.

«A propósito do orçamento previsto, procedeu-se, ainda, a uma análise do seu enquadramento no contexto da situação económica internacional e da economia portuguesa, quer nos reflexos da situação herdada do anterior regime, quer nas perspectivas do seu desenvolvimento.

O Conselho fez ainda, um balanço da actividade do Governo Provisório durante o ano agora findo.

O diploma orçamental promulgado será objecto de oportuna divulgação pública.

O ministro das Finanças apresentará o orçamento ao País, através da RTP, no início da próxima semana.

2. Da parte da tarde, a partir das 15 horas, o Conselho prosseguiu os seus trabalhos sob a presidência do Primeiro-Ministro, em S. Bento.

Foi apreciado o relatório da Comissão Interministerial oportunamente designada para o estudo da situação social da TAP e adoptadas medidas correspondentes.

3. Foram aprovados os seguintes diplomas:

. — o que altera o processo expropriatário a fim de se assegurar a posse administrativa do solo necessário, no mais curto prazo, sem prejuízo do normal prosseguimento da detenção dos valores de expropriação.

Este diploma visa garantir urgentes realizações no domínio das infra-estruturas urbana e regional, da implantação dos equipamentos sociais prioritários e da renovação de zonas habitacionais degradadas, como de novas áreas urbanas.

— O que cria o Conselho Consultivo do Crédito.

— O que cria a Comissão Coordenadora das Instituições de Crédito do Sector Público.

— O que determina que os juros dos depósitos na Caixa Geral dos Depósitos e no Banco de Fomento Nacional passem a pagar imposto de capitais.

— O que amplia o prazo para elaboração e aprovação das novas leis orgânicas dos bancos nacionalizados.

— O que prorroga por três meses a isenção de sisa na compra de habitações.

— O que estabelece medidas de carácter transitório de modo a assegurar a continuidade das funções da Junta de Crédito Público.

— O que converte os actuais Institutos Industriais em escolas superiores.

4. Aproveitando a oportunidade de se tratar da última sessão do ano de 1974, o Governo Provisório expressou o voto unânime de um novo ano feliz em paz e liberdade para toda a família portuguesa.

Cerca de duas horas e meia durou a mesa-redonda sobre o ano político de 1974 e perspectivas futuras, que a Emissora Nacional transmitiu ontem à tarde. Estiveram presentes Otelo Saraiva de Carvalho, pela M.F.A.; Jaime Serra pelo Partido Comunista Português, Sottomayor Cardia, pelo Partido Socialista e Santos Oliveira pelo Partido Popular Democrático. Puseram as questões os jornalistas Manuel de Azevedo, Simões Ilharco e José Manuel Barroso. Foi moderador João Paulo Guerra. Síntese possível do longo debate: segundo o brigadeiro Saraiva de Carvalho, o M.F.A. «não voltará aos quartéis», continuando activo e organizado, mesmo para além das eleições legislativa e presidencial; para Jaime Serra (P.C.P.) as eleições de Março são ainda um risco e poderão contrariar o processo de democratização em curso; finalmente para os representantes do P.S. e P.P.D. não pode haver adiamentos de eleições. Santos Oliveira (P.P.D.) falou nomeadamente, de vantagens da social-democracia e Sottomayor Cardia (P.S.) defendeu o «reformismo revolucionário».

O que é o psicodrama»

Promovida pela secção de Psiquiatria Social da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, a dr.ª Anne Ancelin Skchutzenberger, «expert» de Psicologia da UNESCO, profere hoje, às 21 horas, no salão nobre do Hospital Miguel Bombarda, uma conferência seguida de debate, sobre «O que é o psicodrama».

Actualizadas as pensões da Previdência

De acordo com a nova política social, o Governo decidiu actualizar as pensões de invalidez, velhice e sobrevivência, concedidas ao abrigo da Previdência, tendo também fixado valores mínimos para as pensões de sobrevivência e determinado o aumento da pensão de viuvez de 50 para 60 por cento da pensão de reforma.

Outras alterações do regime de Previdência, fixadas por portaria do secretário de Estado da Segurança Social, referem-se à generalização do complemento de 20 por cento da pensão, por conjuge a cargo, a todas as pensões, e à integração de pescadores e comerciantes no regime geral da Previdência.

Esta medida antidiscriminatória atinge 51 mil pescadores e 220 mil comerciantes (cuja maioria são trabalhadores independentes com fracos recursos) e consiste na concessão, além de outros benefícios, de assitência médica e medicamentos, e para os primeiros, ainda a atribuição de subsídios de doença e o estabelecimento de uma pensão mínima de invalidez e velhice.

Os comerciantes devem dirigir-se às caixas distritais ou, em Lisboa e Porto, às Caixas do Comércio, onde recolherão as informações necessárias ao processamento dos direitos da sua nova situação.

Instituto António Aurélio da Costa Ferreira

Uma comissão constituída por professores convoca todos os professores do ensino especial que estejam a trabalhar no ensino oficial das classes regulares e especiais, ou no ensino particular, para uma reunião a realizar-se no próximo dia 10, pelas 21.30, no Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, com a seguinte ordem de trabalhos:

. 1. Apreciação e discussão do projecto do decreto-lei sobre a reestruturação do ensino especial.

2. Escolha dos membros do núcleo de reestruturação.

Reunião do 5.º ano de Direito

Realiza-se hoje, pelas 18.30, uma reunião de curso dos alunos do 5.º ano de Direito a fim de dar conhecimento de assuntos urgentes e de decisivo interesse para a conclusão da licenciatura. A reunião efectua-se naquela Faculdade.

Por sua vez, às 20 horas de hoje, reúnem-se os delegados dos alunos do curso nocturno do Liceu Pedro Nunes, enquanto para amanhã, às 9 horas, a fim de analisarem a nova situação académica, os candidatos ao primeiro ano do ISEF eis INEF estão convocados, para uma reunião geral.

O ano do povo português

Continuação da pág. 1

a optar com clareza, embora firmes na sua decisão de obterem uma solução original, cautelosa e pacífica sem grandes concessões às classes dominantes do regime fascista.

Oito meses vividos em festa e exuberância emotiva — e não só em Portugal — trouxeram muitos ensinamentos. Permitiram uma tomada de consciência cívica, histórica e social não só de largas camadas populares como dos próprios militares que derrubaram pelas armas o regime fascista. Permitiram, em Junho e Setembro, eliminar tentativas perigosas de travar o processo; permitiram a organização caudalosa das massas trabalhadoras; resolveram, de maneira original e realista, os mais graves problemas da descolonização; abriram-nos as portas à amizade com todos os povos; mostraram Portugal como um laboratório de esperança a tantos povos do Mundo, amordaçados pela tirania imperialista-fascista, como nós estávamos, ou espartilhados de maneira dramática nas malhas de democracias burguesas em que os trabalhadores são enredados nas contradições e crises de regimes capitalistas «evoluídos». De Abril para cá, em Portugal virou-se uma página da História dos povos mau grado a vozearia daqueles que perderam o comboio por ausência de perspectiva da História mais próxima e ignorância da capacidade criadora do povo e das suas realidades concretas. Que vivemos em democracia burguesa — dizem eles! — quando na verdade, trava-se uma luta revolucionária entre as duas classes fundamentais. Se iniciamos o ano de 1975 no limiar de grandes opções, é porque a evolução revolucionária de oito meses em liberdade nos conduziu, já, a uma situação decisiva: o poder político escapou aos monopólios capitalistas, foi-lhes tirado das mãos, mas o poder económico ainda lhes pertence, em larga escala. Simplesmente, as forças democráticas, o M.F.A. e, sobretudo, os trabalhadores, sabem disso e estão atentos, dispostos a liquidar as últimas barreiras da exploração, não só através da sua vigilância e organização nos locais de trabalho como em toda a sua organização de classe e consciência política da História.

Ganha, em alegria, a primeira grande batalha política, a consolidação dessa vitória passa, em 1975, pelo resultado da batalha económica a travar entre as classes exploradas e os monopólios. A relação de forças começa a definir-se, os caminhos da Revolução também. O ano que agora começa vai ser rico em incidências, em ensinamentos, em prática. Vai ser, esperamos, o ano da consolidação definitiva da aliança revolucionária entre o povo trabalhador e o Movimento das Forças Armadas, o ano do arranque definitivo para a conquista da justiça social e política no nosso país: se todos nós quisermos, com os pés assentes na terra, o braço forte e decidido, a cabeça bem unida ao coração.

O ano que findou, terá sido o ano de Portugal no Mundo. O ano que agora começa, será bem, estamos certos, o ano do Povo português em Portugal. A nossa homenagem simples a quem o permitiu, a quem lutou e continua a lutar por isso, em regime de aliança autêntica e criadora aos povos das colónias que, libertando-se, nos libertaram também nesta luta comum contra o fascismo.

ARMANDO PEREIRA DA SILVA

post scriptum

Táxis superexplorados

Sou motorista profissional há 10 anos. Emigrei para França em 1963, com o objectivo de vencer a vida, e como tive sempre na ideia arranjar condições para aqui voltar, escrevi, após o 25 de Abril, ao meu Sindicato, de que sou sócio n.º 1944, pedindo informações sobre as possibilidades de trabalho, caso regressasse de vez. Tudo o que pretendia era um alvará para um táxi em Setúbal.

Pouco tempo passado obtive resposta do meu Sindicato: que viesse pois não havia problemas! Fiz então o requerimento necessário à DGTT e ali deu entrada em 28 de Maio p.p.

Responderam-me na DGTT que tinham sido entregues em Setúbal, 8 alvarás, 3 dos quais ao capitalista Rogério Gonçalves, por pedido deste anterior ao 25 de Abril. Ora este senhor vendeu os alvarás que possuía por bom dinheiro, tendo agora adquirido grátis os novos alvarás...

Muitos companheiros meus se encontram na situação que exponho. E é preciso acentuar que cada alvará deveria ser explorado por dois trabalhadores, pois assim dava de comer a duas famílias.

Henrique Paiva Vareiro — Setúbal

Ambulantes sem regra

Temos ouvido falar frequentemente dos ambulantes que instalam as suas tendas próximo do cais de embarque para Cacilhas. Foram entretanto retirados há dias para um local próximo, a cerca de 20 metros, onde até se colocou uma tabuleta, desafogando a passagem para os cacilheiros.

Ficou tudo às mil maravilhas... mas apenas durante um dia! Um a um, os ambulantes começaram a voltar ao local primitivo, e hoje o que se vê? Mais do que uma «Feira da Ladra», uma balbúrdia, um caos, dificultando a passagem. Ouvem-se até palavrões desagradáveis.

Francisco Lopes — Almada

☐ *Há indicações muito concretas quanto aos «mercados de levante» da capital: a própria Polícia Municipal sabe finalmente, preto no branco, o que há a fazer para evitar a confusão de semanas atrás.*
Tudo leva a crer que nos primeiros dias de 75 a situação esteja resolvida.

Não às crianças

Tenho uma filhota de 8 anos. Ontem, domingo, quis proporcionar-lhe um dia com cinema ou teatro, coisas tanto de seu agrado. Da meia dúzia de filmes infantis em exibição em Lisboa, nas sessões da manhã, todos já haviam sido exibidos o ano passado. À tarde nem um único filme infantil, nem um só teatro infantil!

Não sei se os exibidores cinematográficos têm filhos ou netos entre os 6 e os 10 anos. Se os têm limitam-se a impingir-lhes, nas salas públicas que controlam, os mesmos filmes do ano anterior, com a agravante de muitos deles cultivarem as tropelias apalhaçadas e as desventuras da estupidês dos desenhos animados tornados pessoas ou animais.

Não seria possível, até a bem do seu negócio, que os exibidores procedessem a uma renovação dos programas com novos temas, novas origens e novos horários? Não poderia estabelecer-se a exibição obrigatório de um ou dois filmes infantis nas salas de estreia? É que, por vezes, passam maravilhosos filmes infantis juntamente com películas de fundo para maiores de 13 anos ou para adultos e que as crianças de 6 a 10 anos não podem ver... Porque não reunir dois ou três desses filmes em sessões para maiores de 6 anos?

Tudo isto porque as crianças valem sempre a pena, hoje mais que nunca.

Dr. António Malta — Lisboa

É triste e custa a qualquer mãe ou educadora que, na segunda cidade de Portugal, as crianças sejam assim esquecidas. Até quando as autoridades vão permitir que não haja espectáculos animados e aliciantes inteiramente dedicados aos de entre quatro e dez anos?

Também não posso deixar de chamar a atenção para a pavorosa falta de livros e de álbuns infantis que se verifica entre nós (e como se provou neste Natal). Quando os editores portugueses apenas se preocupam em publicar obras políticas, torna-se indispensável que alguém pense um pouco mais longe e faça política a um prazo mais longo, interessando-se pela criança.

Marta Gutierrez de Lima Lopes — Matozinhos

«Operação Barbarossa»

Afim de complementar a objectividade da crítica de Mário Castrim, gostaria de informar os vossos leitores que esta produção, foi, segundo o jornalista John Torode (**The Guardian**, 12.12.74) «bem recebida no bloco comunista. A agência soviética «Novosty» colaborou nas investigações e deu livre acesso aos seus arquivos cinematográficos de Moscovo».

Segundo o mesmo jornalista, «os polacos adquiriram 3 episódios desta série, tendo os jugoslavos exibido a referida produção integralmente».

C' Moreira — Londres NW 1

Diário de Lisboa

Fundado em 1921

Prop. da Renascença Gráfica, S. A. R. L.

Fechámos um dos anos mais importantes da nossa História em liberdade e confiança. Pela primeira vez várias gerações de portugueses sabem ou podem saber, com verdade e responsavelmente, a situação real do seu País e as propostas que desde já se lhe definem. Pela primeira vez, também, tivemos a oportunidade de nos medir à escala dos valores contemporâneos e de verificar a nossa capacidade de praticar democracia.

. . A parcela mais válida do saldo do ano que findou é essa. Ao cabo de anos e anos de massacre ideológico, de pavores e ameaças sobre o caos da liberdade e da destruição das instituições, o tal povo «incapaz por natureza» de alinhar no estilo das nações desenvolvidas demonstrou-se surpreendentemente apto a exercer a ordem democrática que o salazar/caetanismo condenavam como impraticavel ou inoperante. Sem a repressão das polícias, sem censura e sem o argumento da mentira governativa, o nosso quotidiano ganhou um novo rosto, mais movimentado, é certo, mas mais feliz e — ponto essencial — sem a anunciada destruição dos laços cívicos que unem o indivíduo à comunidade.

«Encerrou-se em 1974 a primeira fase de aprendizagem política e social», disse ontem o sr. general Costa Gomes — e só agora, ao fim de decénios, nos foi dado ouvir um Presidente da República numa saudação clara e inteligente. Só agora. A sua mensagem de Paz foi um apelo à Justiça nos «quatro planos» que a definem e, mais: um enquadramento do português de hoje na nova sociedade nacional com toda a universalidade que a envolve.

. . Não é um conceito formal de Paz aquele que o Presidente da República definiu. Afasta-se da saudação retórica ou intemporal tão usada pelos governantes autocráticos e pelos apóstolos do imobilismo. Paz, aqui, pressupõe uma procura dialéctica, um ponto de justiça que se atinge através de um equilíbrio de relações do homem com o meio e da consciência individual com a responsabilidade colectiva.

. . Por isso é que na aprendizagem de democracia a que estamos procedendo, estamos igualmente a aprender Paz. É todo um conjunto de relações de trabalho e de intervenção social que nos propomos implantar; todo um incentivo à iniciativa e à imaginação estagnada pelo dirigismo; toda uma revisão da concepção de autoridade ao nível nacional e privado. E seria ilusório admitir que essa Paz, esse equilíbrio, se pudesse alcançar sem os erros por excesso e sem os desvios por aproximação que fazem parte de qualquer processo histórico.

Na empresa, como na escola, essas perturbações afectaram, e afectarão no futuro, o rendimento da vida nacional. Mas são elementos de correcção, não esqueçamos, e representam experiências que, embora por vezes caras, formam a consciência prática da linha política a seguir. Uma análise destes últimos oito meses demonstra a que ponto o sector do trabalho se tem vindo progressivamente a normalizar, com todos os movimentos de resposta e de ajustamento às novas formas de relação. À Intersindical coube aqui um papel decisivo e é indiscutível que uma parte fundamental da reestruturação do trabalho nacional se deve à sua capacidade politizadora. É todavia indispensável que essa intervenção seja facilitada por uma politização consciente dos trabalhadores e por uma selecção da gestão.

. . Entretanto, falamos de crise. Sabemos que o rendimento da nossa produção se encontra perigosamente baixo. Que a greve selvagem e o espontaneísmo não desapareceram da nossa praxis reivindicativa. Que o oportunismo e a apolitização ainda subsistem em algumas expressões da vida social dos trabalhadores. Que, ao cabo de anos e anos de salários de escravatura, a contestação se propõe, por vezes, em termos só praticáveis em sociedades subdesenvolvidas.

. . Sim, sabemos de tudo isso. E no entanto essas explosões resultam de uma ausência de diálogo no trabalho imposta durante decénios. Assentam, e muito, na incapacidade de adaptação às novas relações de produção que uma democracia pluralista contém em si mesma.

. . No plano interno vários factores terão contribuído para dificultar a normalização das instituições e da actividade empresarial. A retracção ao investimento, sem dúvida; a boicotagem, o êxodo de capitais e as deliberadas resistências económicas; a persistência em métodos autocráticos de gestão; a imprecisão (ou desorientação) da prática disciplinar e das hierarquias do trabalho com as consequentes precauções patronais, tendentes a restringir o recrutamento de novos quadros. Isto, que é afinal um reflexo da herança deficitária que nos veio do fascismo, foi tanto mais agravado quanto é certo que não se acompanhou do indispensável saneamento em prazo e profundidade.

. . Aqui, sim, teremos a parcela mais negativa do balanço de 74 — e a mais inquietante pelas consequências que comporta. Conflitos e quebras de rendimento nas unidades privadas e nas instituições públicas devem-se, na sua maioria, à permanência de quadros comprometidos com a política e os métodos do regime anterior e, por isso, incapazes de garantir um clima de confiança e de dinamização. A nossa economia, a nossa saúde, o fomento escolar, dependem rigorosamente das opções corajosas que forem tomadas nesse sentido. A nossa Paz, também — a Paz que, como acentuou o Presidente da República, terá de ser «construída numa atitude crítica e de vigilância permanente». Numa palavra, a nossa sobrevivência como nação em liberdade.

. . Assim vamos nós enfrentar o novo ano, com a experiência de várias frentes de acção democratizadora. A coesão do Movimento das Forças Armadas e o sentido da sua vontade política asseguram-lhe uma implantação popular que desencoraja os saudosistas do salazar/caetanismo e que, fatalmente, se traduzirá na aceleração do processo democrático. Insistiremos, por isso, nas prioridades que temos vindo a desenvolver nos capítulos da descolonização, do trabalho, da assistência e do equipamento social. A essas juntaremos a do fomento escolar, habitação, revisão da política dos solos — mil facetas, enfim, de uma realidade que estamos transformando.

. . Importa é que o façamos, como até aqui, com confiança e sem triunfalismos. Que saibamos que 1975 vai ser decisivo para a consolidação de uma linha de futuro, construída, como ensina a História e manda a objectividade, com determinação, sobressaltos e verdade.

Informação sobre Portugal bandeira de luta em Espanha

. . Todos o sabemos e o Boletim do Movimento das Forças Armadas veio, recentemente, a denunciar o facto: certa Imprensa estrangeira parece empenhada em distorcer os acontecimentos em Portugal, aumentando, diminuindo, falseando ou, simplesmente, inventando factos de acordo com a fantasia do enviado especial ou correspondente de serviço, ou com os desejos do proprietário do meio informativo.

Assim, leitores de todo o mundo têm podido inteirar-se de que «nas ruas de Lisboa reinam a desordem e a anarquia», há «movimentos de tropas» em pleno centro da capital, «massissas entradas clandestinas de armas», etc..

Quem são os mais responsáveis por esta campanha de descrédito que envolve o novo regime português? A Imprensa mais fortemente capitalista europeia, que inicialmente vira com simpatia o golpe do 25 de Abril, rasgou a máscara em curiosa simultaneidade com a queda de Spínola, em 28 de Setembro. A Imprensa anglo-saxónica, que conta com numerosos correspondentes e enviados especiais em Portugal, foi mais longe que ninguém, ao expressar o seu péssimismo sobre o futuro do País, que havia de cair, irremediavelmente, numa «ditadura comunista». Em alguns jornais chegou-se a dizer, por aqueles dias, que vários correspondentes estrangeiros tinham prometido apoio à causa «spinolista», caso esta triunfasse... E, assim, os jornais tradicionalmente mais bem informados do mundo mostraram, às vezes, uma surpreendente desinformação sobre o que se estava a passar em Portugal (não esqueçamos, por exemplo, que o COPCON chegou a fazer uma visita às instalações de uma agência de Imprensa estrangeira que parecia especialmente «confusa» acerca de alguns acontecimentos).

Mas o anteriormente dito não significa, nem pouco mais ou menos, que tenha sido assim com todos. Certo que alguns dos melhores comentaristas políticos internacionais equivocaram-se ao fazer previsões sobre Portugal, mas também não é menos certo que parte destes erros se deveram à inevitável confusão que marcou os primeiros passos da «revolução dos cravos».

Parece, pois, pelo menos injusto acusar de «má vontade» a generalidade da Imprensa estrangeira, em que existem bons exemplos de solidariedade com a difícil tarefa do MFA.

Por exemplo, o estudo atento de alguns dos jornais e revistas espanhóis que chegam a Lisboa, assim como as viagens ao país vizinho em que se proporciona a oportunidade de contactar jornalistas profissionais permitem conhecer melhor e objectivamente as coisas.

A ninguém escapa que o 25 de Abril constituiu um facto crucial, não só para o povo português como também para os vizinhos espanhóis cuja Imprensa, salvo naturais excepções, saudou com irreprimível alvoroço — em que se deixava adivinhar certa in-

Continua na pág. 8

NACIONAL

O M.F.A. CLARIFICA POSIÇÕES

Continuação da pág. 1

Antes de ser dado início á leitura das respostas, feita pelos vários membros da Coordenadora, o tenente-coronel Charais fez uma breve análise ao trabalho realizado desde o 25 de Abril explicando que esta conferência de Imprensa nascera do facto da Comissão Coordenadora ser constantemente assediada com o pedido de entrevistas, quer individualmente quer em globo. Por isso decidiu, neste fim de ano colocar-se à disposição dos órgãos da Informação para dar respostas a perguntas cujo esclarecimento interessa à opinião púboica. As respostas não representaram o pensamento individual dos membros da C.C. mas sim o ponto de vista colectivo. Após esta breve explicação afirmou o tenente-coronel Charais na sua alocução:

. «Antes de entrarmos no período de respostas àquelas questões, a Comissão Coordenadora do Programa julga pertinente fazer uma breve apreciação à forma como decorreram estes oito meses de revolução e ao modo como, em seu entender, estão a ser cumpridos os objectivos do seu Programa.

«Antes de encetar esta breve análise, julga-se conveniente, mais uma vez, chamar a atenção da nação portuguesa para o facto de o Programa do M.F.A. não ser um documento preenchido com conceitos e proposições rígidas que pretende traçar, a régua e esquadro, a orientação política, económica e social da nação. Como programa de um Movimento, não poderá deixar de ser dinâmico, procurando a solução dos problemas surgidos pela aplicação, constantemente ponderada, dos seus princípios gerais orientadores aos dados reais das situações, em cada momento, tal não poderia deixar de verificar-se, pois, a relevância do seu formalismo, sobre o seu conteúdo, levaria, como facilmente se poderá compreender, à estiolação e extinção do próprio Movimento. O Programa, expressão escrita de um conjunto de motivações fundamentais do povo português e por ele ratificado em 1 de Maio só poderá considerar-se ultrapassado ou ambíguo apenas por quem dele faça uma leitura formal, sem atentar no seu espírito, espírito este que ressalta claro numa leitura atenta e sem preconceitos, e sem o integrar nas condicionantes geopolíticas em que Portugal está inserido.

. .«A não observância das condicionantes atrás referidas, levou alguns a considerar como um desvio ao Programa do M.F.A. as soluções adoptadas para o problema ultramarino. Formalmente, não constava, de facto, no Programa, o reconhecimento, por Portugal do direito dos povos às autodeterminações com todas as suas cosequências, incluindo a independência. Este princípio, incluído pela comissão de redacção do Programa, foi retirado do seu texto original após prolongada discussão, por decisão maioritária dos membros da anterior Junta de Salvação Nacional, na madrugada do dia 26 de Abril. No entanto, o desenvolvimento de todo o processo veio demonstrar que, sem uma descolonização eficiente e rápida, não seria possível uma política ultramarina que conduzisse à paz, e consequentemente, uma política que conduzisse à solução dos graves problemas nacionais e à harmonia, progresso e justiça social indispensáveis ao saneamento da nossa vida pública e à obtenção do lugar a que Portugal tem direito entre as nações, constantes das considerações finais do Programa do M.F.A. através da lei 7/74 de 26 de Julho e face à situação real do problema ultramarino, são materializados, revolucionariamente, os princípios gerais orientadores do Programa nesse campo. Em síntese podemos afirmar não ter havido desvio ao espírito do Programa, e que o processo de descolonização, um dos seus principais objectivos, tem prosseguido, prestigiando a nação portuguesa e permitindo, quase de forma espectacular, o cumprimento de um outro dos seus pontos; o alargamento e diversificação das relações internacionais, com base na amizade e cooperação entre os povos.»

«INTERPRETAÇÃO LEGALISTA E CONSERVADORA»

. .«A mesma óptica formal, foi factor impeditivo da clarificação da situação e, consequentemente, da marcha do processo revolucionário, durante a vigência do primeiro Governo Provisório. De facto, a interpretação dentro de uma perspectiva legalista conservadora da afirmação de que as grandes reformas de fundo só poderão ser adoptadas no âmbito da futura Assembleia Nacional Constituinte, foi um dos factores da sua inoperância. Tal afirmação, no contexto do Programa, apenas deve ser entendida como não competir ao Governo Provisório a definição do sistema político, económico e social em que a nação passaria a viver. No entanto, são imposições do Programa, que terão de ser cumpridas pelo Governo Provisório, a democratização política, económica e social a todos os níveis, tendo permanentemente como ideia-força ou alvo prioritário, os interesses das classes mais desfavorecidas, trabalhadores, em geral, e operários e camponeses em particular. A clareza da opção do Programa do M.F.A. da qual ressalta um evidente humanismo revolucionário e um inequívoco sentimento de unidade e independência nacionais, conjugado com os princípios recíprocos, em matéria de política externa, de independência e igualdade entre os Estados, a não ingerência nos assuntos internos de outros países e de defesa da paz, alargando e diversificando relações internacionais com base na amizade e na cooperação ou não tem sido compreendida, ou tem sido objectivo de manobras da reacção, quer internas, quer externas, visando obscurecer o processo revolucionário ou comprometer o M.F.A. em interesses inconfessáveis que se opõem à liberdade, dignificação e bem-estar do povo português. O processo de democratização política económica e social, apesar de algumas conquistas favoráveis já alcançadas, terá, não obstante as dificuldades de vária ordem que se lhe opõem, de ser acelerado. No campo político, o saldo pode considerar-se positivo. A nação portuguesa, denotando já possuir maturidade política, assistiu, sem convulsões internas, a mudanças do Governo Provisório, do Presidente da República, compreendendo imediatamente a necessidade de tais mudanças e apoiando-as inequivocamente. No ano de 1975 teremos eleições livres, pelas quais o povo português expressará a sua vontade através das organizações dos partidos. O esclarecimento político actual da população poderá não ser o mais desejável, nem tal seria possível, uma vez que a democracia não é objecto que se dê ou que se compre, mas terá que ser aprendida e conquistada na prática prolongada de verdaeeiras instituições democráticas.

«Estamos convencidos de que o povo portuvuês terá já, o discernimento suficiente para escolher os partidos que o pretendam servir e não servir-se dele, uma vez que aceitará todos aqueles que, nos processos de acção política que adoptem, tenham como denominador comum os princípios e objectivos do Programa do M.F.A. e as conquistas democráticas já alcançadas. O M.F.A. velará para que o mesmo povo não seja enganado pela exploração da ignorância em que foi mantido durante tantos anos.»

SANEAMENTO

«No campo económico e social, desenvolve-se, como é do conhecimento de toda a gente, intensa actividade, tendente a definir objectivos e processos que permitam recuperar o tempo perdido. Um dos grandes obstáculos que se oporão à concretização rápida daqueles objectivos, para além de outros já do conhecimento da nação portuguesa, são as actuais estruturas da nossa sociedade. O regime fascista, para além das suas figuras carismáticas, colaboradores, sistemas repressivos, dilatou-se no tempo, mercê do apoio recebido de uma estrutura viciada e viciosa, que se alargou a todos os sectores do aparelho de Estado, com repercussões profundas nas estruturas comerciais e industriais. A opção política atrás referida, e não é demais sublinhar, inteiramente independente de qualquer perspectiva ideológica partidária, interna ou externa, não poderá ver os seus fundamentos lançados sem uma rápida reformulação e saneamento das actuais estruturas da sociedade portuguesa. O considerar-se esta reformulação e saneamento como uma grande reforma de fundo, constitui um artifício que obsta inteiramente à sua execução. O M.F.A. afirma a sua inabalável decisão de proceder de acordo com o estipulado no seu Programa, embora com os cuidados que permitam o seu processamento sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar. Para tal, garante a todos os portugueses, ao iniciar o ano de 1975, um Movimento das Forças Armadas mais forte, mais coeso e perfeitamente consciencializado para a consecição dos objectivos do seu Programa.

«O ano de 1975 não será um ano fácil. As dificuldades a vencer serão muitas. Mas unidos, Movimento das Forças Armadas e Povo Português, continuaremos a lançar, pedra a pedra, esse edifício que será o novo Portugal.

«A todos os portugueses o Movimento das Forças Armadas, pela sua Comissão Coordenadora, deseja um ano de 1975 de intensa consciencialização política, de paz, de progresso e de bem-estar social.»

O FUTURO DO M.F.A.

Após a alocução do tenente-coronel Charais foram lidas as respostas às perguntas que haviam sido formuladas pelos diversos jornais.

P. — Os jornais «Diário de Lisboa», «Capital» e «Diário de Notícias» apresentaram um conjunto de perguntas nas quais se colocam fundamentalmente os seguintes problemas: institucionalização do M.F.A.; relações entre a Junta de Salvação Nacional e o próprio M.F.A.; continuação ou não do M.F.A. para além do período pré-democrático que termina cerca de Outubro próximo e, em quarto lugar a intervenção política na vida nacional.

R. — «As perguntas feitas levam-nos a uma questão da maior acuidade que parece ser a síntese de todas as interrogações formuladas. Qual o futuro do M.F.A.?

«Antes, de uma forma seca pretendermos dar imediata resposta a estas interrogações, interessa repensar um pouco sobre a evolução que, sob determinada óptica, o processo sofreu após o 25 de Abril. Com a acção militar então ocorrida, surge, à face do próprio Programa do Movimento, a definição dos órgãos de soberania. Essa definição deixava omissa a forma de participação de todo o Movimento das Forças Armadas. Sabe-se que surgiram correntes e certos sectores, embora minoritários, remetiam-nos (referimo-nos ao Movimento) aos quartéis, já que, segundo esses sectores, a representatividade do M.F.A. ficaria a cargo da Junta de Salvação Nacional e da Comissão Coordenadora do Programa que são também membros do Conselho de Estado. Falava-se em representatividade e bem, já que esses membros tinham que ser fiéis intérpretes do pensamento e vontade revolucionários que inspirou larga camada de jovens militares. E esses logicamente teriam que, por processo adequado, fazer chegar as suas obrigações de colaboração aos escalões executivos seus representantes. O dinamismo do processo revolucionário dir-se-ia assim uma reestruturação dos Movimento das Forças Armadas que, institucionalizado, poderia ser o garante de todo o processo, e alargá-lo a todas as Forças Armadas. Só após o 28 de Setembro tal realidade foi compreendida, e logo que eleita a nova Junta de Salvação Nacional se iniciaram os trabalhos que breve conduziriam à institucionalização do M.F.A. Surgem assim, dentro do Movimento órgãos já conhecidos como o Conselho Superior dos Vinte, a Assembleia do Movimento das Forças Armadas, os Conselhos dos diversos ramos das Forças Armadas, etc. etc. etc. Estavam agora criadas as condições para, em conjunto, os militares analisarem o curso dos acontecimentos políticos, o que até então não tinha sido possível concretizar. Se atentarmos que, do próprio Programa se extrai que o sistema político vigente terá de processar-se sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar da nação, e que se comprometia o M.F.A., como plataforma necessária, garantir a adopção de medidas todas elas expressas no Programa, logo isso seria que, em consciência, se procurava fazer como que uma espécie de balanço. Sem dúvida que muito de positivo e algo mesmo de quase transcendente se operou em alguns campos. Não obstante, quanto a medidas preparatórias de carácter material, económico, social e cultural que garantam o futuro do exercício efectivo da liberdade política dos cidadãos, quanto a uma nova política económica posta ao serviço do povo português em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta subida do custo de vida, o que necessariamente implicará uma estratégia antimonopolista, quanto a uma nova política social que em todos os domínios terá essencialmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e o aumento progressivo e acelerado da qualidade de vida de todos os portugueses, quanto a todas estas medidas, dizíamos, se apercebeu o M.F.A. de que, para além de correcções introduzidas nos esforços já feitos, muito havia por concretizar e assim lhe cabia, de momento, a responsabilidade de, como se disse, repensar e recomeçar.»

«Paralelamente, ao segundo Governo Provisório surgiram também momentos de idênticas interrogações. Daí o reforço de unidade dentro do Movimento, daí a consciencialização da sua responsabilidade, daí a obrigatoriedade de se admitir, tal como o M.F.A. proclamou ao País, a obrigatoriedade de zelar as referidas plataformas mínimas. Essa a génese da questão, que no fundo é, como foi dito no princípio, qual o futuro do M.F.A.. A exposição já feita permite responder agora com mais objectividade aos problemas considerados fundamentais no grupo das questões que foram apresentadas. Primeira questão: institucionalização do M.F.A. Consideramos que a institucionalização, agora ou mais tarde, do M.F.A. é problema de somenos importância na medida em que é um fenómeno natural resultante da própria dinâmica do processo em curso. A lei é fruto da prática pois só assim os decretos vertidos no papel possuem a legitimidade real que lhes permite cumprir. Portanto a institucionalização formal do M.F.A. é um fenómeno natural resultante da própria dinâmica do processo em curso.

«Quanto à segunda questão — a das relações entre a Junta de Salvação Nacional e o M.F.A. — a J.S.N. é efectivamente o órgão supremo institucionalizado pela revolução. Para actuar necessita de estar permanentemente a par da vontade de quem o criou — o M.F.A. Essa a razão por que, a partir do 28 de Setembro há uma ligação profunda e permanente da J.S.N. com o M.F.A.

«A terceira questão, que refere a continuação ou não do M.F.A. além do período pré-democrático que terminará cerca de Outuro próximo poderá dizer-se que nunca se pôs. Nem nunca se porá a questão de terminar o M.F.A. em qualquer momento. Isto para o próprio M.F.A. O Movimento durará enquanto eixistirem as Forças Armadas porquanto estas se estão transformando aceleradamente no M.F.A. O M.F.A. é efectivamente o mesmo que Forças Armadas em Movimento.

«Quanto à última questão deste grupo, e que refere à intervenção política do Movimento na vida nacional, além da Assembleia Legislativa, parece-nos poder dizer o seguinte: a prática da revolução portuguesa parece mostrar que a tenra democracia que haverá — este é ponto de honra do Movimento — de surgir institucionalizada cerca de Outubro próximo, com a entrada em funções da Assembleia Legislativa e outros órgãos do Poder, que essa tenra democracia dizíamos, necessita de ser amparada e garantida, tendo em vista o seu enraizamento profundo na sociedade de todos nós. O M. F. A. não enjeita a responsabilidade que assumiu perante o povo português. O M. F. A. está pronto a contribuir para este enraizamento em ligação estreita com todas as forças progressistas e democráticas.

. **P. — Participação do Movimento das Forças Armadas na Assembleia Constituinte.**

R. — Perante o Povo Português a responsabilidade que o M.F.A. assumiu em 25 de Abril mantém-se e não pretende alienar, implica necessariamente uma vigilância atenta e uma participação activa em tudo quanto disser respeito à democracia que tem de defender e ajudar a construir. É neste contexto que o problema da Constituinte deve ser encarado. Falta apenas definir qual a forma como essa vigilância deverá ser exercida uma vez que a vontade política do Movimento é inabalável quanto à defesa dos interesses democráticos. Entretanto aguardamos ainda que a decisão suba das bases do M.F.A. até à Comissão Coordenadora, como aliás tem vindo sempre a ser feito desde que a ideia da revolução nasceu entre nós.

P. — Criação de leis que garantam o progresso da revolução, problema da legalidade revolucionária, problema da necessidade de promulgar legislação revolucionária, julgamento revolucionário do fascismo e ainda a tomada de medidas revolucionárias anticorrupção. (Perguntas apresentadas pelo «Diário de Lisboa», Rádio Clube Português e «Diário Popular»).

R. — Podemos sintetizar estas perguntas fundamentalmente no problema da legalidade revolucionária e da actuação revolucionária. A posição da Comissão Coordenadora do Programa é a seguinte: Torna-se evidente a necessidade de em todo o processo iniciado em 25 de Abril manter a coerência revolucionária para que o Movimento não seja a expressão de um simples levantamento militar que seria incapaz de resolver as contradições da sociedade portuguesa mas se converta numa autêntica revolução que concretize as aspirações do Povo. Neste contexto se torna necessária a implantação de uma legalidade revolucionária, o que é evidente, essa legalidade não deverá ser o resultado de leis mais ou menos abstractas havendo, como muitas vezes ainda se nota, a tendência para decalcar modelos da legalidade fascista, mas sim resultado de actos concretos que em cada momento sejam uma resposta aos problemas objectivos que há que vencer, resposta essa que será função da capacidade revolucionária existente em cada momento. Cometem portanto um erro todos quantos pensam que será um texto escrito, lei, programa, plano ou seja o que for, que irá resolver sozinho situações concretas. As situações resolvem-se pela prática adequada que concretize uma análise objectiva de cada situação, análise essa que terá que ter em conta, necessariamente, as relações das forças em presença. Isto implica a adequação de cada resposta a cada problema. Só assim tem sido possível ao M.F.A. superar

Continua na pág. 19

ESPECTÁCULOS

SALVÉ, 1975! O FUTURO TEM SINAL VERDE

Canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

1 — Breves apontamentos foram aqueles da conferência de Imprensa da Comissão Coordenadora do M.F.A. Breves, mas que valeram tudo o mais. Podia perfeitamente passar por cima de todo o programa da televisão e guardar apenas as palavras claras e firmes do tenente-coronel Charais, do capitão Pinto Soares, do major Canto e Castro, do capitão Vasco Lourenço. A minha vontade era agarrar nelas, transcrevê-las. Não vale a pena. Os jornais não se vão esquecer disso, era o que faltava! Em verdade vos digo: trata-se de declarações históricas que deviam ser levadas ao conhecimento de todos os portugueses.

O ano de 1975 começa bem. Começa com as mais belas palavras jamais ouvidas através da televisão. As palavras que dão sinal verde ao futuro.

2 — Quanto às festas que consagram a passagem do ano, vimos o quê? Vimos não sei quê em Moscovo, não sei quantos em Nova Iorque e no Rio de Janeiro e em Londres. Coisas que vêm de longe, que vêm pela Eurovisão.

Isto não significa que em Portugal também não tivesse havido passagem do ano. Com as festas correspondentes. Festas animadas pela alegria popular, claro. Como não havia o nosso povo de festejar a sua liberdade?

. A televisão portuguesa não se esqueceu disso. Não podia esquecer-se. Se se esqueceu-se, havia de pensar que não tinha havido festa. E o que fez para provar, para reflectir a alegria da primeira passagem de ano em liberdade?

Muito fácil. Mandou reportagem ao hotel das Arribas, governado em regime de autogestão, onde pudemos assistir à alegria do Óscar Acúrsio. E não se esqueceu de dar notícia e registo do banho tradicional na praia de Carcavelos. Como nos outros anos. E também por intermédio de Fernando Pessa.

Pronto. Lavou daí as suas mãos. Para a televisão portuguesa não houve mais nada de interessante e de significativo. Pena, pena. Eu cá, por exemplo, passei a noite no convívio do M.D.P./C.D.E., no Pavilhão dos Desportos. Muitos milhares de companheiros e amigos numa grande festa antifascista, como é obrigatório para todas as festas. Comovente aquela primeira saudação de 1975: pela voz de Joaquim Benite, a primeira recordação dos portugueses foi para o povo espanhol. E depois vieram os italianos e cantaram suas canções de resistência. E depois vieram socialistas e associaram-se à festa em seu nome individual e foi reconfortante ouvi-los e a noite ficou de súbito mais iluminada. E depois veio uma delegação do Partido Comunista e interpretou, com indiscutível emoção, o hino dos presos de Caxias, escrito pelo poeta e meu amigo Vasco Costa Marques. E é claro, não nos esquecemos do Chile, como seria possível esquecê-lo?

. Penso na maravilhosa reportagem que esta noite dava: a alegria popular, as danças, os artistas. A televisão ia lá, gravava tudo e tinha para uma data de programas de variedades portuguesas, coisa que tanto falta nos nossos serões.

Ah, já me esquecia. O M.D.P./C.D.E. é um partido. Isenção. Há que atender à isenção. Se não, qualquer dia o P.P.D., ou o P.S.P., também arranjavam uma festa popular e depois lá tinha de ir a televisão. Era um sarilho. Nunca mais deixava de andar em festas populares.

Isenção. Claro, claro. Ainda não há um ano, eram os militantes da C.D.E. perseguidos e espancados e as suas reuniões perturbadas e desfeitas pelas forças fascistas. A televisão portuguesa paga-lhe agora isso com isenção. Muitos dos amigos que se encontravam no convívio do Pavilhão dos Desportos ainda têm sinais das perseguições e espancamentos por causa das «eleições» de 1973. Aquela, era a sua primeira festa de liberdade. E a televisão não foi lá. A televisão ignorou. Em holocausto à isenção.

Isenção, isenção, tambalali, tambalalão...

3 — Angústia. Um homem entra na cabina telefónica. Posta ali como uma ratoeira. Posta ta ali como uma ratoeira. Entra e já não sai. Ninguém consegue ajudá-lo. Está condenado. Irremediavelmente.

O grito vem de Espanha. Um grito claramente gritado. Tão grito que quase não tem palavras. Uma fábula que nada faz para se disfarçar: aquela cabina inclui-se numa paisagem, confunde-se com a brutalidade, a desumanidade dos prédios: ora parece o seu prolongamento, ora parece inseparável deles. Aquela cabina não está na realidade pela simples razão de que ela é a própria realidade.

Nestes primeiros dias de Janeiro, são de boa norma os filmes de esperança e boas-festas e sejamos todos amiguinhos e a vida é bela nós é que damos cabo dela, coisas assim, muito Coração d'Amicis. *A Cabina* parece fugir ao esquema.

Tanto melhor. A verdade é que o desespero — ou a desesperança, se quiserem — surgem-nos denunciados e não propagandeados. E como se nos dissesse: no fascismo, não há solução para o homem; o fascismo é a destruição do homem. Por isso, aquele homem da *Cabina* não se salva.

Então que fazer? Cruzar os braços? Se o homem é destruído pelo fascismo, quem vence o fascismo? Os homens, depois de tomarem consciência da natureza do fascismo. Há, portanto, que denunciar essa natureza destruidora do humano. Isso já é combater o fascismo.

Assim se praticou em *Cabina*. A denúncia está feita. Com alguma ambiguidade, talvez como sucede quando se fabuliza. Recordemo-nos que aquele homem, que parece estar só, não o está na realidade: ele está a ser pensado, visto, organizado por uma equipa formidável de realizadores, operadores, técnicos. Sem contar com o actor. Não se esqueçam: a Arte

Continua na pág. 17

TEATRO MONUMENTAL
Telef. 5 5 5 1 3 3

SÓ mais alguns dias

DO EXTRAORDINÁRIO ESPECTÁCULO QUE CONQUISTOU O PUBLICO

UM ÊXITO TOTAL!!...

International Sexy Festival

As mais famosas super-vedetas do strip-tease mundial e grandes atracções internacionais!!!

colaboração dos artistas portugueses

Octavio Matos
Oscar Acúrcio
Notalina José
ODETE Antunes

Produção de Nando Milazzo

O ESPECTÁCULO DA HORA ACTUAL

TODAS AS NOITES
2 sessões
às 21 e 23 horas

Interdito a maiores (18) anos

Exclusivo da Agência Internacional Artística

DOMINGOS «MATINÉE» 16 H ● 2.ª-FEIRA DESCANSO C.ª

O MAIS ACLAMADO FILME D. 1974!

Robert Evans apresenta

"Chinatown"

de Roman Polanski

Jack Nicholson · Faye Dunaway

JOHN HUSTON · JOHN HILLERMAN · PERRY LOPEZ · BURT YOUNG

TECHNICOLOR · PANAVISION

Não aconselhável a menores de 18 anos

3.ª SEMANA

CALEIDOSCÓPIO / estúdio Apolo 70

Teatro VARIEDADES

GUARDE PARA AMANHÃ O QUE PENSAVA IR VER HOJE

HOJE É O DESCANSO DA COMPANHIA

AMANHÃ, EM 2 SESSÕES A REVISTA POPULAR

Ó PÁ, PEGA NA VASSOURA!

Em ALBUFEIRA, o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no Largo Eng.º Duarte Pacheco (António Santos Labisa)

★ ☆ ★ ☆ ★ ☆ LEÕES — CÃES — CHIMPANZÉS — CAVALOS — E RIA — PALHAÇOS ★ ☆ ★ ☆ ★ ☆

MAIS DE 100 ARTISTAS

NA AVENIDA DA REPÚBLICA — PERTO DA FEIRA POPULAR

O QUE É BOM TAMBÉM ACABA

— GRAN CIRCO DA RÚSSIA —

DEPOIS DE SER VISITADO POR MAIS DE

80000 ESPECTADORES

ESTÁ REALIZANDO OS ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS

SÓ ATÉ AO DIA 6

TODOS OS DIAS AS 16 E 21,45 HORAS

DOMINGO, 3 ESPECTÁCULOS AS 15, 18 e 21,45 HORAS

ATENÇÃO — NOS ESPECTÁCULOS DOS DIAS 2, 3 e 6 todos os CAMARADAS DO P. C. P. e todos os filiados em Sindicatos com as carteiras, têm um desconto de 50%

25 — ATRACÇÕES — 25

★ ☆ ★ ☆ ★ ☆ UM CIRCO — UM PROGRAMA — UM ESPECTÁCULO ★ ☆ ★ ☆ ★ ☆

ESPECTÁCULOS

Crítica de teatro

Carlos Porto

CONSOADA TEATRAL NO PORTO

«Homo Dramaticus», de Alberto Adellach. Encenação: Júlio Castronuovo. Assistente: Fernanda Gonçalves. Luminotécnico: Fernando Teixeira. Intérpretes: Jorge Pinto, Augusto Leal, Diamantino Silvestre, Armando Alves, TEP. Teatro António Pedro. 20/12/74.

«A Seiva Conta Catarina na Luta do Povo», de Luís Humberto. Encenação: Júlio Cardoso. Cenografia: Moura Pinheiro. Música: Moreira das Neves. Carpintaria: José Ribeiro. Técnicos: Albano Martins e Alcindo de Carvalho. Intérpretes: Amadeu Carlos, Ana Elvira, António Reis, Castro Guedes, Elizabeth Maio, Estrela Novais, João Guedes, Júlio Cardoso, Maria da Conceição, Maria Manuel, Maria Margarida. «Seiva-Troupe» (Teatro Vivo). Centro Cristão da Mocidade. 23/12/74

Não acabaram os problemas do TEP. Por um lado, porque o subsídio que lhe foi concedido pelo Fundo de Teatro é nitidamente insuficiente para que possa fazer a reestruturação que se impõe; por outro lado, porque não se vislumbra uma grande vontade em meter ombros a essa tarefa para a qual seria indispensável o apoio e a colaboração da própria cidade.

O primeiro espectáculo desta temporada do TEP reflecte, pois, a situação que aquela associação continua a viver, sobretudo no que se refere ao elenco de que dispõe e que condiciona quaisquer projectos de criação. Socorrendo-se ainda uma vez da colaboração do encenador argentino Júlio Castronuovo, o TEP apresenta um texto intitulado «Homo-Dramaticus», de Alberto Adellach (ao que supomos autor argentino). Trata-se de uma peça adequada às possibilidades do grupo e do próprio encenador que, uma vez mais, pôde desbobinar a sua capacidade de director de actores, com especial incidência na utilização do vocabulário mímico. É claro que esse vocabulário torna-se repetitivo, começa a funcionar como uma receita que o encenador aplica cuidadosamente mas sem grande poder criativo.

O espectáculo do TEP divide-se em três partes (com mais intervalo do que teatro); a primeira parte, intitulada «Criaturas», é como que a iniciação ao jogo teatral. Trata-se, aliás, de uma brincadeira (séria) em que dois actores (Jorge Pinto e Augusto Leal) evocam situações típicas do homem: desde o jogo infantil do «cow-boy» e do índio até à viagem no espaço. Sem cenário, utilizando apenas dois tabuleiros de madeira, através da mímica e da voz, os dois actores passam rápida e facilmente de uma a outra situação (a guerra, o avião, o bombardeamento, a descida em para-quedas, o naufrágio, a base secreto bela.

A segunda parte intitula-se «Marcha», e é interpretada por Diamantino Silvestre, Jorge Pinto e Augusto Leal. Três homens mimam uma marcha evidentemente simbólica. Na plateia, alguém dispara. Um deles cai para logo se levantar; e outro; e assim sucessivamente. Há uma resistência ao avanço do homem mas essa resistência não o impede de persistir nesse avanço. Num momento, um dos homens recusa-se a avançar mas a isso é obrigado pelos outros dois. No final, os três homens são abatidos: não há esperança para a Humanidade.

Terceira parte: «Palavras», com Diamantino Silvestre, Augusto Leal, Jorge Pinto, Fernando Alves, etc. Um homem lê a Bíblia. Palavras. Os outros homens trocam. Batem-lhe. Um mija sobre ele. Impedem-lhe a leitura, a prédica. Roubam-lhe o livro que jogam como se se tratasse de uma bola. O homem cai; os outros rasgam páginas da Bíblia e lançam-nas sobre ele como se fosse neve. Agarram-no; colocam-no sobre um praticável como se fosse Cristo crucificado. O homem enlouquece; a sua linguagem torna-se incompreensível. É a linguagem da morte.

Se fôssemos julgar esta obra pelos seus valores intrínsecos, não deixaríamos de reconhecer e de valorizar o que nela há de surpreendente como matéria teatral; a capacidade de síntese que o autor revela; o rigor de certas situações aparentemente anárquicas; a simplicidade na mudança de registos e a complexidade que essa simplicidade oculta; a escrita, por vezes muito bola.

Mais do que esse tipo de questionamento em relação a um espectáculo de teatro, parece-nos justo perguntar se esse espectáculo funciona com (ou contra) o público a que se dirige. Espectáculo que não apresenta nenhuma saída para a problemática que levanta mas que, ao mesmo tempo, não motiva suficientemente essa ausência de perspectivas; espectáculo cuja função política aparece nitidamente desfasada com o tempo português — é o caso da terceira parte em que se demonstra que a palavra sem o poder de nada vale — o que é a própria evidência; espectáculo que vive mais de um jogo cénico bonito e por vezes justo, do que de uma poética profunda ou do que de uma comunicação politicamente eficaz com o público, não nos parece integrar-se na linha do teatro que ao TEP interessa fazer e que ao público do Porto interessa que o TEP faça. Dos actores, desejo focar o trabalho de um jovem (Jorge Pinto) que deve ser seguido.

O espectáculo da «Seiva-Trupe» (grupo subsidiado pelo MEC) coloca-se no polo oposto do espectáculo do TEP. Devemos dizer que nem em todos os planos o contraste é favorável ao espectáculo do grupo dirigido por Júlio Cardoso, ao qual se juntaram alguns elementos do TEP, nomeadamente João Guedes, Estrela Novais e António Reis, além do director. O facto de um espectáculo (ou qualquer outra obra) se apoiar no nome de Catarina Eufémia implica uma responsabilidade que deve estar pelo menos à altura da audiência que necessária e inevitavelmente terá. Por outras palavras, um espectáculo sobre Catarina Eufémia tem que corresponder, não só política como esteticamente, à vida que se propõe evocar.

Podemos dividir o projecto da «Seiva-Trupe» em dois planos principais: o levantamento de um espectáculo político que possa ser utilizado numa campanha de esclarecimento do Povo Português; a recusa, com essa finalidade, de qualquer hipótese de ficção, preferindo enfrentar directamente a hipótese do espectáculo-comício à hipótese do espectáculo-divertimento. Isto, sem cair na secura do teatro-documento.

Infelizmente, o espectáculo surge como uma amálgama de cenas por vezes não devidamente concatenadas, como se se tratasse de uma colagem não suficientemente elaborada. Não é esse aspecto, contudo, o que o espectáculo tem de menos conseguido, mas sim o tratamento literário do texto, tão próximo, muitas vezes, do estilo da «Crónica Feminina» que chega a confranger (género: «as mãos nos elegantes quadris» ou «outro amor nasceu neste Alentejo vermelho».)

O espectáculo inicia-se de uma forma clara sem ser demagógica. O palco escuro; acima do painel que forma o cenário e onde há placas de metal que representam a planície alentejana, aparece a parte superior de vários utensílios de trabalho, precedidos por uma foice e por um martelo. Há, em fundo, um pano vermelho e ouve-se uma canção heróica de Fernando Lopes Graça. Esta imagem, mesmo utilizando sinais directos e óbvios, possui uma força e um carácter significante que se perdem ao longo do espectáculo. E perdem-se, tanto quanto nos pareceu, pela preocupação de dizer tudo, de dizer demasiado em relação ao quadro em que o espectáculo decorre, e em dizer em grosso, duvidando da capacidade de entendimento do público.

A primeira cena põe em confronto o Capital e o Trabalho. O Capital (João Guedes) surge-nos na figura de um homem fisicamente decadente, que parece evocar uma personagem expressionista. O «ouro» sai-lhe dos pulsos e do casaco e no rosto tem pintados dois escudos. O empregado que de vez em quando chama é um escravo, um farrapo torto e miserável. Deverá notar-se que ao longo do espectáculo a personagem Capital vai reaparecer não já como símbolo, na figura histórica do dr. Nunes, e na forma de um «pide» (a relação é estabelecida pelo próprio actor). O Capital é finalmente interpelado por um jovem que sai da plateia e veste fato-macaco. É o trabalho (Castro Guedes) que se recusa a continuar a alienar-se ao poder do Capital.

Esta cena de teatro expressionista (aliás, demasiado longa) não tem nada a ver — e cremos que isso é intencional — com a maior parte do que se segue e que, aliás não tem uma definição suficientemente rigorosa, caindo por veses num naturalismo detestável. A evocação de curtas cenas da vida de Catarina é precedida por outros casos que, por assim dizer, levantam o plinto onde se vai erguer a estátua da camponesa do Alentejo. Entre esses casos, conta-se o de uma mulher presa na Pide, torturada e semi-despida por Pides (homens e mulheres); é Estrela Novais quem, com os seios nus, conta essa história. E também aqui encontramos uma contradição de um espectáculo que se dilacera entre a tentação do teatro épico e a tentação do teatro de identificação, ou seja, do teatro crítico e do teatro sentimental.

As várias cenas evocadas ou sugeridas são constantemente interrompidas por um narrador (Júlio Cardoso) que procura clarificar o que foi dito em termos de teatro, e prolongá-lo em termos políticos, clarificação muitas vezes desnecessária e, portanto, pleonástica o que implica o risco de afastar o interesse do espectador em vez de o despertar. Em compensação alguns esclarecimentos estão certos no seu contexto e não podem deixar de obter grande adesão do público. Isso acontece, por exemplo, quando o narrador e os actores evocam aqueles que a Pide assassinou, acabando por pedir ao público que se lhes junte lembrando outros casos de que tenha conhecimento. Por acaso e por sorte, no espectáculo a que assisti deu-se um facto que veio a constituir o momento mais emocionante e, atrever-me-ei a dizê-lo, mais autêntico do espectáculo. A certo momento da evocação João Guedes interrompeu Júlio Cardoso para contar uma história de que tivera conhecimento nesse mesmo dia. Tratava-se da história de um estivador de Matosinhos que com 70 anos fora apanhado pela Pide a ler o «Avante!» (que era destinado ao neto). Cinco dias depois, saía da cadeia, morto. Morto porque era demasiado velho e fraco para aguentar a pressão pidesca, morto por nada, morto porque viviamos num tempo de assassinos. Essa breve e trémula narrativa feita por um actor quase em lágrimas, constituiu na sua verdade, no seu rompimento do acto teatral e por isso artificial, um autêntico «happening» e o mais belo momento do espectáculo.

Se esquecermos o tom detestável do texto (abundante em adjectivos quando se sabe que o teatro deve ser substantivo); se esquecermos certas imprecisões políticas (é o caso dos principais acusados — o dr. Nunes e o tenente Carrajola — que não são suficientemente representativas porque falta a ligação fundamental com o Poder; é o caso do facto da actividade política de Catarina não aparecer suficientemente motivada e esclarecida perdendo-se o espectáculo em aspectos menores), se esquecermos a incapacidade da encenação em depurar, em tornar rigoroso, em conferir unidade, em iluminar convenientemente — há cenas às escuras que são erradas —, em dirigir com acerto em tornar eficaz o que surge demasiado débil contraditório, incoerente; se esquecermos a incapacidade dos actores em nos transmitirem as vivências dos trabalhadores alentejanos (a dureza do trabalho, a escassez do alimento, a força dos sentimentos, o poder da solidariedade) — poderemos ainda encontrar virtudes num espectáculo que deveria ter sido mais lucidamente concebido e mais cuidadosamente preparado. Algumas cenas conseguem atingir a eficácia que, na genaralidade, o espectáculo não possui, para além da fácil demagogia que o define. É o caso de uma cena em que vemos desenhar-se um tipo de repressão familiar através de um conflito em que a mãe de Catarina ataca a hipótese daquela namorar com o futuro marido. Outra cena com interesse é aquela em que vemos o dr. Nunes combinar o ataque aos camponeses com o tenente da G.N.R. Carrajola. Noutra cena, vemos Catarina distribuir «propaganda» entre o público, logo seguido por Pides que atacam os espectadores e exigem que lhes entreguem os papéis distribuídos. Tralência que contrasta com a debilidade de outros momentos. Por últimos citarei a cena em que «Seiva-Trupe» se apresenta para representar a vida de Catarina Eufémia: enquanto se vestem, os actores cantam uma canção muito bela de Moreira das Neves. É um momento muito simples e muito certo lembra «Morte e Vida Severina») «A Seiva Conta Catarina na Luta do Povo» é talvez um espectáciulo demasiado ambicioso para as capacidades, a todos os níveis de grupo. A dificuldade que tal implica não chega a ser torneada pela facilidade do discurso político. Pergunta-se a certa altura se entre o público alguém se opoê ao tipo de teatro que a «Seiva-Troupe» escolheu. Ora, esse é tipo de jogo que nos parece demagógico porque no público a que o espectáculo se destina ou não há quem se oponha a esse tipo de teatro ou, se há, não tem coragem de se manifestar. E, aliás não é o tipo de teatro que está em causa mas sim a qualidade, a eficácia que lhe são dados. E que aqui, a nosso ver, falharam.

Dos intérpretes lamentamos a incapacidade de Estrela Novais, que com supresa para nós, não conseguiu meter-se na pele de Catarina nem mostrar satisfatoriamente a sua luta; a de Castro Guedes, demasiado frágil, e de Júlio Cardoso, cuja narração saiu em tom fúnebre e paternalista que deveria estar fora dos seus propósitos. Restam João Guedes e António Reis, e sobretudo uma jovem, Ana Elvira que foi para nós uma agradável revelação.

Além deste espectáculo, a «Seiva-Trupe», está a apresentar um espctáculo infantil intitulado «A brincar se vai ao longe». Vi-o numa festa de Natal organizado por um Banco portuense. Um público de adultos e um público demasiado infantil estavam fora do espectáculo. Como estava fora do espectáculo a própria organização. Não se pode ouvir um jovem ler um papel em que fala das excelências para aqui, das excelências para ali! Não se pode ver um espectáculo que decorre ao mesmo tempo em que são distribuidos os presentes natalícios às crianças! Mais respeito pelo teatro e pelas crianças por favor.

A partir de um texto colectivo, os actores da «Seiva-Trupe» levantam a problemática dos conflitos crianças-adultos (encarnados pelos pais e pelos professores). Contudo a organização social não chega a ser posta em causa.

A surpresa do espectáculo advém do facto de ter a ssinatura ao nível cénico de José Ortins Donato que estevedurante anos a fazer teatro lá fora, e agrora regressa disposto a lutar por um teatro novo.

MARIA VITÓRIA
TODOS OS DIAS AS 20.45 E 23 H.
(Não aconselhável a menores de 18 anos)
O MAIOR ÊXITO DOS ÚLTIMOS TEMPOS!
a sensacional REVISTA
ATÉ PARECE MENTIRA!...
Uma revista livre, com:
SALVADOR * FLORBELA * HENRIQUE SANTANA * LINDA SILVA * V. MENDES * JÚLIO CÉSAR
Estreia em revista de
VERA MÓNICA
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
Estreia no teatro musicado de
VARELA SILVA
À frente de um grande elenco
Um excelente corpo de baile
Aos domingos e feriados «Matinées» às 16 horas
Às 2.as-feiras: Descanso

CASINOS do ALGARVE
às 23 h. e 1 h. até 8 de Janeiro
ALVOR
a voz de
ADA DE CASTRO
os famosos acrobatas
FREDIANI BROTHERS
o ballet
LEON GRIEG DANCERS
e a Orquestra do Casino
Maiores de 18 anos
Alvor - telf. (0-082) 23141
VILAMOURA
a insinuante
GAIL VAUGHAN
os malabaristas
FREDY CHY
et Partenaire
o ballet
THE BRAVO DANCERS
e a Orquestra do Casino
Maiores de 18 anos
Vilamoura - telf. (0-089) 65319/86
M.te GORDO
a sensacional
STELLA STAR
o famoso ilusionista egipcio
GALI GALI
o ballet
LES PARISIENNES
e a Orquestra do Casino
Maiores de 18 anos
Monte Gordo - telf. (09) 2224/5/6
Sala de máquinas - acesso livre a maiores de 21 anos - Sala de jogos - diariamente das 17 h. às 3 h.

VIAGENS A LONDRES
Partidas todas as Quintas-Feiras e Domingos a partir de 19 de Dezembro de 1974
PREÇOS EXCEPCIONAIS:
4 dias — 3200$00
5 dias — 3500$00
8 dias — 4200$00
11 dias — 5500$00
15 dias — 6500$00
INCLUINDO:
— Viagem a jacto «Boeing 737»
— Estadia no Hotel London International (Luxo)
— Visita turística de Londres
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
CONTACTE - NOS
SECOL
R. do Arsenal, 134 Lisboa - 2
Tel. 324484 - 369836

ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

POR LAURO ANTÓNIO

Balanço de um ano com oito meses em liberdade e construção

O «25 de Abril» vai abrir obrigatoriamente todos os balanços do ano que se empreendam neste final de 1974. Será o «lugar comum» obrigatório. Mas a verdade é que ele foi o «nosso lugar comum», neste ano da libertação. Cinematograficamente, o «25 de Abril» foi a nossa obra-prima, a Primavera do nosso contentamento, o Potemkine de trazer por casa. Cinematograficamente, foram as imagens dessa madrugada de esperança, aquelas que melhor retivemos nos olhos, as que mais rápido desceram ao coração (ou dele subiram?). Cinematograficamente, o mais belo movimento de 1974 não o esqueceremos jamais: uma panorâmica matutina de surpresa, de espanto, de alegria, pelas ruas de Lisboa «a libertar-se», num carro onde nos apinhávamos vários (o Rafael, que dias depois iria parar a um hospital para sarar uma úlcera aberta pelo nervosismo, o Manuel Guimarães, doente agora, a Eduarda..., amigos queridos a quem dedico este breve balanço da esperança de oito meses vividos em liberdade). Cinematograficamente, a «revelação» foram os soldados nas ruas de Lisboa (lembram-se daquele soldado de G3 atenta, brotando de um campo de malmequeres brancos, postado alí para o lado das traseiras do Governo Militar de Lisboa?), a «revelação» foram esses rostos ignorados, essas fardas esquecidas e regeneradas, o povo nas ruas, o cerco do Carmo, a rendição dos algozes da Maria Cardoso, os comunicados pela Rádio, a chegada de Mário Soares ou de Álvaro Cunhal, os cravos vermelhos, as bandeiras do «1.º de Maio»... Cinematograficamente, 1974 será o ano da entrada tumultuosa no Sindicato dos Profissionais de Cinema por umas três da tarde de um domingo de sol e a invasão das dependências dos ex-serviços da Inspecção Geral dos Espectáculos, onde se decretou **de facto** a abolição da censura. Eram onze da manhã de uma segunda-feira de sol. Cinematograficamente, 1974 é o ano da cisão dos Sindicatos: um que permaneceu (o Sindicato dos Profissionais do Cinema, para os trabalhadores da distribuição e exibição e ainda alguns da produção) e um que nasceu (o Sindicato dos Trabalhadores do Filme, agrupando todos os que intervêm na confecção do filme, do realizador ao electricista, do técnico de som ao de laboratório). O ano das «medidas imediatas» (**a abolição da censura**) e das «medidas a longo prazo» (**promulgação de uma nova lei de cinema**). O ano da Comissão de Classificação Etária dos Espectáculos, de actividade impecável, até ao presente. O ano da Comissão Consultiva para as Actividades Cinematográficas que prepara os alicerces de uma nova lei de cinema e, entretanto, já elaborou um texto de **princípios** tornado público. O ano da Comissão de Cultura e Espectáculos do Movimento das Forças Armadas, que esclareceu alguns pontos da sua política cultural, afirmando no que concerne directamente ao cinema, **impedir os monopólios de exploração dos espectáculos de prosseguirem a sua acção de asfixia da vida cultural** e **apoiar os cine-clubes**. E ainda o ano da nova arrancada da Federação de Cine-Clubes, da Federação Portuguesa de Cineastas Amadores, da Associação Portuguesa de Críticos (com secção de **cinema**), etc. Um ano de reestruturação, portanto. Reestruturação que acompanha igualmente o sector do patronato que, depois da falência das «corporações», se organiza em Associações Livres (uma de Produtores, outra de Distribuidores e Exibidores). Cinematograficamente, portanto, o ano foi de euforia e construção, de libertação e consciencialização. Cinematograficamente, descobrimos, agora, olhando o texto que para trás fica, 1974 foi um longo período a que o tempo virá abrir parágrafos, arrumar, definir, clarificar.

Tal como nos anos anteriores, oferecemos aos leitores a nossa lista dos melhores filmes de 1974, que fazemos seguir por outras de filmes **ainda a não perder**, simplesmente **interessantes**, **desilusões** e **os piores do ano** (de todas elas se retirou a produção nacional, que nos ocupará em novo artigo). As opções estatísticas que aqui ficam, foram justificadas ao longo de um ano de actividade crítica regular. Quanto à utilidade de um tal tipo de trabalho, ela parece-nos amplamente confirmada pelo interesse manifestado anualmente pelos leitores (sobretudo da província, que se servem destas listas para orientação futura) e agremiações culturais e cinematográficas que necessitam de ter à mão elementos de consulta e de trabalho. A estes aspectos que nos parecem importantes, haverá que acrescentar o facto deste tipo de «balanço» se revelar extremamente curioso, como índice de uma situação de facto, confirmada pelos números.

1. OS MELHORES DE 1974 (15)

— AMARCORD, de Federico Fellini (Itália)
— BALADA DO SOLDADO, de Grigori Tchoukrhrai (U.R.S.S.)
— A BELA DE DIA, de Luis Buñuel (França) (R)
— BOUDU QUERIDO, de Jean Renoir (França)
— CERIMÓNIA SOLENE, de Nagisa Oshima (Japão)
— O CONVITE, de Claude Goretta (Suíça)
— O COURAÇADO POTEMKINE, de Sergei Eisenstein (U.R.S.S. (R)
— O GRANDE DITADOR, de Charles Chaplin (E.U.A.) (Reposição)
— A GRANDE FARRA, de Marco Ferreri (Itália) (R)
— A GRANDE ILUSÃO, de Jean Renoir (França) (Reposição)
— LARANJA MECÂNICA, de Stanley Kubrick (Inglaterra) (R)
— LUZES DA RIBALTA, de Charles Chaplin (E.U.A.) (Reposição)
— A TERRA PROMETIDA, de Miguel Littin (Chile) (R)
— O ÚLTIMO TANGO EM PARIS, de Bernardo Bertolucci (Italia) (R)
— Z-A ORGIA DO PODER, de Costa Gavras (França) (R)

2. OS BASTANTE BONS (41)

— AGUIRRE, O AVENTUREIRO, de Werner Herzog (Alemanha Federal).
— AMERICAN GRAFFITI, de Paul Lucas (E.U.A.)
— O ATENTADO, de Yves Boisset (França) (R)
— A AUDIÊNCIA, de Marco Ferreri (Itália) (R)
— O BARÃO AVENTUREIRO, de Karel Zeman (Checoslováquia)
— UMA BELA RAPARIGA, de François Truffaut (França)
— A CARGA DA BRIGADA LIGEIRA, de Tony Richardson (Inglaterra) (R)
— O CASTELO DE MALDORAIS, de Sidney Pollack (E.U.A.) (R)
— CHINATOWN, de Roman Polanski (E.U.A.)
— DIÁRIO ÍNTIMO DE UMA MULHER, de Frank Perry (E.U.A. (R)
— DR. ESTRANHO AMOR, de Stanley Kubrick, (E. U. A.) (R)
— DUELO NA POEIRA, de Sam Peckinpah (E.U.A.)
— O FANTASMA DA LIBERDADE, de Luis Buñuel (França)
— FIM-DE-SEMANA, de Jean Luc Godard (França) (R)
— FRENTE POPULAR, 1936, de Henri Turrene (França) (R)
— OS GRANDES ALDRABÕES, de Leo MacCarey, com os Irmãos Marx (E.U.A.) (Reposição)
— OS HERDEIROS, de Carlos Diegues (Brasil) (R)
— HIROSHIMA, MEU AMOR, de Alain Resnais (França) (R)
— UM HOMEM DE SORTE, de Lindsay Anderson (Inglaterra)
— A INFLUÊNCIA DOS RAIOS GAMA NO COMPORTAMENTO DAS MARGARIDAS, de Paul Newman (E.U.A.)
— INQUERITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA, de Elio Petri (Itália) (R)
— IRMA, LA DOUCE, de Billy Wilder (E.U.A.(R)
— JOE, de John Advilsen (E.U.A.(R)
— A LADY E O MOTORISTA, de Alan Bridges (Inglaterra)
— LUA DE PAPEL, de Peter Bogdanovich (E.U.A.)
— A MÃE E A PUTA, de Jean Eustache (França) (R)
— M.A.S.H., de Robert Altman (E.U.A.) (R)
— MEDEIA, de Pier Paolo Pasolini (Itália)
— MORRER COMO UM HOMEM, de Andrej Wadja (Polónia)
— A NOIVA DO PIRATA, de Nelly Kaplan (França) (R)
— O PREÇO DO SILÊNCIO, de William Wyller (E.U.A.) (R)
— QUANDO PASSAM AS CEGONHAS, de Mikhail Kalatozov (U.R.S.S.)
— RAFAEL, O LIBERTINO, de Michel Deville (França) (R)
— R.A.S.-POR QUE VAMOS MORRER, de Yves Boisset (França) (R)
— RITUAL, de Ingmar Bergman (Suécia)
— TERRA EM TRANSE, de Glauber Rocha (Brasil (R)
— SACCO E VANZETTI, de Giuliano Montaldo (Itália) (R)
— SAMBIZANGA, de Sahara Maldoror (França) (R)
— SÃO BERNARDO, de Leon Hirszman (Brasil) (R)
— SE..., de Lindsey Anderson (Inglaterra) (R)
— VIVA LA MUERTE, de Arrabal (França) (R)

3. OS INTERESSANTES (35)

— O ABOMINÁVEL DR. PHIBES, de Robert Fuest (Inglaterra)
— ACUSAÇÃO DE HOMICÍDIO A UM ESTUDANTE, de Mauro Bolognini (Itália) (R)
— ADÃO ÀS SEIS DA MANHÃ, de Robert Scheerer (E.U.A.) (R)
— AS AMANTES DO VAMPIRO, de Roy Ward Baker (Inglaterra) (R)
— AMOR ENTRE MULHERES, de Robert Van Ackeren (Alemanha Federal) (R)
— AQUELE INVERNO EM VENEZA, de Nicholas Roeg (Inglaterra) (R)
— UM CÉREBRO DE UM MILHÃO DE DÓLARES de Ken Russell (Inglaterra) (R)
— O CIRCO DOS VAMPIROS, de Robert Young (Inglaterra)
— COBRAS VENENOSAS, de Bernard L. Kowalski (E.U.A.)
— CONCERTO PARA BANGLA DESH, de Saul Swimmer (E.U.A.)
— DILLINGER, de John Milius (E.U.A.)
— DOIS HOMENS NA CIDADE, de Jose Giovanni (França)
— ESCÂNDALO DE BATA BRANCA, de Luigi Zampa (Itália)
— A FLORESTA FANTASTICA, de Bert Haastran (Holanda)
— FERRO EM BRASA, de Donald Siegel (E.U.A.)
— FERIDO NA HONRA, de Lina Wertmüller (Itália) (R)
— O FILTRO DO AMOR, de Vittorio De Sica (Itália)
— FIM-DE-SEMANA ILEGÍTIMO, de Dino Risi (Itália)
— A GOLPADA, de George Roy Hill (E.U.A.)
— HITLER-OS ÚLTIMOS DEZ DIAS, de Ennio de Concini (Itália) (R)
— O HOMEM QUE AMOU CAT DANCING, de Richard Sarafian (E.U.A.)
— O IMENSO ADEUS, de Robert Altman (E.U.A.)
— O MAGNÍFICO, de Philippe Broca (França)
— MALÍCIA, de Salvatore Samperi (Itália) (R)
— O MISTERIORO MR. MACKINTOSH, de John Huston (E.U.A.)
— A MULHER DO PADRE, de Dino Risi (Itália) (R)
— PROJECÇÃO PRIVADA, de François Leterrier (França)
— AS RÃS, de George McCowan (E.U.A.)
— SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS, de Dick Richard (E.U.A.)
— OS SEQUESTRADOS DE ALTONA, de Vittorio De Sica (Itália) (R).
— O ULTIMO COMBOIO, de Pierre Granier Deffere (França)
— VENCEDORES E VENCIDOS de vários (E.U.A.)
— VENHA TOMAR CAFÉ CONNOSCO, de Alberto Lattuada (Itália)
— A VIRGEM E O SORTILEGIO, de Juan Buñuel (França) (R)

4. AS DESILUSÕES (17)

(desilusões em relação às capacidades comprovadas dos seus autores)

— AMOR LOUCO, de Andre Delvaux (Bélgica)
— A COLECCIONADORA, de Eric Rohmer (França) (R)
— DE OLHOS FECHADOS, de Joel Santoni (França)
— A FILHA DO ENGANO, de Luis Buñuel (México)
— A FILHA DO MILIONÁRIO, de Nelly Kaplan (França)
— O GRANDE GATSBY, de Jack Clayton (E.U.A.)
— O MACHÃO, de Jean-Pierre Mocky (França) (R)
— MAHLER-DELÍRIO FANTÁSTICO, de Ken Russel (Inglaterra)
SAO, de vários (França) (R)
— A NOITE AMERICANA, de François Truffaut (França)
— O NOSSO AMOR DE ONTEM, de Sidney Pollack (E.U.A.)
— NÚPCIAS VERMELHAS, de Claude Chabrol (França)
— PEREGRINAÇÃO EXEMPLAR, de Robert Bresson (França)
— OUTONO ESCALDANTE, de Valerio Zurlini (Itália) (R)
— TCHAIKOVSKY-DELÍRIO DE AMOR, de Ken Russell (Inglaterra)
— TRATAMENTO DE CHOQUE, de Alan Jessua (França) (R)
— VALERIA E OS SONHOS, de Jaromil Jires (Checoslováquia) (R)

Continua na pág. 19

A BURGUESIA: o fantasma da liberdade

Título original: LE FANTOME DE LA LIBERTÉ
Realização: Luis Buñuel, 1974 (França-Itália)
Argumento: Luis Buñuel e Jean Claude Carrière
Fotografia(Eastmancolor):Edmond Richard
Cenários: Pierre Auffroy
Montagem: Helene Plemiannikov
Intérpretes: Adriana Asti, Julien Bertheau,JeanClaude Brialy, Adolfo Celi, Paul Frankeur, Michel Lonsdale, François Maistre, Helene Perdrière, Michel Piccolo, Claude Pieplu, Jean Rochefort, Bernard Verley, Milena Vukotic, Monica Vitti, Paul le Person, Marcel Perès, etc
Distribuição: Filmes Castello Lopes
Estreia: Cinema Londres.

O filme imediatamente anterior a **O Fantasma da Liberdade**, de Luis Buñuel, foi **O Discreto Encanto da Burguesia**. Para iniciar qualquer aproximação crítica da ultima obra de Buñuel é imperioso ter presente quais se têm revelado as suas preocupações mais recentes. Com ligeiras variantes, elas mantêm-se muito coerentes nos últimos anos. **Belle de Jour, Tristana, Le Charme Discret de la Bourgoisie** e finalmente **Le Fantome de la Liberté** falam-nos da burguesia europeia e, definindo melhor, da burguesia francesa, vista pelos olhos de um espanhol que não consegue (nem pretende) ocultar a sua formação humana, histórica, religiosa e cultural.

De forma aparentemente paradoxal **O Fantasma da Liberdade** principia e acaba por um grito de condenado, expresso instantes antes de se cumprir a pena repressiva das autoridades constituídas: «Abaixo a Liberdade!» No início, estamos em Espanha, em princípios do século XIX, e um condenado à morte é fuzilado. No final, estamos em França, na actualidade, e os amotinados do jardim zoológico de Paris preparam-se para sofrer as consequências do seu acto de rebeldia. Em ambos os casos ouve-se «Abaixo a Liberdade!» Eo espectador preplexo pergunta-se certamente: «Mas de que liberdade fala Buñuel?» Será que o grande cineasta, autor de **Terra sem Pão**, e de tantos outros libelos, denodado defensor da liberdade do seu povo, perdeu a noção de justiça, o gosto da liberdade, e se entregou nas garras do reaccionarismo? É evidente para quem assiste à projecção do filme que o pensamento e a posição ética e política de Buñuel se mantêm profundamente coerentes e íntegras. Então a razão de ser destes gritos dolorosos que se ouvem em **O Fantasma da Liberdade** terá que se encontrar algures, e não numa possível mudança de pensamento do autor. Será todavia o próprio filme que terá de explicar e definir os limites dessa liberdade que os revoltosos de 1818 e os manifstantes de 1974 recusam. Deixemos, porém, por momentos este problema em aberto.

O filme de Luis Buñuel, **Le Fantome de la Liberté** articula-se de forma estranha, obedecendo a um esquema geométrico extremamente curioso. Trata-se de uma sucessão de pequenos episódios, na sua maioria relatando situações protagonizadas por representantes creditados da pequena, média e alta burguesia e também por elementos dos poderes constituídos, como por exemplo, a Polícia, a Justiça, a Igreja... Esses elementos não surgem desligados. Mantêm uma estranha união que lhe é fornecida por um esquema de narrativa engenhoso, tecido em jeito de rosário. Assim, o filme enuncia um episódio onde intervêm **X** personagens. Uma delas sai desse episódio (**A**) e conduz os espectadores até uma nova situação. Estabelecida a ligação «lógica» para o prolongamento da narrativa da obra, esta detem-se em novo episódio donde se exclui a personagem transferida de **A**. E assim sucessivamente: do episódio **B** sai a personagem **Y** que conduz a acção do filme ao episódio **C**; do episódio **C** sairá a personagem **K** que lançará a película no episódio **D** etc... De Espanha, de 1818 à França de 1974, um salto que se dá num único episódio (o inicial), mas que se mantém latente ao longo do filme com referências visíveis.

Transferindo esta construção para um plano poético, veremos que Bñuel trata o cinema como qualquer poeta surrealista que obedece a um discurso automático, deixando evoluir a palavra ao sabor das ligações íntimas que são ditadas por uma corrente de consciência caminhando liberta, a meio caminho da realidade e do sonho. O significado d uma tal obra, aparentemente desarticulada, descobre-se reunindo significados diversos, símbolos vários sugestões, situações concretas, imagens sonhadas. Sem o rigor científico, antes com a intuição profética, Buñuel reproduz cenas da vida burguesa e, pelo absurdo, destrói o equilíbrio dos «quadors». Demonstrando a vulnerabilidade dos conceitos, a instabilidade das convenções, Buñuel destrói o código moral, social e político da burguesia. Postais turísticos tomados por fotografias pornográficas; salas de defecar «em sociedade» e cubículos para pudicamente cada um se encerrar para jantar; a Polícia procurando uma garotinha que ela própria faculta ao comissário os «sinais particulares» para a busca; etc. O resultado é uma crítica subtil, mas agressiva, a um estatuto social preciso: a democracia burguesa.

Nesta altura já se poderá perceber qual a «liberdade» que Buñuel põe em causa. A liberdade burguesa que, pela demonstração, nada justifica. Que se encontra alicerçada num conjunto de preconceitos e convenções perfeitamente arbitrárias. Pela ironia, pelo absurdo, Buñuel provoca o espectador. Diremos que a crítica, sendo agressiva, não ultrapassa contudo a provocação «doce» que o masoquismo do público encaixa bem. Trata-se de uma opção que o próprio autor explica: «Digo hoje com humor o que dizia antes com violência. Sinto-me cada vez menos atraído pela violência», e explica-o assim: «Hoje o escândalo e a violência estão por toda a parte. Há guerras, revoluções, terrorismo. Nesse caso o escândalo e a violência já não nos servem para nada, tornaram-se ineficazes para nós, artistas.»

Entretanto, um texto «crítico» que aparece no programa do cinema Londres, culmina a «análise» da obra com um chorrilho de asneiras que não nos impedimos de transcrever. Diz assim um certo senhor Roxane Saint-Jean (quem será a descoberta?):

«Buñuel fala da confusão das ideologias no mundo de hoje entre a esquerda e a direita. Fala das suas ilusões perdidas, da sua falta de confiança em todo e qualquer regime. A única coisa em que hoje em dia acredita é nos seus amigos. Mas nem por isso deixa de continuar a interessar-se por todos nós, com a sua lupa de entimologista, infinitamente mais corrosivo nas suas subtilezas que não poupam ninguém do que muitos filmes ditos políticos. Tudo o que não ataca a sociedade, as instituições não é surrealista. Mas não se trata de as atacar, evidentemente, de maneira grosseira, vulgar, como faz o realismo socialista».

«Confusão de ideologias», «ataque à direita e à esquerda», eis duas conclusões que **O Fantasma da Liberdade** parece não justificar. Mas o textozinho «maroto» não se exime de atacar os «filmes ditos políticos» e o «realismo socialista». Que o senhor Roxane Saint-Jean diga isto, ou outra coisa qualquer estamo-nos todos nas tintas. Que o programa do Londres lhe dê publicidade, é que é preocupante.

Ah, este **Fantasma da Liberdade!»**

LAURO ANTÓNIO

teatro desmontável tel 87 42 80
L. Martim Moniz metro Socorro
ADÓQUE grupo de teatro
apresenta todas as noites
2 SESSÕES:
20 e 45 e 23 horas
Domingos: Matinée 16 h
HOJE, 5.ª FEIRA
DESCANSO
PIDES NA GRELHA
Não aconselhável a menores de 18 anos
O TEATRO TEM AQUECIMENTO

NACIONAL

Importante reunião do "Conselho dos Vinte"

Estava marcada para, a partir das 15 horas de hoje, uma importante reunião do Conselho Superior das Forças Armadas, ou «Conselho dos Vinte», no Palácio de Belém.

Nas agendas do Presidente da República ou do Primeiro-Ministro, nada de significativo havia hoje, além daquela sessão de trabalhos.

Lembramos que outro órgão do M.F.A., a sua assembleia de delegados, se reuniu há poucos dias tomando importantes decisões para o futuro político imediato do País, cujo tom geral terá sido expresso na conferência de Imprensa dada pela Comissão Coordenadora em 31 de Dezembro. A adopção de medidas económicas de emergência, integradas na estratégia antimonopolista preconizada no Programa do M.F.A. e a definição de legislação revolucionária para integração dos crimes contra a economia do País e contra a democracia, são alguns possíveis assuntos a tratar pelo Conselho dos Vinte, cuja reunião, apesar de prevista, ainda não se encontrava confirmada, no Palácio de Belém, perto do meio-dia.

Títulos do Tesouro para a RECONSTRUÇÃO NACIONAL

CONDIÇÕES DA EMISSÃO

Natureza e Espécie do Título:
Obrigações do Tesouro, representadas por títulos ao portador de 1, 5 e 10 obrigações ou por certificados de dívida inscrita correspondentes a qualquer número de títulos.

Valor Nominal:
Esc. 500$00 por obrigação.

Preço de Subscrição:
Ao valor nominal (500$00), com pagamento integral no acto da subscrição.

Taxa de Juro Nominal:
10% ao ano.

Taxa Média de Rendimento:
Integrando os prémios de reembolso, para a vida média dos títulos, cerca de 11,2% ao ano.

Taxa Máxima de Rendimento:
11,5% ao ano no caso do título ter a duração máxima.

Podem Subscrever:
Todas as pessoas, singulares ou colectivas.

Vantagens Fiscais:
Total isenção de impostos.

Vida dos Títulos:
Os títulos são livremente negociáveis e transmissíveis. São amortizáveis a partir do terceiro ano e têm a duração média de cinco anos e meio e a máxima de oito.

Vencimento de Juros:
Em 1 de Janeiro e 1 de Julho de cada ano.

Primeiro Juro Semestral:
É pago em 1 de Julho de 1975, pelos balcões das Instituições de Crédito onde foi feita a subscrição.

Plano de Amortização:
Por sorteio, em seis anos, por prestações iguais e anuais, com início em 1 de Janeiro de 1978.

Prémios de Reembolso:
Crescentes de 10$00 anuais, de sorteio para sorteio, sendo o último de 60$00 por obrigação que passa a ter o valor de reembolso de 560$00.

Entrega dos Títulos Definitivos:
No decurso do 2.º semestre de 1975, a partir de data a fixar.

Admissão à Bolsa:
Após a entrega dos títulos definitivos.

Locais de Subscrição:
Balcões de todas as Instituições de Crédito, públicas e privadas.

Início da Subscrição em 6 de Janeiro

Informação sobre Portugal bandeira de luta em Espanha

Continuação da pág. 3

veja — a revolução dos cravos: a «revolução bonita» como foi baptizada por um matutino madrileno, «Nuevo Diário», cujos enviados especiais a Portugal foram, desgraçadamente, chamados à pressa a Madrid e severamente repreendidos pelo «entusiasmo excessivo» que mostraram nas suas crónicas. O jornal, então estava ligado a Lopez Rodó, bom amigo de Marcelo e a quem, depois de cessar em Janeiro as suas funções de ministro dos Assuntos Exteriores, se apontava como próximo embaixador em Lisboa.., mas entretanto chegou o 25 de Abril e as coisas mudaram. No próprio dia 25 de Abril, o diário falangista «Arriba» publicava o último capítulo de uma série intitulada «Portugal em calma» que procurava desmentir os «rumores» sobre a inquietação militar no nosso País, surgidos depois do levantamento das Caldas da Rainha.

A partir de então, os leitores espanhóis puderam conhecer, praticamente até ao pormenor, os acontecimentos que se iam desenrolando em Portugal. Os principais diários publicam, quase todos os dias, crónicas dos seus correspondentes em Lisboa — alguns desses correspondentes são portugueses — e em Espanha editaram-se mais livros sobre o 25 de Abril do que pripriamente em Portugal, sem contar com uma grande parte dos profissionais da informação espanhola que passaram por Lisboa, nos últimos meses, como enviados especiais ou como simples turistas que chegavam, viam e ocasionalmente escreviam. Deste modo, os jornais e revistas do país vizinho registaram um autêntico «boom» de informações e comentários sobre Portugal. É de notar que a imensa maioria desses livros, crónicas e reportagens escritos «in situ» mostrava uma indubitável simpatia para com o novo regime português. Dizer o contrário seria injusto. Os relatos eram geralmente feitos com escassos comentários, circunscrevendo-se apenas a factos concretos, muitas vezès com esquematismos telegráfico, como se quem os escrevesse tivesse sido aprisionado entre a sua própria consciência e as eventuais «pressões externas» (ou seja: o tratamento gráfico, fotográfico e mesmo a titulação). Quem trabalhou vários anos debaixo destas pressões sabe bem o que isto significa.

Apesar disso, uma parte da Imprensa espanhola, exala um indubitável tom de hostilidade contra o regime português. Não só através de comentários e títulos (alheios à vontade dos correspondentes ou enviados especiais): a informação sobre Portugal chegou a converter-se em bandeira dentro do combate que entre si travam no país vizinho os meios de informação «progressistas» e reaccionários.

Curiosamente não são as informações enviadas de Portugal, mas sim os comentários escritos em Madrid, que mais se distinguem nesta batalha. São os comentaristas locais quem, acredita saber tudo, destacando frequentemente só os aspectos que mais interessam a cada facção. Um jornal madrileno, citando como fonte os «exilados políticos em Madrid» afirmava, rotundamente, que o número de presos políticos em Portugal se eleva a 16 500. Um escritor catalão com fama de progressista sentenciava, há cerca de dois meses, numa revista de Barcelona: «as eleições foram adiadas» (entre outras inexactidões de vulto). E outro diário madrileno escrevia, debaixo de uma fotografia de Adriano Moreira, doutor «honoris causa» por uma universidade espanhola, que se trata de um político «de grande futuro» em Portugal. Nem terá de se dizer que os inimigos da democracia compararam Spínola a Kerensky ou seja, o «tonto útil» que, democratizando um país debaixo da ditadura faz inadvertidamente o jogo dos «ditadores comunistas».

Entretanto, caberia assinalar que os «mass media» oficiais se destacam pela ausência de correspondentes permanentes em Lisboa ainda que, pelo contrário, quase todos os outros órgãos de Informação importantes tenham um jornalista destacado na nossa capital: a agência EFE, semioficial, que conta com delegações nas principais capitais europeias e americanas conforma-se em informar os seus assinantes com o acordo mantido com a ANI. A emissora nacional e a televisão espanhola contentam-se em destacar um «enviado especial» a Lisboa cada vez que ocorre um acontecimento relevante.

À margem de comentários malévolos ou errados, ou de outros métodos utilizados pelos «meios mais reaccionários» para apresentar uma imagem negativa — o sector reaccionário não é tão amplo como inicialmente se poderia supor — o certo é que Portugal e a sua nova imagem contam com ardentes defensores nos órgãos de Informação espanhola. Apesar de tudo.

D.R.

BRITISH LEYLAND

A BRITISH LEYLAND DE PORTUGAL-AUTOMÓVEIS, LDA., comunica que nomeou para os concelhos de Aveiro, Ílhavo, Vagos, Oliveira de Bairro, Águeda e Anadia como concessionário de vendas e assistência técnica para as marcas MORRIS, LAND-ROVER e tractores LEYLAND, a firma CARBOX, COMÉRCIO E REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS, LDA., de Aveiro, a partir de 1 de Janeiro de 1975.

A firma CARBOX, COMÉRCIO E REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS, LDA., tem o prazer de informar que foi nomeada como concessionário de vendas e assistência técnica para as marcas MORRIS, LAND-ROVER e tractores LEYLAND, pela BRITISH LEYLAND DE PORTUGAL-AUTOMÓVEIS, LDA., para os concelhos de Aveiro, Ílhavo, Vagos, Oliveira de Bairro, Águeda e Anadia, a partir de 1 de Janeiro de 1975.

CARBOX, COMÉRCIO E REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS, LDA.
Variante Km 3,050 – Apartado 169 – Telefone 2 77 43 – Aveiro

RECONSTRUÇÃO NACIONAL

Agora, a responsabilidade é nossa! Do nosso esforço depende a reconstrução do País! É preciso mais acção! Mais trabalho! Mais dinheiro para dinamizar e crescer! Dinheiro para construir o futuro Portugal!

Compre Títulos do Tesouro para a Reconstrução Nacional! E assim vamos todos ganhar! Para si, é rendimento! O juro é de 10% ao ano! Garantido! Metade cada semestre! Isento de todos os impostos! E, a partir do terceiro ano, até oito anos no máximo, os Títulos são todos amortizados, com prémio no reembolso! Esse prémio no reembolso aumenta de ano para ano. Se os seus Títulos viverem os oito anos, o rendimento total chega a 11,5%. Compre já os seus Títulos para a Reconstrução Nacional! Quanto mais cedo melhor! Cada Título, 500$00! À venda aos balcões de qualquer instituição de crédito, pública ou privada.

Ganha Você!
Todos Ganhamos!

NACIONAL

EXPOSIÇÃO CANINA

Promovida pelo Clube Português de Canicultura, realiza-se nos próximos dias 4 e 5, nas instalações da F.I.L. à Junqueira, a 63.ª Exposição Canina Internacional, que inclui exemplares de todas as raças e variedades oficialmente reconhecidas. O certame conta com o patrocínio da Sociedade dos Especialistas de Pequenos Animais e é regido pelo regulamento da Federação Cinológica Internacional.

A classificação dos animais efectuar-se-á nos referidos dias, às 15 horas, com assistência de público. Às 20 horas do dia 5 desfilarão os exemplares premiados, sendo a exposição encerrada às 21 horas.

Quaisquer esclarecimentos podem ser pedidos através do telefone 321778.

Aprenda o Inglês que os ingleses falam!

Na Europa falam-se diversos tipos de Inglês, mas aquele que desejam aprender é o falado pelos britânicos ou pelos americanos. Eis porque a Cambridge School tem professores procedentes dos próprios países do mundo da língua inglesa. O nosso objectivo é proporcionar à vossa sala de aula, em Lisboa, uma atmosfera britânica. Durante as vossas aulas não ouvirão nem falarão português. Assim, poderão não só FALAR mas PENSAR na língua que aprenderem. E quando puderem visitar a Inglaterra, as nossas escolas em Londres e no campo estarão à vossa disposição para oferecer um toque final à vossa fluência.

Inglês
Francês
Alemão

cambridge SCHOOL — INSTITUTO DE LÍNGUAS

CAMBRIDGE SCHOOL

LISBOA: Av. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1.º DIR. – TEL. 724544 - 719601
AV. DA LIBERDADE, 173-1.º –TEL. 54780 - 54789
BENFICA: EST. DE BENFICA, 729-5.º DIR. – TEL. 704329 – 703638
ALMADA: R. SOC. FILARMÓNICA INCRÍVEL ALMADENSE, 14-2.º ESQ. – TEL. 2760234
PORTO: R. DUQUE DA TERCEIRA, 381-1.º – TEL. 560380 - 561130

Cursos sob a Direcção Pedagógica de Richard D. Lewis, B.A.
(Autor da série TV-BBC "Walter and Connie" e dos livros "Reading for Adults", "English You Need", Cambridge Method", "Linguarama 200", etc.)
Cursos de Inglês em Inglaterra, em Pall Mall – Londres – para informações, Tel. 719601
OS IDIOMAS SÃO LECCIONADOS POR PROFESSORES DA NACIONALIDADE

O ÚLTIMO ROMANCE DE URBANO

Apostar na mudança

Querendo-se partícipe «na pesquisa de uma literatura nova, novíssima, popular e mágica» em que «a qualidade poética» se ponha «ao serviço das classes trabalhadoras, das massas mais obscuras, da sua voz profunda, da sua revolução», Urbano Tavares Rodrigues experimenta no último romance, **Dissolução** (Livraria Bertrand, col. Autores Portuguesas), uma técnica narrativa que arranca de James Joyce, passa por John dos Passos e tem hoje, como autores paradigmáticos, vários nomes das literaturas americanas, tanto da área inglesa como da hispânica.

Dissolução é a tentativa de recuperação de um quotidiano através da colagem, quando não do contraponto, de elementos heteróclitos. Nele coexistem o conto truncado, o esboceto de crónica, a página de ideias roçando o ensaístico, o recorte de Imprensa, a pequena gravação ao estilo do inquérito sociológico. Presença comum — protagonista ou não, podendo ser o simples leitor de papéis alheios —, Alberto (assim se chama a personagem — pretexto deste exercício) move-se num clima psicótico que mais faz avultar a derrocada do mundo envolvente. Diríamos que a personagem não nomeada tem o perfil de um país em crise, o nosso, está bem de ver, nos meses que antecederam a queda de Caetano. E não é por acaso que o autor, de justaposição em justaposição, chega ao remate cronológico natural: o 25 de Abril, termo da longa catarse de Alberto, quando ele subitamente exclama: «Sim, de facto, em cada pessoa, nem que seja só hoje, reconheço um amigo».

Quem é Alberto? Um homem a quem acontecem coisas, desastres interiores, pequenas tragédias de comportamento, lapsos de comunicação, amores onde a malformação se insinua? Ou um espelho apenas — a superfície reflectora de tudo isto? Onde acaba Alberto e se desnuda o autor? O próprio Urbano, depois de afirmar que «a personagem **eu** deste romance não sou eu», acaba por ceder à evidência da interpenetração: «relendo aqui e ali o discurso de Alberto (...) verifiquei que, de algum modo, neste e naquele passo, me havia substituído ao meu anti-herói». Di-lo-á mais à frente de outro modo: «O romanesco está, ou não está, em mim espectador-actor-rascunhador destas imagens necessariamente deformadas e deformantes...»

O anti-herói é um amálgama de que faz parte o ficcionista, seu componente privilegiado. Alberto não existe, ou só existe a espaços, por escolha do autor. Tallvez a chave seja múltipla: há um Alberto em tempo inteiro, personagem que chamaríamos «convencional»; um Alberto-eco, Alberto-espelho, Alberto-sismógrafo do terramoto geral; um Alberto somente referência, rastreável em dezenas de páginas; e a partir desse Alberto, desses Albertos, o autor.

Dissolução, pesquisa formal, projecto de alargamento de um universo narrativo que se vem alterando gradualmente desde 1968 (o ano de **Casa da Correcção**), pode ser mais do que deixamos aqui apontado e constituir mesmo um momento de ruptura, na linha da que praticou Nuno de Bragança com **A Noite e o Riso**, embora servindo-se de outros materiais. Em tal caso caberia esperar as próximas obras do autor, livres da tutela do oblíquo e dispostos ao mote da mudança estrutural.

F. A. P.

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

Convocam-se os profissionais representados por este Sindicato para uma Assembleia Geral a realizar no próximo dia 3 de Janeiro (6.ª-feira), às 21 horas no Pavilhão dos Desportos com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Informação
2 — Balanço da acção sindical
3 — CAP, ROSEIRAL e outros problemas internos do Sindicato
4 — Orçamento para 1975

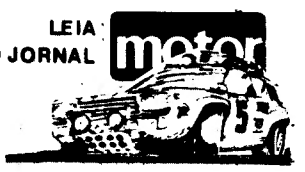
O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

NOTA: Encontram-se à disposição dos sócios, na sede do Sindicato, exemplares do projecto de orçamento e de outra documentação sobre os assuntos constantes da O. T.

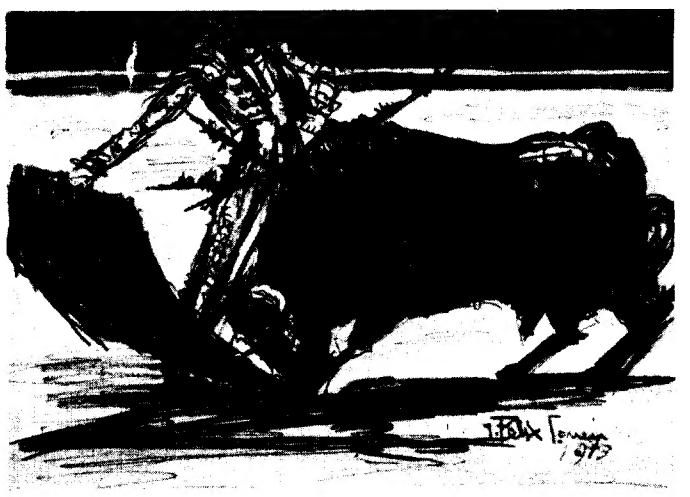
Conferência de camponeses do Sul

Aberta a pequenos e médios camponeses, técnicos agrícolas, seareiros, rendeiros e parceiros, operários agrícolas e a todos quantos se disponham a participar na discussão e na busca de soluções de carácter imediato para os problemas do campo, vai realizar-se no dia 5 de Janeiro, a partir das 9 horas, em Santarém, a Conferência dos Camponeses do Sul, organizada pelo Pkartido Comunista Português.

À semelhança do que aconteceu com a Conferência de Camponeses do Norte, a participação no encontro não significa qualquer adesão ao P.C.P. Por outras palavras: poderá participar qualquer interessado, independentemente da sua filiação política.



ANO TAUROMÁQUICO



. Do ano tauromáquico escrevemos já quando das corridas a que assistimos na nossa primeira praça, onde a empresa lutou dignamente com as dificuldades opostas pela lei.

Em Barcelona morreu José Falcão, de quem antes transcrevemos o que dissera o semanário espanhol «El Ruedo». Se obervarmos com um pouco de intenção o lugar e a classificação de José Falcão nos quadros dos matadores, verificaremos que entre os que mais corridas somaram foi o que mais troteus conseguiu e melhor pontuação logrou.

Em Barcelona foi também colhido, embora sem triste epílogo, o nosso Chibanga: depois de ter cortado 22 orelhas.

..Do ano tauromáquico foram estas as notas tristes...

EITP.

200

AUTOCARROS PARA A COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

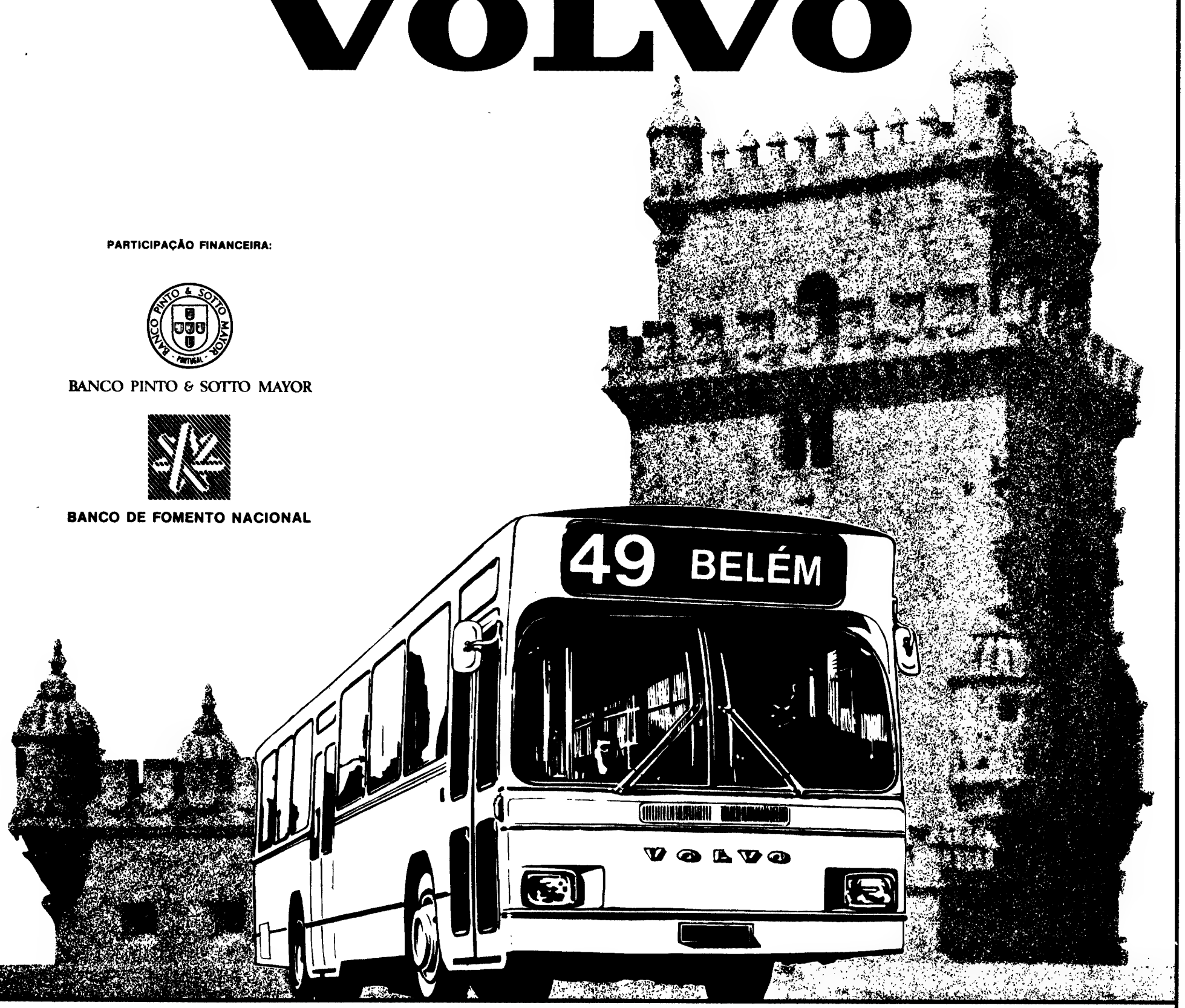
A Companhia Carris de Ferro de Lisboa acaba de distinguir a Auto-Sueco, Lda. com a compra de 200 autocarros Volvo, modelo B59, especial para o serviço urbano e destinados à melhoria da sua rede de transportes. Esta preferência é mais uma afirmação da excelente qualidade Volvo aliada a um apoio assistencial do mais alto nível.

VOLVO

PARTICIPAÇÃO FINANCEIRA:

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

BANCO DE FOMENTO NACIONAL



AUTO-SUECO, LDA. PORTO · LISBOA · COIMBRA · LEIRIA

NACIONAL

1975: VIDA MAIS CARA

A par de uma campanha de poupança de energia, o ano de 1975 começou com a vida mais cara para os portugueses que terão, agora, de despender mais uns escudos na compra de produtos e serviços de que dificilmente podem prescindir.

Como já foi noticiado, o preço avulso dos jornais diários de Lisboa e do Porto passa de 2$50 para 4$00, após deliberação do Conselho de Ministros, tomada quando decorria o processo na Direcção-Geral de Preços. No que respeita aos transportes, verifica-se no Metropolitano um aumento médio de tarifas de cerca de 17 por cento. Os bilhetes isolados passam a custar 2$50, enquanto as cadernetas de 10 bilhetes passam para 20$00, as cadernetas semanais de 12 bilhetes para 20$00 e os bilhetes de correspondência, para 3$50. Assinala-se, porém, que até 11 de Janeiro continuam válidas as cadernetas de 12 bilhetes adquiridas no dia 1; até ao dia 31 de Janeiro, continuam válidas as cadernetas de 10 bilhetes adquiridas nas mesmas condições.

Os novos preços dos bilhetes de autocarro sofreram os seguintes aumentos: 1 zona, de 1$50 para 2$00; 2 zonas, de 2$00 para 2$50; 3 zonas, de 2$50 para 3$00; 4 zonas, de 3$00 para 3$50; autocarros (Ponte 25 de Abril), Centro Sul-Portagem, de 1$00 para 1$50; Portagem-Centro Norte, de 3$50 para 4$00; Centro Sul-Centro Norte, de 4$00 para 4$50.

Quanto aos eléctricos, os aumentos registados são os seguintes: 1 e 2 zonas, de 1$50 para 2$00; 3 e mais zonas, de 2$00 para 2$50; Praça do Comércio-Cruz Quebrada, 2$50.

No Porto, as novas tarifas são as seguintes: autocarros, troleicarros e eléctricos, 1 zona de 1$00 para 2$00; 2 zonas, de 2$00 para 2$50; 3 e 4 zonas, de 2$50 para 3$00; 5 zonas, de 3$00 para 4$00; 6 e mais zonas, de 3$50 para 4$00.

Recorda-se ainda que o imposto de circulação sobre automóveis sofreu também um aumento.

ENERGIA MAIS CARA

Entre as medidas a adoptar, a curto prazo, para a redução do consumo de energia eléctrica, salientam-se as limitações dos horários dos espectáculos que passam a terminar às 23 e 30; televisão, com fecho às 23 horas; iluminações de montras, fachadas, anúncios e monumentos, 21 horas; iluminação pública, redução a partir das 23 horas. Por outro lado, pretende-se a adopção de horários de trabalho de forma a diminuir as pontas no consumo de energia eléctrica, bem como nos transportes, e evitar horários de trabalho que impliquem a descontinuidade de laboração das instalações laborais com arranque exigindo consumos importantes de energia.

Por outro lado, voltaremos a ter uma «hora de Verão», de modo a que a economia de energia que se pretende possa atingir, sem recessão da actividade económica, as seguintes metas: na indústria, 5 por cento; na agricultura, 10 por cento; nos transportes a gasolina, 15 por cento; na electrcidade de origem térmica, 5 por cento; em diversas, 2 por cento.

Como medidas a médio e a longo prazo, pensa-se estudar e impor normas de isolamento térmico na construção civil; instalar redes de distribuição de electricidade por forma a permitir reduzir o número de focos de iluminação publica; promover a instalação de centrais para a queima de lixos urbanos, o que, não sendo uma fonte de energia convencional, não é de desprezar.

Entretanto, foi já anunciado que as tarifas de electricidade vão aumentar num futuro muito próximo: o índice de aumento não foi estabelecido e o prazo também não. Mas fala-se, mesmo a nível oficial, «nos primeiros meses de 1975».

Ainda quanto a preços, deve referir-se que o Conselho de Ministros aprovou um decreto-lei pelo qual se autoriza a revisão de preços das empreitadas de obras e fornecimentos em realizações de interesse público. Justificando a medida, aquele diploma refere «a instabilidade e progressivo agravamento de salários e custos de materiais que na presente conjuntura se verifica, com sensível reflexo nos preços de empreitadas de obras e fornecimentos».

O P.C.P. NO PORTO

"Os baldios devem ser reconhecidos como propriedade inalienável dos povos que os usufruam"

PORTO, 2 — A comissão do PCP para o trabalho camponês do Norte reuniu com os órgãos de Informação a propósito da primeira conferência dos camponeses do Norte. António Bica, Agostinho Lopes e Margarida Tengarrinha prestaram informações aos jornalistas tendo dito que na conferência participaram camponeses dos distritos de Coimbra, Aveiro, Viseu, Guarda, Porto, Braga, Viana do Castelo, Bragaança e Vila Real, sendo oitenta por cento dos participantes rendeiros e pequenos proprietários, alguns dos quais dirigentes e membros das associações de pequenos e médios agricultores.

Referindo algumas das conclusões da conferência afirmou-se: «Integração dos camponeses no esquema geral da Previdência com as adaptações decorrentes da especificidade da sua situação, possibilitando o seu acesso e dos familiares, como medida imediata, aos benefícios fundamentais no âmbito da segurança social e da saúde (assistência médica e medicamentosa na doença, na gravidez e no parto; abonos de família, subsídios de doença, aleitação, nascimento e morte; pensões de invalidez, velhice e sobrevivência».

Esta integração visará, como objectivo tendencial, a eliminação progressiva das diferenças existentes neste plano, entre a população trabalhadora do campo e das cidades e pressuporá, paralelamente, o estabelecimento de um esquema adequado de contribuições.

«Saneamento das Casas do Povo e sua transformação em centros de dinamização cultural, de educação sanitária e de efectiva assistência médica e de enfermagem. Facilitação do acesso dos filhos dos camponeses aos vários níveis de ensino, designadamente ao ensino técnico e agrícola. Criação e beneficiação de infra-estruturas com abertura de estradas e caminhos de serviços de comunicação e transportes que permitam às populações rápidos e fáceis acessos às escolas e aos centros de assistência médica e hospitalar».

Entre outras conclusões salientam-se: a extinção imediata dos foros, imposição do sistema tributário segundo o critério «deve pagar mais quem mais tem», revisão de todas as isenções que vêm do regime fascista, penalidades fiscais sobre os terrenos incultos e subaproveitados, lançar as bases de uma reforma agrária que defenda os interesses dos pequenos e médios agricultores, tendo-se deliberado também propor a eliminação de um artigo do projecto-lei que punha limites à área de arrendamento, fixação das rendas em dinheiro sujeitas a uma revisão periódica e retroactividade da lei de arrendamento desde 25 de Abril.

Sobre os baldios: «Devem ser reconhecidos como propriedade colectiva inalienável dos povos que os usufruam». Sobre a comercialização do leite, carne e ovos deverá ser estabelecido um preço transitório para o leite que não altere o equilíbrio da produção de carne com a de leite. Essse preço deverá ser da ordem de 6$50 por litro na base de 3 por cento de gordura.

Quanto à produção e comercialização do vinho, foi defendida uma política de reconversão da vinha para protecção das castas, condenando-se o corte dos produtores directos «americano e outros», exigindo-se a revogação desta legislação. Sobre o vinho do Porto, defendeu-se a sua qualidade, o seu controlo pelo Estado e a proibição de exportar vinho do Porto a granel. E afirmou-se: «Convém prever a intervenção do Estado na compra do vinho da colheita de 1974 se não aumentar entretanto a procura no mercado nomeadamente internacional. Além de outros pontos referiu-se ainda à necessidade do desmantelamento e saneamento de todo o aparelho corporativo e a criação de sindicatos de assalariados agrícolas do Norte».

O P.S. critica o projecto sobre baldios

. O projecto de lei sobre os terrenos baldios «peca por um articulado demasiadamente confuso e remete para legislação posterior um dos pontos essenciais que deveria contemplar: as relações entre as associações utentes e os corpos administrativos» — afirma a Comissão de Agricultura do Partiido Sociaaliista, num comunicado agora divulgado.

Assinalando que «a utilização dos terrenos baldios é analisada em termos quase exclusivamente de capacidade de uso florestal e silvo-pastoril, ignorando-se os problemas levantados pelas necessidades de desenvolvimento das comunidades rurais», a Comissão de Agricultura do P.S. acentua que «esta visão tecnocrática das qeustões suscitadas pelo aproveitamento dos baldios, conduz a que o diploma não esclareça quais as formas reais de participação das populações na utilização desses terrenos, limitando-se a meras afirmações de princípio, a referir a constituição de associações de utentes de modo mal definido e de «Comissões Directivas onde estarão representadas todas as comunidades interessadas», sem dizer como, e a afirmar o princípio da participação das populações nos resultados financeiros de forma tal que tende a remetê-las para uma posição muito próxima do proprietário absentista».

A terminar, e depois de uma análise que contém alguns pormenores, a Comissão de Agricultura do Partido Socialista assinala que «o problema dos baldios não pode ser dissociado de um plano geral de reforma agrária, devendo caber ao organismo encarregado da execução dessa reforma coordenar a actividade de todos os serviços de intervenham naquela matéria».

COMÍCIOS

M.D.P./C.D.E. — O Movimento Democrático Português-CDE, promove amanhã as seguintes sessões de esclarecimento: em Lisboa, no Liceu Rainha D. Leonor, com a participação de Ana Maria Alves, Caldeira Rodrigues e Pereira de Moura; em Grândola, com Gilberto Lindim Ramos e Vasco Corregedor.

P.S. — O Prtido Socialista promove amanhã, pelas 21.30, uma sessão de esclarecimento na sede da Secção de Sintra, com a presença de Castro Guerra.

M.R.P.P. — O Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado, realiza hoje, às 21.30, comícios em Marinheiros, e às 21 horas, em Lisboa (Bairro da Encosta da Luz). Para amanhã estão marcados comícios em Alcântara (Cinema Promotora), Braga (Teatro Circo) e Jardia (Montijo), todos às 21 horas.

publicidade

em 1975

sempre a tempo...

com

HELVETIA of switzerland

o mais suiço de todos os bons relógios

EQUIPADOS COM incabloc

A PARTIR DE 20 DE JANEIRO

Gestão democrática nas escolas

A publicação recente de um diploma emanado do MEC, veio regulamentar, ainda que a título experimental, a gestão democrática das escolas preparatórias e secundárias, acrescido agora de um despacho do secretário de Estado da Administração Escolar.

Acerca das disposições adoptadas para uma efectiva participação do corpo escolar na gestão do estabelecimento do ensino, aos que possam perguntar se não se terá ido longe de mais, atendendo à situação altamente repressiva em que, durante perto de meio século, viveram os nossos estabelecimentos de ensino, declara o despacho que «a resposta será dada pelos docentes, pelos estudantes e pelos funcionários administrativos e auxiliares, que mostrarão até que ponto estão preparados para utilizar um instrumento de gestão que ultrapassa muito do que de mais progressivo se tem praticado em todo o Mundo».

As eleições devem realizar-se até ao dia 20 de Janeiro, «pelo que as convocatórias terão de ser efectuadas até ao dia 14».

«Recomenda-se que a primeira semana (6 a 11 de Janeiro), do segundo período escolar seja aproveitada para o esclarecimento, no âmbito de cada estabelecimento, dos vários aspectos relacionados com a execução do diploma. (...) Interessará para o efeito, que o texto do decreto-lei seja amplamente divulgado dentro de cada estabelecimento de ensino».

PROFESSORES NÃO ELEGÍVEIS

Quanto ao artigo que estabelece a inegibilidade para o Conselho Directivo, refere o despacho do secretário de Estado da Administração Escolar, que « a inegibilidade dos docentes que, em 1973/74 desempenharam funções de director, reitor, subdirector e vice-reitor, corresponde a uma preocupação tendente a — tanto quanto possível — eliminar todos os factores que, consciente ou inconscientemente, dificultem ou impeçam a real democratização da vida escolar.

Não significa isto que, entre os antigos dirigentes escolares, não existam cidadãos de muito mérito — até verdadeiros democratas — que de modo algum se pretenda atingir com uma medida que só sendo geral se poderá garantir que será eficaz».

Em S. MART.NHO DO PORTO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ ROSA

ESTRANGEIRO

Pondo termo a uma proibição de 41 anos, o Governo norte-americano autorizou, a partir do passado dia 31, os cidadãos a adquirirem ouro livremente. Para responder à «corrida ao ouro», a Bolsa de Mercadorias de Chicago abriu por volta da meia-noite do penúltimo dia de 1974. Durante 15 minutos — animadíssimos, como pode ver-se pela telefoto — houve 220 compras num total de 1 320 000 dólares. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Nacionalistas da Rodésia avistam-se com Callaghan

SALISBURY, 2 — (R.) Uma delegação nacionalista, formada por quatro membros, parte hoje desta capital para Lusaka, onde se encontrará com o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan.

Callaghan pretende inteirar-se pessoalmente sobre como os africanos encaram as perspectivas de uma conferência constitucional proposta pelo primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, que poderia pôr termo à disputa do território com a Grã-Bretanha, que dura há nove anos.

A delegação rodesiana será chefiada pelo dr. Elliott Gabellah, presidente interino do Conselho Nacional Africano (C. N. A.). Acompanhá-lo-ão Joshua Nkomo, o reverendo Ndabaningi Sithole e Edson Sithole, todos membros do Executivo do C. N. A. Um quinto membro, James Chikerema, encontra-se já em Lusaka.

O dr. Gabellah declarou ontem a jornalistas que a delegação partiria hoje, à tarde, para Lusaka e que regressaria provavelmente a Salisbury no sábado.

ENCONTRO CALLAGHAN--KAUNDA

LUSAKA, 2 — O ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan, avista-se hoje com o presidente Kenneth Kaunda de Zâmbia com quem travará conversações sobre as perspectivas de um acordo constitucional na vizinha Rodésia.

Parece, porém, incerto o resultado das conversações, que se seguem a uma ofensiva diplomática zambiana destinada a resolver o problema da constituição da Rodésia, criado quando esse território declarou unilateralmente a independência da Grã-Bretanha, há nove anos.

Espera-se que o dr. Kaunda insista com a Grã-Bretanha para começar a assumir um papel activo em iniciativas para acabar com o impasse, embora reste ser observado se haverá qualquer compromisso firme por parte dos britânicos.

Afirmou-se que Callaghan ficara desapontado com a mensagem do novo ano do primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, na qual declarou que não haveria mudanças dramáticas no território. Observadores pensam que tal atitude poderia reforçar a opinião de que existe ainda um longo caminho a percorrer antes de se chegar a um acordo.

O ministro britânico poderá aguardar encorajamento por parte da Zâmbia, antes de se empenharemqualqueriniciativa acerca de um encontro com Smith ou o primeiro-ministro sul-africano, John Vorster, disseram observadores.

Ontem, à noite, Callaghan teve a sua primeira conferência formal com o seu homologo zambiano Vernon Mwaanga. Terão novas conversações hoje, antes do ministro britânico partir de avião para a residência de férias do dr. Kaunda em Cinsali, na província norte do país.

Altamirano exorta os chilenos a criar uma frente antifascista

. HAVANA, 2 — (ANI) — Carlos Altamirano, secretário-geral do Partido Socialista do Chile, exortou a esquerda chilena a criar uma larga frente política, a fim de promover a luta contra a Junta fascista.

Declarou que a Frente deve surgir de entre as massas e como consequência da luta, pois agora existem «novas e melhores condições».

Altamirano enviou saudações de Ano Novo aos socialistas chilenos e ao povo chileno em geral.

Na sua mensagem, exprimiu o seu agradecimento pela grande e generosa solidariedade mundial com o povo do Chile, especialmente da parte da União Soviética, da República Democrática Alemã e de Cuba.

A declaração de Altamirano foi feita em Berlim e tornada pública em Havana pela Comissão Chilena de Solidariedade com a Resistência Antifascista.

O dirigente do Partido Socialista afirmou que 1975 deve ser um ano de acções decisivas na luta contra o regime do general Augusto Pinochet.

Os dirigentes do Partido Socialista no exílio — sublinhou — saúdam o novo ano com «um sentimento misto de dor e de esperança».

«Sentimos dor pelo nosso país oprimido, que se transformou numa vasta prisão, pelo nosso povo, torturado pela fome e pela miséria, pelos nossos amigos e camaradas que caíram em combate» — afirmou, acrescentando:

. «Temos esperança de que este pesadelo de horror termine em breve. Sabemos que os culpados receberão um castigo exemplar. Ninguém será castigado sem o merecer, mas ninguém escapará ao castigo que merece.»

Na sua mensagem de Ano Novo, Altamirano focou a necessidade total de abrir um «debate criativo e profundo, destinado a formar uma estratégia comum, baseada na unidade de todas as forças democráticas e revolucionárias do Continente».

Salientou que o Partido Socialista Chileno procura o início de uma nova fase que como uma necessidade imediata ponha fim à paralisia política que preparou o caminho para o golpe militar de Setembro de 1973 contra o presidente Salvador Allende.

O dirigente chileno avisou que pessoas como o antigo presidente Eduardo Frei (1964-70) e os seus adeptos não têm lugar na libertação do Chile, apesar do facto de acumular forças para enfraquecer o inimigo ser uma tarefa revolucionária.

Frei e os seus — observou — actuam segundo os interesses do grande capital e em acordo com os desígnios dos Estados Unidos. Com eles não poderia haver uma reconciliação sobre bases genuinamente nacionais, democráticas e populares.

Todavia — acrescentou — o cardeal Raul Silva Henriquez e outras personalidades católicas de destaque, ligadas à causa da justiça social, tornaram-se gradualmente «porta-vozes heróicos do martírio de um povo».

«Há também os oficiais das Forças Armadas que conservam a sua fé e lealdade aos mais altos valores do país e às tradições históricas do Exército chileno. Eles resistem, desempenhando o papel de cúmplices dos altos comandos fascistas» — declarou Carlos Altamirano, secretário geral do Partido Socialista Chileno e antigo senador.

Segundo coração noutro sul-africano

CIDADE DO CABO, 2 — (R.) — O segundo doente do mundo a ser submetido a um duplo enxerto cardiovascular continua hoje internado no Hospital de Groote Schuur, nesta cidade, com dois corações pulsando dentro do peito, e anunciou-se ser excelente o seu estado.

O doente, cuja identidade não foi revelada, ficou com um segundo coração enxertado na caixa toráxica, após uma operação de cinco horas no hospital, na véspera do Ano Novo, efectuada pelo professor Christian Barnard e a sua equipa de cirurgiões.

A transplantação registou-se cinco semanas depois do dr. Barnard realizar a primeira de tais intervenções cirúrgicas no mundo a Ivan Taylor, de 58 anos, que se encontra também em Groote Schuur, e que se anunciou estar a restabelecer-se muito bem.

O duplo enxerto cardiovascular foi descrito pelo professor como uma ideia nova e simples, mas excitante. Envolve a implantação de um segundo coração no peito de um paciente, com um órgão doente e a suturação dos dois para poderem trabalhar juntos.

O novo coração começa, então, a dar força ao velho, e o dr. Barnard previu uma era de «cirurgia de sobressalentes» por meio da qual à vítima de ataques cardíacos poderá ser dado temporariamente um segundo órgão, enquanto o seu recupera.

O professor crê também que a dupla transplantação poderia eventualmente substituir o simples enxerto cardiovascular, de que foi pioneiro, em Dezembro de 1967, quando retirou o coração a Louis Washkansky e o substituiu por um órgão novo.

COMUNISTAS CERCAM A CIDADE DE PHUOC BINH NO VIETNAME DO SUL

. SAIGÃO, 2 (R.) — As forças comunistas apertam o cerco a Phuoc Binh, uma capital de província situada a 120 quilómetros ao norte de Saigão, tendo capturado nas últimas horas várias posições governamentais no seu perímetro defensivo, uma delas a menos de um quilómetro de distância.

Em toda a província de Phuoc Long, o Governo apenas controla agora um pequeno enclave no centro do qual se encontra a capital, que só pode ser abastecida por via aérea. Nas últimas três semanas as forças comunistas cortaram todas as estradas e ocuparam as quatro capitais de distrito daquela província.

Os observadores pensam que a Frente de Libertação Nacional vai intensificar a pressão sobre Phuoc Binh uma vez que a sua captura seria uma importante vitória psicológica, por se tratar da primeira capital de província que o Governo perde nos últimos dois anos de guerra.

ESTRANGEIRO

Antigos colaboradores de Nixon condenados no caso Watergate

WASHINGTON, 2 — (F.P.) — Após 15 horas de deliberações, o júri do julgamento de Watergate reconheceu John Mitchell, H. R. Haldeman e John Ehrlichman — três dos homens mais importantes da Administração Nixon — culpados de diversas acusações de participação na conjura criminosa com vista a entravar o curso da justiça.

O antigo ministro adjunto da Justiça, Robert Mardian, e conselheiro político da Comissão Eleitoral do Ex-Presidente, foi dado como culpado, mas só quanto a uma acusação do libelo.

Um quinto réu, Kenneth Parkinson, antigo advogado naquela comissão, foi absolvido.

O juíz John Sirica adiou para uma data ulterior a fixação das penas.

Em S. Clemente anunciaram que o ex-presidente Nixon fará hoje uma declaração a respeito do processo e do seu desfecho.

As esposas dos acusados, com excepção de Martha Mitchell que está separada do marido, encontravam-se presentes no tribunal no momento do veridicto.

Quando depois um jornalista perguntou ao antigo ministro da Justiça o que ia fazer, este respondeu: «Julgo que irei para a Lua, é o melhor sítio».

O julgamento começou em 1 de Outubro. O juri compõe-se de nove mulheres e três homens (oito pessoas de cor e quatro brancas). Vieram depor umas 80 testemunhas e foram ouvidas umas 30 gravações das conversas na Casa Branca, implicando a maioria dos acusados na tentativa de entraves à justiça.

O grande ausente no julgamento, aos olhos da maioria dos americanos foi o presidente Nixon, pois as gravações evidenciam bem o papel dirigente de Nixon neste caso. Mas, perdoado pelo seu sucessor, o antigo presidente não podia comparecer nos bancos dos réus, além de que foi dispensado pelo juíz John Sirica, devido à sua recente operação.

Durante o julgamento, os acusados afirmaram que iriam recorrer no caso de serem considerados culpados.

John Mitchell foi dado como culpado de conspiração com vista a entravar a justiça, obstrução à mesma, duas falsas declarações a um tribunal de acusação e perjúrio à Comissão Senatorial do Watergate. Incorre assim em 25 anos de prisão e numa multa de 37 000 dólares.

Haldeman é culpado de conspiração, com vista a entravar a justiça, obstrução à mesma, e por três perjúrios na Comissão Senatorial do Watergate. Incorre em 25 anos de prisão e 21 000 dólares de multa.

John Ehrichman, considerado culpado de conspiração com vista a entravar a justiça, obstrução à mesma, e por duas falsas declarações num tribunal de acusação, incorre em 20 anos de prisão e numa multa de 35 000 dólares.

Robert Mardian é culpado de conspiração com vista a entravar a justiça. Incorre em cinco anos de prisão e numa multa de 10 000 dólares.

John Mitchell foi absolvido em Abril, em Nova Iorque, da acusação de entrave à justiça no julgamento duma contribuição secreta de 200 000 dólares do financeiro Robert Vesco, para a campanha eleitoral do presidente Nixon.

John Ehrlichman, por seu turno, já em Julho fora dado como culpado no caso do assalto ao gabinete do psiquiatra de Daniel Ellsberg, o homem que se apossou dos documentos do Pentágono.

H. R. Haldeman, antigo secretário-geral da Casa Branca, e Robert Mardian, compareciam no tribunal pela primeira vez.

À saída do tribunal, os quatro réus protestaram a sua inocência. O mais veemente foi John Ehrlichman que qualificou a sentença de «política».

O inesquecível Charlot (que vemos na telefoto à esquerda, como apareceu no filme «O Pequeno Vagabundo», e, à direita, em 1972) é agora «Sir» Charles Chaplin, por obra e graça da rainha Isabel II da Inglaterra, que incluiu o genial cineasta na lista das personalidades nobilitadas pela coroa no primeiro dia do ano de 1975. A Imprensa inglesa comentou jubilosamente a atribuição do título de «Sir» ao velho Charlot (hoje com 85 anos), embora alguns jornais lamentem que só agora os seus méritos tenham tido esta consagração. O grau de cavaleiro da ordem do Império Britânico foi também conferido ao escritor P.G. Wodehouse. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Agitação operária reprimida no Egipto

CAIRO, 2 (R.) — O Governo egípcio anunciou que serão reprimidas severamente quaisquer novas desordens semelhantes às que se registaram ontem no Cairo durante uma manifestação de trabalhadores, que pediam aumentos de salário para fazer face à inflação.

Segundo um comunicado oficial distribuído ontem à noite, as desordens foram provocadas por «elementos irresponsáveis que se aproveitaram das dificuldades económicas que o país atravessa».

Quatro mortos num ataque dos israelitas ao Líbano

BEIRUTE, 2 (R) — Foram mortas quatro pessoas, incluindo duas crianças, quando uma força judaica, calculada em 200 homens, atacou ontem, à noite, uma aldeia no sul do Líbano — anunciou hoje um informador militar.

Um homem perdeu a vida, juntamente com os dois filhos, quando os judeus fizeram ir pelos ares a sua casa na aldeia de Taybeh, disse o informador num comunicado.

Revelou ainda que mais um homem fora morto e uma terceira criança ficara ferida na acção, que durou 10 minutos.

«As nossas forças, numa posição próxima, abriram fogo contra os intrusos e seguiu-se um duelo de artilharia» — acrescentou.

Ignoravam-se as baixas sofridas pelos judeus.

Foi o segundo ataque nocturno desencadeado pelos judeus no Líbano.

Na véspera do ano novo, segundo Beirute, forças judaicas raptaram cinco civis, feriram quatro pessoas e demoliram 11 casas numa série de ataques de comandos e de artilharia.

20 000 residentes, mas não abrange cerca de um milhão de árabes que vivem nos territórios ocupados.

A Secretaria Central de Estatísticas acrescenta que, durante 1974, imigraram para Isarel 7000 judeus.

Robert Haldeman, John Mitchell e John Ehrlichman (na telefoto da esquerda para a direita), antigos colaboradores de Nixon, foram judicialmente considerados culpados de conspiração e de obstrução ao esconderem o envolvimento das altas esferas no caso Watergate. Os três homens enfrentam agora penas de 20 a 25 anos de prisão. (Telefoto UPI-Telimprensa)

24 HORAS NO MUNDO

■ O número de mortos provocado pelo sismo no Paquistão ultrapassou já cinco mil. O primeiro-ministro Zulfikar Ali Bhutto visitou a região sinistrada, nas vertentes geladas do Caracorum e apelou para o auxílio internacional, declarando aos jornalistas: «Tudo quanto podemos fazer é chamar a atenção do Mundo para o que aconteceu e esperar uma resposta positiva».

■ Os norte-americanos terminaram o ano sob o signo da corrida ao ouro. Pela primeira vez desde 1933, os americanos podem livremente adquirir o precioso metal.

■ Em círculos diplomáticos do Cairo afirma-se, Leonid Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, encontra-se hospitalizado, sendo essa a razão do adiamento da sua visita ao Egipto.

■ Na sua mensagem de Ano Novo, o presidente brasileiro Ernesto Geisel, fez mais uma promessa: conduzirá o Brasil por uma via democrática. Prometeu ainda sancionar as eleições legislativas de Novembro, nas quais a oposição obteve 70 por cento da votação para renovação de parte do Senado.

■ O Governo inglês faz promessas ao IRA. Está disposto a suprimir progressivamente o internamento dos suspeitos e a reduzir os efectivos do Exército no Ulster, em troca do prolongamento da actual trégua de Natal.

CALEIDOSCÓPIO

■ PENETRAÇÃO COMUNISTA

SAIGÃO, 2 — (R) — Forças Comunistas apoiadas por tanques penetraram hoje na capital da província de Phuoc Long, a 120 quilómetros ao Norte de Saigão, e travam alí violentos combates com a guarnição governamental, segundo foi aqui oficialmente anunciado.

É esta a primeira vez que as forças comunistas conseguem penetrar numa capital de província, desde o acordo de Paris assinado há dois anos.

■ TRÉGUAS DO I.R.A.

DUBLIN, 2 — (R) — A ala provisória do I.R.A. anunciará hoje uma prorrogação da sua trégua de Natal, segundo afirmaram fontes afectas aos republicanos irlandeses nesta capital.

O cessar-fogo de 11 dias deverá expirar à meia-noite e a comunicação acerca das prorrogação é aguardada há 48 horas. Crê-se que a trégua será prorrogada por mais dez dias.

■ PREÇO DO PAPEL

BERLIM, 2 — (ANI) — O aumento do custo do papel forçou o jornal do Partido Comunista da República Democrática Alemã «Neues Deutschland» a deixar de saír aos domingos — anufcia a direcção do diário.

Numa nota aos seus leitores, o «Neues Deutschland» diz que «em consequência do forte aumento internacional do preço do papel, o jornal só será imprimido seis dias por semana.

Um outro jornal de Berlim Oriental, o «Berliner Tagesspiegel» fez comunicação semelhante.

■ «ANO DE GREVES» NA INGLATERRA

LONDRES, 2 — (ANI) — Devido às greves, a indústria inglesa perdeu em 1974 mais de 14 milhões de dias de trabalho, anunciou o Ministério do Trabalho britânico.

Trata-se de um dos piores «anos de greve» desde a greve geral de 1926.

Só nos primeiros 11 meses do ano, foram perdidos 13,9 milhões de dias de trabalho.

INFORMAÇÃO JUDAICA

TELAVIVE, 2 (R) — Tropas israelitas, empenhadas numa missão de procurar e destruir, atravessaram a fronteira do Sul do Líbano, durante a noite, e travaram uma batalha a tiro com guerrilheiros árabes — anunciou hoje o Exército.

Os israelitas atacaram a aldeia de Taybeh, em busca de guerrilheiros palestinianos, após uma série de incidentes ao longo da fronteira Norte, nos últimos dois dias.

A POPULAÇÃO DE ISRAEL AUMENTOU

JERUSALÉM, 2 (ANI) — A população de Israel aumentou 2,3 por cento em 1974, atingindo os 3 042 000 habitantes, segundo a Secretaria Central de Estatísticas.

O total — 2 888 000 judeus 514 000 não judeus — inclui

Necrologia

JOSÉ PAULINO DE MELO

Mandada celebrar por sua mulher, sobrinhos, afilhada e demais família, em comemoração do 30.º dia, será rezada amanhã, sexta-feira, dia 3, pelas 17 horas, na Igreja de S. Nicolau, missa pelo seu eterno descanso.

IGUALDADE DA MULHER ESTABELECIDA NO PERU

..LIMA, 2 — (ANI) — A efectiva igualdade da mulher peruana em relação ao homem nos seus direitos e deveres foi ontem estabelecida criando a Comissão Nacional da Mulher Peruana como pessoa jurídica de direito público, sob a presidência da mulher do chefe do Estado do Peru, Consuelo Gonzalez de Velasco.

..Tal comissão entrou em funcionamento imediatamente com carácter autónomo e dependência directa da Presidência da República tendo capacidade de decisão a nível nacional para canalizar os esforços dos agrupamentos femininos de harmonia com o plano nacional de desenvolvimento.

..Entretanto, o Governo peruano concordou em suspender os processos movidos contra os advogados que se pronunciaram contra um contrato assinado para o desenvolvimento petrolífero do Peru.

..A medida beneficia o decano da Ordem dos Advogados, Juan Vicente Ugarte del Pino, e seis membros da sua junta directiva, bem como os membros da Comissão Consultiva de Investimentos Estrangeiros da «C. A. L.» que, em Novembro, redigiram um relatório impugnando os contratos firmados com companhias japonesas para o financiamento do oleoduto norperuano.

..O Governo concordou ainda em suspender e arquivar os processos levantados contra as pessoas que foram detidas em consequência das desordens que ocorreram nas zonas de Miraflores e Santo António, em Julho, como protesto contra a expropriação dos diários de circulação nacional.

ESTRANGEIRO

BALANÇO INTERNACIONAL DE 1974 (2)

A despedida de Richard Nixon, na Casa Branca, em Agosto, depois de ter renunciado ao cargo de presidente dos Estados Unidos, em consequência do escândalo Watergate. Ao centro, sua mulher, Pat, e, à direita, uma das filhas, Tricia Cox. (Telefoto UPI-Telimprensa)

JULHO

■ *Europa* — O general Franco é internado numa clínica, com uma grave flebite. O estado de saúde do Caudilho faz nascer a impressão de que o franquismo vai terminar em Espanha, impressão essa mais reforçada ainda pelo facto de o príncipe Juan Carlos ter sido provisoriamente investido nas funções de chefe de Estado. A Oposição democrática espanhola cria em Paris uma Junta Democrática e lança um apelo às Forças Armadas para que estas devolvam a Espanha à normalidade democrática. No último dia do mês Franco sai da clínica. Em Chipre, um golpe de Estado teleguiado de Atenas põe no poder um antigo terrorista da EOKA, Nicos Sampson. O arcebispo Makários, legítimo presidente da República cipriota, refugia-se no estrangeiro. As tropas turcas invadem a ilha. Sampson é substituído por Glafkos Clerides. O « caso cipriota» leva a o fim da ditadura grega, sendo constituído em Atenas um novo Governo, presidido por Karamanlis, expressamente vindo do exílio. Libertados os presos políticos gregos e reposta em vigor a Constituição de 1952. Nova cimeira franco-alemã, em Bonn. Começam em Paris as conversações euro-árabes entre os «Nove» da CEE e os 20 da Liga Árabe. Um atentado neofascista em Itália causa 12 mortes e 48 feridos.

■ *América* — Nas eleições antecipadas do Canadá, o primeiro-ministro Pierre Trudeau consegue uma vitória folgada. Nos E. U. A., são aprovados três pontos das acusações contra Nixon, que se aproxima cada vez mais da impugnação.

■ *África* — Nasce um novo Estado africano: a Guiné-Bissau. A Comissão das Forças Armadas da Etiópia procede a várias prisões de altos dignitários e ministros. O primeiro-ministro é substituído.

■ *Médio Oriente* — O dirigente palestiniano, Yasser Arafat, visita a U. R. S. S. e a O. L. P. passa a ter uma missão em Moscovo. A Marinha israelita afunda trinta embarcações libanesas. Os generais Dayan e Gur são postos em causa em Israel, devido às revelações do relatório Maalot sobre a guerra de Outubro.

■ *Petróleo* — Levantado o embargo do petróleo contra a Holanda. Portugal, a Rodésia e a África do Sul continuam sujeitas ao embargo. O Estado iraniano vai tomar uma participação de 25 por cento no capital da siderurgia Krupp.

■ *Ásia* — Recuo do partido governamental japonês nas eleições: dois ministros demitem-se.

■ *Espaço* — A nave soviética Soyuz 14 tripulada por dois cosmonautas permanece no espaço, acoplada ao laboratório Saliut-3, durante 14 dias, 7 horas e 33 minutos.

AGOSTO

■ *América* — O presidente Nixon dos E. U. A. demite-se em consequência do escândalo Watergate, em cujo encobrimento confessadamente participou. Gerald Ford, até então vice-presidente, ascende à presidência. O multimilionário Nelson Rockefeller é designado vice-presidente. Alfonso Lopez Michelsen, eleito em 21 de Abril, toma posse do cargo de presidente da República da Colômbia. Na Argentina Maria Estela Peron, viuva do general Peron torna-se presidente da República, assinalando uma clara viragem à direita. Surto epidémico de meningite no Brasil.

■ *Médio Oriente* — Ismail Fahmi, ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, visita oficialmente a França. O presidente Sadat do Egipto revela que os Mirages líbios vendidos pela França participaram em missões de combate, integrados na aviação egípcia. Um jornal de Beirute assegura que novas hostilidades israelo-árabes estão para breve. Preso em Jerusalém, acusado de actividade terrorista o vigário patriarcal grego da Cidade Santa, monsenhor Hilario Capucci. Mobilização de grande número de reservistas israelitas e alerta das tropas sírias no Golan e egípcias no Suez. O Conselho de Ministros francês levanta o embargo de armas contra os países do Médio Oriente.

■ *África* — Terminado o projecto de nova Constituição na Etiópia. Hailé Selassié reduzido a simples figura representativa. Nacionalizados os palácios imperiais, presos mais ministros. Os E. U. A. anunciam que vão aumentar o seu auxílio militar à Etiópia.

■ *Ásia* — Atentado contra o presidente sul-coreano, que saiu ileso tendo morrido a mulher. Novo presidente na União Indiana: Ali Ahmed. Vitória esmagadora da coligação governamental nas eleições da Malásia. Grande ofensiva do Vietcong na província de Thra-Thien.

■ *Europa* — A Grécia anuncia que se retira da organização militar da NATO em consequência do caso de Chipre. O embaixador norte-americano em Chipre é morto num assalto à embaixada. O dirigente cipriota turco Rauf Denktash ameaça criar um «Estado turco» na ilha. Desaparece o jornal francês «Combat». Depois do encontro Helmut Schmidt-Aldo Moro, a Alemanha Federal decide conceder à Itália um empréstimo de dois biliões de dólares.

SETEMBRO

■ *Europa* — O general Franco, clinicamente restabelecido, reassume as funções de chefe de Estado. As forças da oposição não comunista agrupam-se numa frente comum chamada Congresso Democrático. Atentado nas Puertas del Sol (Madrid): 11 mortos e 71 feridos. A Assembleia do Conselho da Europa, solicita a Franco uma «amnistia geral para todos os presos políticos e exilados». O chanceler alemão ocidental avista-se em Paris com o presidente francês, que, dias depois, preside a um jantar-cimeira dos «Nove». Em debate: o «relançamento» da união europeia. Duzentos recrutas franceses manifestam-se numa marcha de protesto.

■ *América* — Numa atitude vivamente cotestada, o presidente Ford concede o perdão total a Nixon. A Islândia e os E. U. A. chegaram a acordo sobre a manutenção das forças americanas nas bases da NATO naquele país. Gromyko é recebido pelo presidente Ford. O grupo extremista das direitas argentinas AAA mata Atilo Lopez, dirigente operário de Córdova. Os serviços secretos chilenos assassinam em Buenos Aires o general Carlos Pratts, que foi ministro de Allende e que se exilara depois do golpe fascista no seu país.

■ *Nova-Zelândia* — Wallace Rowling é o novo primeiro-ministro da Nova Zelândia, em substituição de Norman Kirk, falecido.

■ *Ásia* — O Parlamento indiano decide transformar o Estado do Sikkim em Estado associado da União Indiana. A mulher do presidente das Filipinas visita a China e é recebida pelo presidente Mao. O primeiro-ministro chinês, Chu En-Lai, hospitalizado, comparece ao banquete no Palácio do Povo dado por ocasião das comemorações do vigésimo quinto aniversário da Revolução.

■ *Médio Oriente* — A F. P. L. P. de George Habash retira-se da Comissão Executiva O.L.P. o Presidente Assad, da Síria, a caminho da Coreia do Norte, faz escala em Moscovo onde se avista com Leonid Brejnev. O primeiro-ministro israelita, Ytzhak Rabin, numa visita aos E. U. A., obtem satisfação sobre o prosseguimento de fornecimentos militares norte-americanos ao seu país. O primeiro-ministro libanês apresenta a sua demissão. Sérias divergências impedem a publicação do comunicado final da visita do ministro romeno Macovescu a Israel.

■ *ONU* — Abre a vigésima nona sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, presidida pelo argelino Bouteflika.

■ *África* — Violentos incidentes na província sul-africana do Natal, em consequência de uma manifestação a favor da Frelimo. Deposto o imperador Hailé Selassié da Etiópia. Aman Andom é nomeado presidente do Governo Militar Provisório.

OUTUBRO

■ *Europa* — Os ministros dos Negocios Estrangeiros e da Agricultura da C. E. E. decidem a alta dos preços agrícolas do Mercado Comum, depois de um momento de tensão e crise suscitado pela recusa antecipada de Bonn de aceitar altas de preços. Demite-se o Governo italiano de Mariano Rumor. A Fiat de Turim anuncia o desemprego parcial de 65 mil operários e a Lancia, de seis mil. Congressos dos Partidos Socialista e Comunista em França. Ruptura no P. S. U. francês. As centrais sindicais francesas C. G. T. e C. F. D. T. preparam um plano de acção comum. O Conselho de Ministros adopta medidas novas sobre trabalhadores estrangeiros. Greve dos C. T. T. em França. Eleições antecipadas na Grã-Bretanha dão a vitória aos trabalhistas. Nacionalizações anunciadas no Discurso do Trono. O ministro dos Despostos escapou ileso a um atentado. A decisão para a substituição do avião F-14 Starfighter em quatro países da NATO adiada por três meses. Crise governamental na Turquia: Bulent Ecevit novamente encarregado de formar Governo. O PC da U. R. S. S. e o PC da Espanha sanam as suas divergências. Rejeitada na Suiça uma iniciativa contra a emigração. Presos e deportados antigos responsáveis pela Junta Militar grega, entre eles Papadopoulos. Crise em Espanha: dois ministros demitidos por pressão da ultra-direita.

■ *ONU* — O Comecon e a C. E. E. convidados a participar como observadores na Assembleia Geral. Esta decide convidar a O. L. P. como representante do povo palestiniano. Triplo veto no Conselho de Segurança (E. U. A., França e Inglaterra) salva a África do Sul de ser expulsa das Nações Unidas.

■ *Ásia* — Acusações de corrupção contra o presidente Thieu do Vietname do Sul, que apela para o auxílio dos E.U. A., enquanto o Vietcong, apertando o cerco militar, convida a população a rebelar-se contra o regime. Quatro ministros apresentam a demissão ao presidente Thieu. Manifestação antigovernamental de grande envergadura em Seul (Coreia do Sul). Kissinger enceta uma visita ao subcontinente indiano. Anuncia-se que mais de 100 mil pessoas estão ameaçadas pela fome no Bangla Desh.

■ *África* — Confronto sangrento entre militares etíopes.

■ *Médio Oriente* — Saeb Salam encarregado de formar novo Governo libanês. Visita de Kissinger ao Cairo e a Telavive. Após a visita do ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros à U. R. S. S., anuncia-se a normalização das relações entre os dois países. O ministro francês dos Negócios Estrangeiros avista-se em Beirute com Yasser Arafat. Abre em Rabat a oitava cimeira árabe, que dará pleno reconhecimento à O. L. P.

■ *América* — É encetado em Washington o «processo do século», relativo ao caso Watergate. Um dirigente do MIR é assassinado em Santiago do Chile. A organização argentina AAA faz a sua centésima quarta vítima.

NOVEMBRO

■ *América* — Vitória esmagadora dos democráticos nas eleições legislativas dos E. U. A. — o novo Congresso tem maioria democrática suficiente para passar por cima dos vetos presidenciais. Kissinger propõe cooperação ocidental para forçar a redução dos preços do petróleo. Na sua primeira deslocação ao estrangeiro depois de ser presidente. Ford vai ao Japão onde é recebido com manifestações de hostilidade popular. Encontro Ford-Brejnev em Vladivostok: êxito na limitação dos armamentos nucleares. O México corta relações com o Chile. Na Conferência da O.E.A. em Quito, malogrou-se a tentativa de pôr fim ao bloqueio a Cuba. Contudo, vários países declararam que acabariam unilateralmente com esse bloqueio. Eleições legislativas no Brasil: grande avanço da oposição legal. O Governo do Peru expulsou os «corpos da paz».

■ *Europa* — Prisões em Espanha de intelectuais acusados em relação com o atentado contra Carrero Blanco. Um tribunal de Burgos condenou três membros da E. T. A. a um total de 183 anos de prisão. A Assembleia Nacional Francesa legaliza o aborto. Novo Governo turco formado por Sadi Irmak. Um grupo de militares democráticos italianos adverte o Governo sobre um golpe de Estado que devia ocorrer no país. Eleições na Grécia: triunfo das direitas — o partido de Karamanlis é o grande vencedor. Greves em França. Atentado bombista em Inglaterra: 19 mortos.

■ *Ásia* — Demite-se o primeiro-ministro japonês, Kakuei Tanaka, substituído por Takco Miki.

■ *África* — A África do Sul impedida de participar nos trabalhos da Assembleia Geral da ONU. Pela primeira vez caiu um Jumbo: o acidente, ocorrido no Quénia, causou 61 mortos. O dirigente zambiano Kaunda desloca-se a Moscovo. Na Etiópia: execução sem julgamento de dezenas de personalidades do anterior regime e morte violenta de Aman Andom.

■ *Médio Oriente* — Histórica consagração da O. L. P. na ONU, onde o dirigente palestiniano Yasser Arafat pronuncia importante discurso. O Papa recebe um representante palestiniano e Arafat é condecorado por Fidel Castro. Kissinger e Hussein conferenciam sobre a Cisjordânia.

■ *Alimentação* — A Conferência sobre a Alimentação reunida em Roma sob os auspícios da ONU terminou sem que se chegasse a resultados muito concretos.

DEZEMBRO

■ *Europa* — Todo o mês de Dezembro ficou assinalado em Espanha por intensa agitação social, que levou um ex-ministro republicano a falar em situação «pré-revolucionária» naquele país. A lei sobre associações políticas, decretada pelo Governo e já entrada em vigor, desagradou aos sectores oposicionistas, que a consideram uma fraude, por só admitir associações políticas dentro do Movimento. Em França terminou a greve dos correios. Realizou-se em Paris a última grande cimeira da C. E. E., cujos participantes reconheceram ser o desemprego generalizado e a inflação os principais inimigos a combater na Europa. Harold Wilson avistou-se em Paris com Giscard d'Estaing, o qual, por sua vez, se avistou com Leonid Brejnev, com quem assinou um acordo comercial que duplicará as trocas entre os dois países. Giscard avistou-se também na Martinica com o presidente Ford, concordando ambos os estadistas numa revalorização do ouro e na convocação de uma conferência mundial entre produtores e consumidores de petróleo. Na Grécia, em referendo o povo rejeitou inequivocamente a monarquia. Michel Stessinopoulos é o presidente da República da Grécia. A ilha

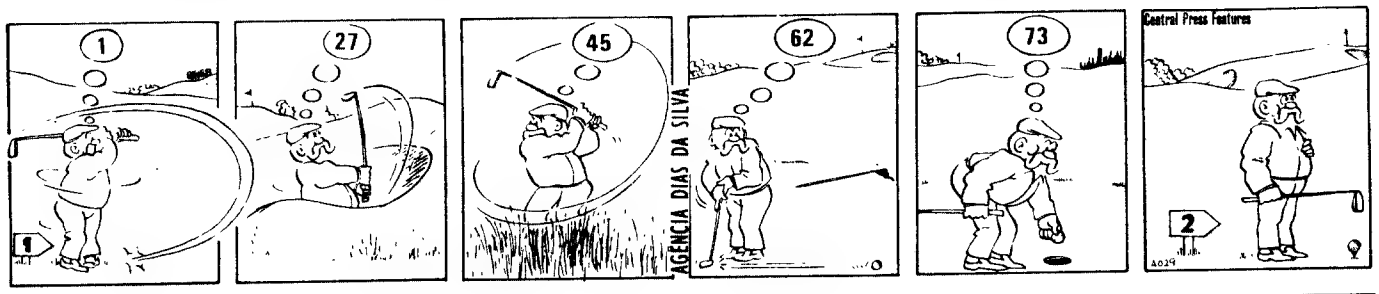
Continua na pág. 22

Personalidades desaparecidas

Em 1974, entre as personalidades mais destacadas que faleceram contaram-se:

— U Thant.
— Duke Ellington.
— Vittorio de Sica.
— Bud Abbot.
— Norman Kirk.
— Juan Perón.
— Sam Goldwyn.
— Georges Pompidou.
— Krishna Menon.
— Grivas.
— Jacqueline Susann.
— Erskine Childers.
— Walter Lippmann.
— Jack Benny.
— Jukov.
— Pietro Germi.

Esta caminha de vidro plex é uma novidade posta no mercado por um fabricante de matérias plásticas da República Federal da Alemanha. As suas vantagens: é de fácil limpeza, mantendo-se portanto esterilizada, possibilita à mãe observar a criança sem que esta dê por isso e facilita ao bebé a sua adaptação ao meio ambiente. Além disso, a cama transparente pode ser facilmente transportada em qualquer automóvel. A parte inferior deixa-se transformar numa linda mesa. Uma cobertura de material opaco protege a criança contra excessiva claridade, corrente de ar e olhares demasiado indiscretos.



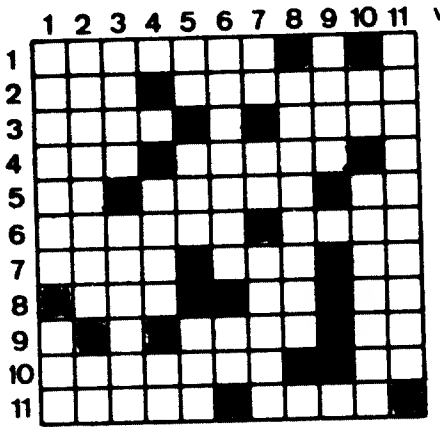
Palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 10973

HORIZONTAIS:

1 Idade avançada. Tempo do verbo ser.
2 Estima. Corroíam.
3 Produto usado em pintura e tinturaria. Pecado.
4 Rei lendário de Tróia, fundador de Ílion. Freguesia do concelho de Guimarães.
5 Concede. Adeje. Prefixo de privação.
6 Limpara metais. Ilha da República da Indonésia no arquipélago de Sunda.
7 A escória. Triture. Distar.
8 Conjunção Idem. Li.
9 Descerro. Em partes iguais.
10 Dera sinal. Prefixo que designa negação.
11 Ligais. Artérias.



VERTICAIS:

1 Legalizar. Prejuízo.
2 Meteram em mala. Letra grega.
3 Aliança. Prenderia com elos.
4 Imbecis (gir). Pronome pessoal.
5 Nota musical (inv). Rio da Suiça. Duna da Suécia.
6 Deslizavam. Bromo (s.q).
7 Érbio (s.q). Sufixo que designa estado. Sentir tonturas de cabeça.
8 Apetecido.
9 Espécie de gato-bravo.
10 Viração. Realçais.
11 Tornariam morno.

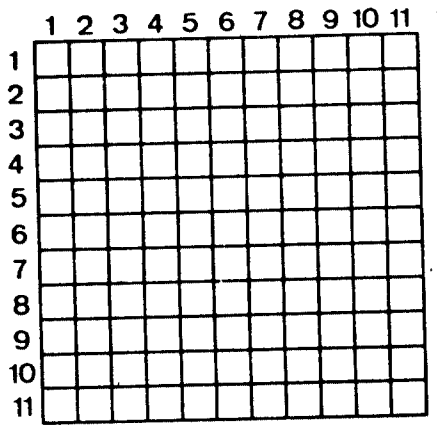
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7131

HORIZONTAIS:

1 Pega. Ostentara.
2 Disfarçar. Freguesia do concelho de Mirandela.
3 Artigo definido (ant). Claridade. Francio (s.q).
4 Cabo da costa de Portugal. Aguce.
5 Estima. Vai para fora. Grito (Bras).
6 Vila e concelho do distrito de Aveiro.
7 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Dá mios.
8 Átomo. Apanhar. Nota musical.
9 Gomo que origina as flores Foles.
10 Faísca. Ecoas.
11 Época. Pronome possessivo. Braço de mar.



VERTICAIS:

1 Afia. Terçado.
2 Princesa judia, filha de Herodes Filipe e de Herodíade. Soar.
3 Nesse lugar. Bens. Irmã da mãe.
4 Nome de mulher. Taco muito comprido.
5 Acreditei. Grande sala.
6 Mamífero desdentado espécie de tatu. Crença.
7 Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Manas.
8 Cidade da Jugoslávia. Espécie de gato-bravo (pl).
9 Amónio (s.q). Debande. Coragem.
10 Reponta (fig). Tangei.
11 Dourado. Ofício divino.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10972

HORIZONTAIS:

1 MAIS SÃO. AS.
2 Atraquem Se
3 Tar. Um As
4 **Acabei. Role**
5 Rã. Sa. Nua
6 Rolasses
7 Valete. Cana
8 Alisto. Om.
9 Zara. Az
10 Isolar. Em
11 Soa. Pisasse

VERTICAIS:

1 Matar. VOZES.
2 Atacara.
3 Iiral Olaria
4 **Sa. Balelas**
5 QUE Ati. Op
6 Sumisses. Ti
7 Ea. As. Tias
8 Omar Eco Ra
9 Sonsa
10 As. Iu. NOZES
11 Semearam Me

PROVÉRBIO Mais são as vozes, que as nozes

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7130

HORIZONTAIS:

IAM
2 Ria. Motivai.
3 Aso Otão. Ro
4 Sala Sás.
5 AC Mará Au
alvam.
7 Ar Rasa Os
8 Ruas Roiam
a
10 Atiá. Passar
11 Sa. Morro Se

VERTICAIS:

1 Dragara Pas
2 Esi. Carreta
3 Sãos. Uai!
4 Amararam
5 Imolavas.
6 Notaras. Api
7 Ata Amargar
8 Rio. So
9 IV. Saloios
10 Aarau. Saras
11 Mios. Mare

os Kolans

NACIONAL

Os americanos interessados em consolidar a democracia em Portugal

— DECLAROU MÁRIO SOARES A "LE MONDE"

Por MARCEL NIEDERGANG (Exclusivo «Le Monde» /«DL»)

. LISBOA — «Desde Abril que não paro de repetir aos dirigentes americanos que o seu interesse — como o nosso — consiste em ajudar o Portugal novo a consolidar a sua jovem democracia. Estou convencido que hoje em dia eles já são da mesma opinião...» Mário Soares, considera antes do mais que em Washington as pombas desta vez levaram a melhor sobre os falcões na análise do problema português. «Fosse com Henry Kissinger ou com outros responsáveis do departamento de Estado, insisti sempre no facto de que uma deterioração da nossa economia, já numa situação delicada só iria bloquear o processo institucional democrático. Disse-lhes que seria necessário conceber para Portugal uma espécie de plano Marshall, pois a consolidação de uma verdadeira democracia pluralista no nosso país não será possível sem estabilidade económica. Eis a razão.

De facto, o Governo americano anunciou a 13 de Dezembro a sua intenção de conceder a Portugal uma assistência económica de pelo menos 75 milhões de dólares.

Sem dúvida modesto, este primeiro gesto não deixa de significar uma viragem na má vontade, quando não, mesmo hostilidade, que marcavam as tomadas de posição americanas após o 25 de Abril.

São inúmeros os portugueses que no entanto pensam que Washington adoptou uma política de «wait and see» (esperar para ver), pelo menos até às eleições para as Constituintes marcadas para Março. Outros muitos dos quais nada têm que ver com o Partido Comunista, mencionam os rumores frequentes e insistentes sobre a actividade dos agentes da C.I.A. em Portugal. Pensa-se que a substituição de Scott por Carlucc, como embaixador dos Estados Unidos em Portugal, após um inquérito de «conclusões pessimistas» realizado em Portugal pelo director-adjunto da C.I.A. tem de ter um significado. Porém, Mário Soares afasta resolutamente essas sombras e essas objecções. Segundo ele explica «Scott» não era um diplomata de carreira mas um velho amigo de Nixon. Foi muito naturalmente substituído por uma equipa que de resto eu encontrei em Washington e que me pareceu animada das melhores intenções a nosso respeito. Quanto ao general Walters, durante a sua estadia em Lisboa, foi recebido pelo general Costa Gomes, pelo brigadeiro Vasco Gonçalves e por mim. Devo dizer que ele manifestou toda a simpatia pelos nossos esforços e em ocasião alguma se referiu a possíveis ingerências nos nossos assuntos internos».

O ministro admite no entanto que os americanos podem ter hesitado «na adopção duma política mais clara». Parece que, aquilo que em Lisboa se chama a «teoria da vacina», que consiste em provocar ou em favorecer uma «comunicação» de Portugal para melhor reagir em seguida, foi em Washington examinada a alto nível. «Seria evidentemente brincar com o fogo pensa Mário Soares, que não duvida de que uma «operação à chilena» está fora de questão para o nosso país.

. . «Parece-me, afirma ele, que o recente editorial do «New York Times», que se felicita por ver o Governo americano abandonar uma política de vistas curtas em relação a Portugal, é extremamente reveladora do novo clima que reina em Washington. Este auxílio de 75 milhões de dólares é certamente modesto, mas é simbólico na medida em que é concebido significativamente antes das eleições de Março».

AS RIVALIDADES DOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO ANGOLANOS

V. disse perante o congresso nacional do Paritido Socialista que a revolução começada a 25 de Abril ainda poderia ser ganha ou perdida consoante o desenrolar dos acontecimentos em Angola.

— É verdade. Temos esperanças de que o bom senso inspirará todos os nossos interlocutores em Angola, de modo a que esta terra martirizada mas tão rica de potencialidades, possa encontrar o caminho da paz e da cooperação para todos os que nela vivem. Mas como dissimular que os obstáculos são ainda numerosos? Há dificuldades provocadas pelas rivalidades entre os três movimentos de libertação apetites pelas enormes riquezas deste território, pressões estrangeiras nos bastidores e uma complexidade favorecida pela multiplicidade de etnias. Nós estamos decididos a permanecer neutros, pragmáticos, a não intervir nas divergências que podem separar os nossos diferentes interlocutores. Tudo faremos para evitar um drama, uma guerra civil que dará um pretexto às superpotências para intervirem. Preconizamos uma grande «mesa-redonda», a fim de se obter um Governo provisório de transição em Luanda».

Em Lisboa, fala-se muito de um novo tratado de Tordesilhas» (desta vez entre os Estado Unidos e a U.R.S.S.) pemitonreconheceremrespectivamente zonas reservadas» na África te zonas resevadas» na Africa «portuguesa»: Mário Soares pensa, porém que esta visão não corresponde à realidade. Com efeito Mário Soares está decidido a manter as alianças tradicionais de Portugal, mas também a encetar novas relações com todas as nações, de que a sua viagem à Índia é exemplo onde conta resolver satisfatoriamente o velho contencioso com aquele país.

«Já discutimos o problema com os indianos. Desejamos restabelecer relações diplomáticas normais e elaborar com eles um tratado de cooperação comercial e cultural. Este tratado permitiria desenvolver a língua e a cultura portuguesa na Índia».

— As relações diplomáticas com a União Soviética são já um facto. E com a China?

— Estamos particularmente interessados em estabelecer relações completamente normais com Pequim e para isso já encetei diversos contactos e fiz várias diligências para chegar a um resultado no mais curto espaço de tempo possível. Esta acção corresponde absolutamente ao espírito e à letra do Programa do Movimento das Forças Armadas, que prevê que Portugal democrático se ligará a todos os povos do mundo. Posso dizer-lhe que a questão de Macau, tal como a da Formosa não consitutirá obstáculo às relações com a China, pois para Macau se encontrará naturalmente uma solução no contexto das relações bilaterais entre Pequim e Lisboa».

— A presença de um ministro comunista no Governo Provisório português, desde Abril de 1974, terá tido algumas incidências na condução da diplomacia?

. — Incidências? Reservas e algumas hesitações sim, sem dúvida que existiram. Mas penso que já foram ultrapassadas. De resto, a nossa situação nada tem de excepcional. A nossa revolução de 25 de Abril assemelha-se um pouco à libertação em França depois da guerra. Nessa altura também os franceses tiveram ministros comunistas no governo e ninguém considerou esse facto como um acontecimento extraordinário.

«Reservas por isso conhecemo-las e ainda as experimentamos, no seio da NATO. Porém, não somos o único país da Europa Ocidental com comunistas no Governo. E, de qualquer modo, já o dissemos, não estamos realmente interessados em participar nos trabalhos do comité nuclear da NATO. As nossas ambições são diferentes residem numa cooperação económica cada vez mais estreita com a Europa, com o Mercado Comum. A nossa economia ainda não está como é evidente num estado que lhe permita pensar numa integração completa, mas desejamos aprofundar todas as formas de tratado preferencial. Portugal é um país europeu, e também uma nação atlântica e temos raízes em Africa. Sentimo-nos próximos dos países do Terceiro Mundo pelos problemas de subdesenvolvimento que também enfrentamos. Estas diversas características tornam Portugal um país de diálogo e de encontro, um traço possível de união entre a África e a Europa.

«Há um facto especificamente português uma maneira de ser. Um escritor brasileiro Sérgio Buarque da Holanda, o pai do popular cançonetista disse que o português era o «homem cordial». Aqui está, somos todos cordiais, abertos e as nossas relações com os países do Terceiro Mundo são certamente muito fáceis, apesar da provação que foi a longa guerra africana.

OS INTERESSES NACIONAIS

«Diplomatas e dirigentes ficaram espantados ao ver que abraçamos fraternalmente os guinéus no início das nossas conversações para a descolonização do seu território. Para eles e para nós era natural este sinal de fraternidade. Argelinos contaram-me que as negociações com os franceses não se tinham desenrolado exactamente neste clima. Não tivemos esse tipo de problema. Os acordos de Argel e de Lusaka são realmente muito positivos, muito prometedores. Permititem-nos prever uma boa cooperação com as nossas antigas colónias. Quanto a saber se conseguiremos criar uma verdadeira comunidade, isso é outro assunto. Não compete a Portugal tomar a iniciativa. Respeitaremos a sensibilidade dos países que ascendem à independência, de modo a que sejam eles próprios os limites dessa cooperação. Pela nossa parte, iremos o mais longe que nos for possível...»

. — A comunidade cultural desempenha realmente algum papel nas vossas relações actuais com o Brasil?

. — Certamente. Para nós, o Brasil não é um país como os outros e, «a priori», o nosso entendimento está acima das questões ideológicas. Aliás os regimes passam, mas os povos ficam. Em Lisboa, fui criticado por ter sido condecorado pelo ministro brasileiro dos Negócios Estrangeiros com a ordem do Cruzeiro do Sul. Também fui criticado, mas desta vez pela direita, por ter dado um abraço a Samora Machel, o dirigente da Frelimo, quando pela primeira vez nos encontrámos em Lusaka. Também me perguntaram por que razão havia uma delegação do Zaire no Congresso do Partido Socialista. Para todos os casos, respondo apenas que os interesses nacionais estão sempre acima dos interesses particulares. Há 2000 quilómetros de fronteiras comuns entre Angola e o Zaire. São indispensáveis relações normais e amigáveis entre Lisboa e Kinshasa.

— A 4 de Dezembro, deverai ter-se realizado uma sessão a favor dos presos político espanhóis. Os partidos políticos da coligação já tinham dado o seu acordo. No entanto a sessão não se realizou. Porquê?

. — Os organizadores compreenderam facilmente a nossa posição, admitindo também que as nossas boas realações com a Espanha poderiam sofrer alterações com essa reunião. Este ponto é primordial. Acordámos com os espanhóis que cada nação procederia por seu lado com o máximo de prudência e de realismo. Uma escalada de violência poderia ir muito longe e ser muito perigosa tanto para Portugal como para Espanha. Nisso estamos de acordo com Madrid. É preciso saber distinguir o que é possível daquilo que não é. É isso que distingue os revolucionários dos demagogos. Mas devo dizê-lo muito claramente: não houve nenhuma ameaça espanhola, nenhuma pressão do Governo de Madrid, que apenas nos deu muito discretamente a conhecer a sua preocupação, o que levámos em linha de conta. É a mesma linha de conduta que optámos com a África do Sul. E este pragmatismo tem tido efeitos bem mais importantes do que se pode imaginar. Sem ele, as forças portuguesas e a FRELIMO não teriam conseguido dominar a revolta de Lourenço Marques. Esta política é benéfica e este realismo explica em parte a reviravolta actual do Governo rodesiano. De facto, se nós conseguirmos aquilo que eu considero um milagre — terminar a guerra em África e realizar na paz a independência — será toda a situação na África Austral e Central que se modificará.

— O convite dirigido pelo Congresso do Partido Socialista a Santiago Carrillo, secretário-geral do Partido Comunista Espanhol não agradou (e é o menos que se pode dizer), aos dirigentes do Partido Comunista Português. A presença do dirigente comunista espanhol em Lisboa também não suscitou grande entusiasmo por parte dos dirigentes do Partido Socialista Operário Espanhol, convidado.

— Temos relações fraternais com os socialistas espanhóis e mantemos boas relações com alguns partidos comunistas europeus. Por isso convidámos o Partido Comunista Francês, que não mandou nenhuma delegação mas nos enviou uma mensagem de simpatia. Estamos certos de que o Partido Comunista Espanhol tem uma inteligente política de abertura a favor do pluralismo. Daí que nos encontremos facilmente com os seus dirigentes, o que também se passa com os comunistas italianos. Os socialistas espanhóis poderão ter achado que o Congresso manifestara uma simpatia demasiado calorosa em relação a Santiago Carrillo, mas têm de compreender que esta simpatia se explica apenas para o contexto português. É claro, julgo eu... (1)

. . (1) Esta entrevista foi publicada no «Le Monde» de 24 de dezembro. O mesmo «Le Monde», a 25, esclarecia que o «Humanité» contestara certas afirmações de Mário Soares. Este dissera que o Partido Comunista Francês havia mandado uma «mensagem de simpatia» ao Congresso do P. S. O «Humanité» afirma, porém, que o P. C. F. apenas acusou a recepção (por telegrama) do convite que lhe tinha sido dirigido, e não qualquer mensagem.

Canal da Crítica

Continuação da pág. 5

é a arte de não deixar matar o homem.

Ah, mas que maravilha no manejo das câmaras! *A Cabina* merece, sem dúvida, todos os seus prémios.

4 — Luna Andermatt: bom dia, amiga! Seja bem-vinda com o seu amor pelo *ballet*, com as suas palavras que o amor torna mais lúcidas recusada a demagogia das interpretações de gosto duvidoso. Seja bem-vinda e volte mais vezes.

Volte mais vezes e com bailados como o de ontem que, entre outras coisas nos mostrou como o *ballet* pode, afinal de contas, resultar na televisão quando pensado e resolvido em termos de televisão.

O seu trabalho teve um senão: devia ter lido o poema de Blake que está na origem do bailado de Petit, a transmissão caligráfica, em TV, é absolutamente insuficiente. Repare como no original, ele aparece dito e não escrito. Não é por acaso que isto acontece.

Até porque lhe seria mais fácil *contar* a história do bailado, a partir do poema que possui tanto de breve como de complexo. E colocar frente a frente a discussão Blake-Petit: para o poeta, a beleza é destruída pelas forças do mal (a rosa atacada pelo *verme invisível*); para o coreógrafo, a beleza, mesmo atacada, sobrevive.

A Rosa Doente, um bailado que deveria ser visto obrigatoriamente. Quanto mais não fosse, para demonstrar que, em arte, só a perfeição é fácil.

1.ª EXPOSIÇÃO-FEIRA

De divulgação da Numismática, Medalhística, Filatelia e Filumenismo a realizar em 4 e 5 de Janeiro de 1975 das 10 às 24 horas no **Hotel Ritz.**

Será cunhada uma medalha comemorativa

Aceitam-se inscrições

Lisboa 864274 Porto 325773

NACIONAL

COMERCIANTES DO ALGARVE PRETENDEM ANULAR O C.C.T.

. FARO, 2 — Mais de 300 comerciantes dos diversos concelhos do Algarve reuniram-se no salão do Círculo Cultural do Algarve para discussão e aprovação da Tabela Salarial dos Caixeiros do Distrito de Faro.

Num comunicado afirma-se que «este plenário teve a sua razão de ser, dado que, o comércio do Algarve não aceitou por legal, a greve desencadeada pelos caixeiros que poderia ter ocasionado um despedimento em massa com justa causa e ainda porque, se entendia que o Grémio do Conércio de Faro, pressionado pelo movimento grevista, acordara com o Sindicato respectivo uma nova tabela salarial sem a necessária representatividade».

Os diferentes concelhos do Algarve (Lagos, Portimão, Silves ou Tavira) manifestaram um total desacordo pelas novas tabelas salariais, tendo-se chegado à conclusão neste plenário de comerciantes que «os salários acordados com o Grémio de Faro são superiores aos fixados para os distritos do Porto e Coimbra, cujo desenvolvimento económmico é incomparavelmente superior ao do distrito de Faro».

Foram, então, realçadas as «condições do Contrato de Coimbra que prevê 3 grupos de comerciantes e ainda a possibilidade das entidades patronais de pequenos lugares populacionais poderem beneficiar de uma redução».

Por decisão do plenário vai ser enviado ao ministro do Trabalho uma proposta de anulação do contrato efectuado entre a Associação (Grémio) de Faro e o Sindicato ou que o Ministério não o extensive aos outros concelhos do Algarve.

ROSSIO, 115 — ROSSIO, 118

R. DO CARMO, 45 — AV. DE ROMA, 17-A

R. ALMEIDA E SOUSA, 20-A

INFORMAM OS SEUS CLIENTES QUE NOS DIAS 3 E 4 ESTÃO ENCERRADOS PARA BALANÇO

SOC. DE REP. SIDA—SUECA, LDA.

Avisa os seus clientes, fornecedores e amigos que todos os seus serviços se encontram encerrados nos próximos dias 2 e 3 para efeito do seu balanço anual.

JOSÉ PAULINO DE MELO

MISSA DO 30.º DIA

Regina Maria Paulino de Melo, sobrinhos, afilhada e demais família participam que amanhã, sexta-feira, dia 3, pelas 17 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na Igreja de S. Nicolau, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

CARRO ROUBADO

ER-27-37

Cortina 1300, cor branca, dão-se alvíssaras a quem indicar o seu paradeiro. Contactar G.N.R., P.S.P., ou pelo telefone 52418, Albufeira.

CURSOS

● MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 8 Janeiro
Informações e Matrículas no
Externato Continental
Telef. 36 42 72
Rua do Arsenal, 100 - 1.º

PUB

ACORDO DE EXPORTAÇÃO CONTINUA PARA INGLATERRA DE MÁQUINAS-FERRAMENTAS DE CONCEPÇÃO NACIONAL

. À firma Ed. Ferreirinha e Irmão — Motores e Máquinas EFI, S. A. R. L. acaba de ser confirmado pela firma inglesa Barker Machine Tools um contrato para entrega de três tornos de comando numérico por mês.

Realçamos a importância deste contrato, dada a mais avançada tecnologia mecânica e electrónica que implica a produção deste tipo de tornos, o que com certeza servirá para aumentar o prestígio internacional de que já goza aquela firma portuense.

No meio de uma forte concorrência internacional, o torno de comando numérico tipo N. Efi apareceu com uma característica — a possibilidade de programação da função «velocidade de corte constante» — que o tem tornado notado pelos especialistas nas feiras internacionais em que tem sido exposto, nomeadamente nas exposições de Hanover, em 1973, e de Chicago, em 1974.

A primeira unidade a enviar para Inglaterra destina-se à firma Morfax, conhecidos subcontratantes de peças para a indústria espacial e aeronáutica, referência que constituirá, por certo, o primeiro passo para a implantação deste torno no mercado inglês.

macorex

REVESTIMENTOS - ALCATIFAS

TEMOS PARA SI, A

PREÇOS SENSACIONAIS

★ ALCATIFAS DE NYLON
Desde 99$50/m2
★ PAPÉIS DE PAREDE
Desde 68$50/rolo
★ ALCATIFAS PLÁSTICAS
Desde 72$50/m2
★ LADRILHOS PLÁSTICOS
Desde 69$00/m2

VISITE-NOS NA

AV. DE ROMA, 93-B

(JUNTO À PRAÇA DE ALVALADE)

Telefs.: P P C A 838548 - 841479 - 761337

MÓVEIS OLINDA, LIMITADA

DECORAÇÕES — GRANDE VARIEDADE DE ESTOFOS — ALCATIFAS — CARPETES

AGENTE DAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA CROLLS — CASTOR — ZOPPAS
COLCHÕES CLIMAX — EPEDA — DELTA LOC

Salão de Exposição e Vendas: Praceta B à Av. Cidade de Lourenço Marques, Lote 522, Olivais-Sul—Tel. 317586
Filial e Escritório: Rua José Duro, 22-B — Tel. 713436
Filial n.º 2—Oficinas e Armazém: Rua Cidade da Beira, Lote, 19, Lojas A-B-C, Olivais-Sul—Lisboa 6—Tel. 316386

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA NOIVOS
FAZEM-SE MÓVEIS POR ENCOMENDA

LEIA ÀS TERÇAS-FEIRAS

O JORNAL motor

NA SEDE LARGO CONDE BARÃO, DOS 38 A 42

armazéns do CONDE BARÃO

Rua Fresca 13 — Telef. 66 14 51 — LISBOA-2

Todas as demais unidades desta organização continuam em funcionamento com preços de sensação

estamos encerrados para

LIQUIDAÇÃO TOTAL POR MOTIVO DE DEMOLIÇÃO

Reabrimos DIA 6 com Preços Incríveis

NACIONAL

M.F.A. CLARIFICA POSIÇÕES

Continuação da pág. 4

as crises que têm surgido e ir consolidando, o que é um facto, a sua consciência revolucionária em íntima comunhão com o Povo, para cujos objectivos se identifica cada vez mais. Que assim é, o Povo o tem dito. Se assim continuarmos, e a tal dedicamos todas as nossas energias, estamos seguros que em cada momento surgirão as respostas adequadas à resolução dos problemas concretos que se nos põem, e deste modo a consolidação da revolução. Resolução que terá de ser o processo que resolva as contradições objectivas da nossa sociedade, e o julgamento revolucionário de todos os responsáveis e sustentáculos do Estado fascista que nos submergiu durante meio século e de todos os que, pela sua prática após o 25 de Abril se oponham à revolução. Assim, desta prática revolucionária, imposta pelas situações concretas está nascendo a necessária legislação que institucionalizará de forma positiva aquela prática permitindo uma actuação coerente e imparcial dos órgãos que administrarão a justiça.

P. — Atraso na politização das populações rurais, sua ignorância e possibilidade da exploração dessas mesmas populações por sectores políticos vinculados ao regime anterior que surjam agora no acto eleitoral com uma capa democrática. Manipulação e intimidação pelas forças reaccionárias locais, a maior parte não saneadas, e influência desses factores na decisão do M.F.A. participar ou não na Constituinte. (Perguntas apresentadas pelo «Diário de Lisboa» e Rádio Clube Português).

. R: — Este assunto é focado quer na introdução do sr. tenente-coronel Charais, na medida em que é dada garantia da não exploração da ignorância em que o povo foi mantido durante tantos anos, como também abordado pelo sr. capitão Pinto Soares quando referiu o futuro do M.F.A. Durante o regime fascista, em que falar de política era proibido para os outros, pois políticos só podiam ser os do partido do Governo, fizeram com que o povo português, nomeadamente o rural estivesse quase totalmente despolitizado. Para isso contribuiu todo o sistema daquele regime e não interessa estar agora a escalpelizar esses factos. O que custa é verificar que as populações que mais teriam a ganhar com a instauração do regime de feição socialista continuam a ser as que têm mais medo do papão comunista e outros. De qualquer modo esse aspecto era já do nosso conhecimento ao elaborar o Programa e ao preconizar uma data como limite do período até às eleições. Podemos recordar que se perderam cerca de oito meses na efectivação de um Programa largo de esclarecimento e politização das populações. É verdade, no entanto, que tal como foi prometido, tudo fizemos para realizar eleições no prazo previsto.

Não poderemos no entanto deixar de estar atentos a todas as possíveis manobras feitas a coberto de disfarces mas de qualquer modo isso é apenas um facto, é mais um pormenor que nos leva ao exercício da vigilância e participação efectiva no progresso democrático como já aqui foi dito.

P. — Quais os comentários da Comissão Coordenadora do Programa e quais os reflexos que determinado assunto que tem andado ultimamente em alguns jornais poderá vir a ter dentro do próprio M.F.A. (Pergunta apresentada pelo «Diário de Lisboa»).

R. — A pergunta refere-se a certas afirmações feitas pelo sr. brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho, que posteriormente foram desmentidas pelo sr. general Spínola. Põe também o problema de que o sr. general Spínola teria dito na carta enviada para os jornais que já procedera militarmente. Sobre este assunto parece-nos de facto que muito sensacionalismo se está a fazer à volta do mesmo. Não nos restam quaisquer dúvidas quanto à veracidade das declarações do sr. brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho pois do assunto já a Comissão Coordenadora do Programa era conhecedora desde que tal aconteceu. Aliás, não foi essa a única vez que o sr. general Spínola fez certas afirmações que poderiam ser aproveitadas contra ele mesmo, tal como as que estão em causa. No entanto, nunca a Comissão Coordenadora do Programa lhes deu importância pois as considerou desde sempre inseridas na personalidade do próprio general Spínola. Essa figura militar, muito controversa, cheia de grandes virtudes e de grandes defeitos, não deixou quanto a nós de cumprir a missão histórica que lhe estava reservada. Essa missão foi cumprida e, ainda que mais curta e com mais deficiências de que o M.F.A. esperava no início do processo, parece à Comissão Coordenadora do Programa que há que encerrar o assunto. Sobre o referido procedimento militar parece-nos que está tudo respondido no que acabamos de dizer. Quanto aos reflexos que tal assunto poderá ter dentro do M.F.A. não nos parece que eles possam ser perniciosos. De modo algum. Desde que a verdade seja dita, isso nunca poderá afectar a união dentro do mesmo M.F.A. até porque a clarificação das situações só poderá servir para reforçar a unidade desse Movimento.

P. — A crise económica pela sua própria natureza gerada pelo capitalismo determina que se faça uma escolha. Ou via capitalista ou opção socialista, sob o ponto de vista de determinada forma de produção económica. Neste princípio do ano pretende-se saber sobre de que lado se situa a Comissão Coordenadora do M.F.A. (Pergunta do jornal «Revolução», órgão do P.R.P.).

R. — Sobre este assunto a Comissão Coordenadora do Programa não poderá situar-se de qualquer dos lados dado que a mesma Comissão Coordenadora do Programa, como já foi afirmado variadíssimas vezes, mais não representa do que a vontade do próprio M.F.A. pois nesse se vive efectivamente em democracia desde o seu aparecimento e a Comissão não poderá ainda pronunciar-se em virtude de o assunto estar em discussão no seio do M.F.A. e não haver ainda qualquer resolução sobre o mesmo. No entanto, a Comissão Coordenadora do Programa não quer deixar de referir que a via é socializante, como transparece do próprio Programa, e que, ou o capital colabora nessa mesma via, ou ela terá forçosamente que se transformar em socialista. E ao fazê-lo recorda a passagem desse Programa do M.F.A. em que se determina uma estratégia antimonopolista.

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO DOS TRABALHADORES DA "ÉPOCA"

. O não recebimento dos salários em atraso e a recusa do direito ao trabalho fizeram com que cerca de duas centenas, dos 300 trabalhadores de «A Época», se concentrassem esta manhã em frente das instalações, seladas desde a madrugada do dia 31, daquele jornal.

Enquanto a concentração ali se mantinha, uma comissão dirigiu-se ao Ministério do Trabalho, em mais uma tentativa de obter resposta à preocupação imediata dos trabalhadores: o pagamento dos salários de Novembro (faltam 240 contos para os pagar na totalidade) e de Dezembro. O não pagamento destes ordenados está a afectar mais de 2 mil pessoas, incluindo trabalhadores e seus familiares.

Ao mesmo tempo, os trabalhadores exprimiram a sua preocupação quanto ao futuro, uma vez que, apesar das promessas que lhes têm sido feitas, continua a ser-lhes recusado o direito ao trabalho, desde que aquele matutino fascista foi encerrado. Esta recusa era, até agora, parcial: os trabalhadores podiam utilizar as instalações e máquinas de «A Época» para comporem e imprimirem, mediante as encomendas que lhes fossem feitas, à excepção de publicações de teor político. Assim, estavam ali a ser impressos jornais regionais e desportivos, designadamente «A Nossa Terra», «O Sporting» e «O Belenenses».

Encontravam-se alguns trabalhadores precisamente a compor o último número de «O Sporting» quando, na noite de 30 de Dezembro, foram surpreendidos com o aparecimento de forças da P. S. P., acompanhadas por elementos da comissão liquidatária da A. N. P., que vinham selar as instalações. Os trabalhadores só tiveram tempo de terminar aquele «desportivo», após o que abandonaram as instalações, onde neste momento 10 máquinas de composição e uma rotativa, ainda com a tinta fresca, se mantêm inertes.

Os trabalhadores temem que a paralisação das máquinas, que valem alguns milhares de contos, acabe por arruiná-las, e pensam que elas poderiam ser utilizadas em diversas publicações, **sem caracter político. («Não estamos, nem nunca estivémos interessados no jornal «A Época», mas apenas em trabalhar»**, afirmam-nos). Eles sugerem, inclusivamente, que a empresa se agregue com a Imprensa Nacional ou com a Casa da Moeda, a quem os seus braços e o material, agora parados, seriam úteis para dar vazão às abundantes edições a que se dedicam.

Esta sugestão faz parte de um plano (o segundo) apresentado às entidades competentes pelos trabalhadores de «A Época». Foi dirigido ao Ministério da Administração Interna e continha, como alternativa, a distribuição pelo pessoal de 49 por cento das acções, ficando o Estado com a maioria.

O inesperado selamento das instalações da Rua da Misericórdia também fez com que ficassem retidos no cofre os magros escudos de algumas cobranças entretanto efectuadas e os recibos de trabalhos ultimamente executados. Estes valores, realizados, não satisfariam sequer as necessidades mais imediatas das famílias dos trabalhadores; mas, para quem não vê ordenados desde Novembro, constituiam algumas achegas. Mas não é isto o que mais preocupa os trabalhadores, para quem o encerramento das portas do seu local de trabalho é «profundamente antidemocrático»: eles vêem que, ao contrário de uma decisão superior tantas vezes prometida, que resolva o seu problema, lhes cortam cada vez mais as possibilidades de o irem resolvendo, ainda que parcial e provisoriamente, por si próprios.

CLÍNICA DE SANTA CRUZ: seis dias de paralisação

«Os trabalhadores da Clínica de Santa Cruz entraram hoje no seu sexto dia de paralisação de trabalho sem que até agora tenham surgido quaisquer medidas concretas que possam evitar o desemprego de 300 trabalhadores e a perda de uma instituição de saúde com excelentes requisitos técnicos», salienta-se num comunicado da Comissão de Informação daquela clínica.

Depois de chamarem a atenção para o silêncio das autoridades oficiais sobre o problema da clínica, os trabalhadores «anunciam o seu propósito de discutir a problemática da saúde em geral e a situação da Clínica de Santa Cruz em particular, realizando na próxima semana uma reunião com os habitantes do concelho de Oeiras promovida pela Comissão de Moradores de Carnaxide que desde o início têm apoiado a luta dos trabalhadores da clínica. Exortam ainda os trabalhadores de saúde à luta nos seus locais de trabalho, por uma gestão democrática das instalações de saúde e pelo fim da medicina dos privilegiados».

MÁRIO SOARES EM MOSCOVO

MOSCOVO, 2 — (R.) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares, chegou hoje a Moscovo para conversações com os dirigentes soviéticos e foi recebido no aeroporto pelo seu homólogo soviético, Akndrei Gromyko.

Mário Soares deverá permanecer dois a três dias em Moscovo e um comunicado oficial aqui distribuído diz esperar-se que esta visita contribua para reforçar os laços de amizade e cooperação entre os dois países.

COMENTÁRIOS

A Imprensa indiana saúda hoje a normalização das relações entre Portugal e a Índia na sequência do tratado assinado entre os dois países durante a visita do ministro português Mário Soares.

O «Times of India» salienta que esse tratado compensa inteiramente a política seguida pelo anterior regime português, que se recusava a reconhecer a soberania indiana nos antigos enclaves portugueses de Goa, Damão e Diu.

«Na realidade, nunca o povo indiano alimentou sentimentos tão amistosos para com Portugal como actualmente e isso deve-se à determinação do novo Governo de liquidar tão rapidamente quanto for possível o que resta do império colonial.»

MANIFESTAÇÃO DO M.E.S.

Entendendo que «só a tomada de medidas concretas económicas e políticas que ataquem os que detêm o poder económico, articuladas com a iniciativa e luta das massas trabalhadoras, permite combater o desemprego, a subida do custo de vida e impedir que a crise económica seja resolvida à custa da miséria redobrada dos trabalhadores», o Movimento da Esquerda Socialista, M.E.S., convocou uma manifestação para amanhã, sexta-feira, com concentração às 18 e 30 no Rossiio, junto à Rua do Ouro.

BALANÇO DE UM ANO

Continuação da pág. 7

5. OS PIORES DO ANO

No ano de 1974, devem ter-se estreado, em 28 cinemas de estreia de Lisboa, cerca de 370 títulos. Desses, unicamente cerca de 100 possuíam o mínimo de qualidade e interesse que justificou a sua inclusão nas listas anteriores. Admitamos mesmo, com magnanimidade natalícia, que um terço dos filmes estreados em Lisboa justificam o acto. Restavam 250 títulos de nulo interesse, onde se pode encontrar um pouco de tudo: **westerns** italianos, filmes de **karate** e **kung fu**, comédias italianas, estilo Ciccio e Ingrassio, comédias inglesas da série **com jeito vai...**, **curvas na zona**, etc., comédias espanholas com **Delicadinhos** e outros, filmes pretensamente eróticos, de especulação sexual (não vimos em Lisboa, em 1974, filmes pornográficos, quem disser o contrário é porque não viu filmes pornográficos e a confusão só serve a reacção!), etc., etc. Neste vasto estendal de inutilidades, de película malbaratada, de trabalho desperdiçado e de dinheiro mal gasto nas bilheteiras, houve todavia alguns títulos que nos pareceram **os piores do ano**. Porque foram **os piores dos piores**, porque foram os que mais claramente mostraram o jogo especulativo da engrenagem, porque poderiam ter sido os mais perigosos, também porque foram os que mais nos custaram a gramar. E a verdade! A nossa vingança, consiste na denúncia de alguns desses títulos:

— OS CENTURIÕES, de Mark Robson (R)
— A ENGRENAGEM, de Peter Ustinov
— EMPRESTA-ME O TEU MOTORISTA, de Marco Vicário (R)
— ESCÂNDALO DE UM CRIME, de Stefano Vancini
— FOGO NOS LÁBIOS, de Pierre Kalfon (R)
HARRY, O DETECTIVE EM ACÇÃO, de Ted Post
— HISTÓRIA PERVERSA, de Lucio Fulci (R)
— MISTÉRIO DO LAGO, de Sergio Sollima
— MULHERES ACORRENTADAS, de Eddei Romero (R)
— NICOLAU E ALEXANDRA, de Franklin Schaffner (R)
— A NOITE DOS GENERAIS, de Anatole Litvak (R)
— A NOITE DOS MIL OLHOS, de Brian Hutton
— O QUE NOS QUEREMOS É DINHEIRO, de Jean Yanne
— OS PECADOS INCONFESSÁVEIS DE UMA SENHORA BEM, de Michel Lupo (R)
— PIAF, de Guy Casaril
— PORQUE MORRE O NOSSO AMOR?, de Larry Pearce
— QUERIDOS PAIS, de Enrico Maria Salerno (R)
— SE D. JUAN FOSSE MULHER, de Roger Vadim
— A VIDA ALEGRE DE COLINOT, de Nina Companeez (R), etc.

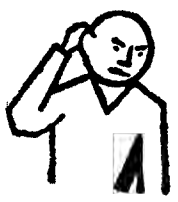
Uma lista que se poderia prolongar por mais uma boa centena de títulos, o que, convenhamos, é demasiado.

Restará dizer que neste primeiro trabalho do balanço de 1974 só falámos de filmes estreados comercialmente em circuitos normais

O ENSINO SUPERIOR HOJE NA TV

O dr. Avelãs Nunes, secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica, fala hoje, depois do Telejornal sobre a situação actual do Ensino Superior.

AGORA em 2 SESSÕES às 20.45 e 23 h.
TEATRO VILLARET
Telef. 538586
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
PAULO-GUILHERME
apresenta
CABARETÍSSIMO
Um espectáculo
• MUSICADO •
DOMINGO ÀS 16 e 21.45 H.
INTERDITO A MENORES 18 ANOS



SURDEZ
BONOCHORD - FOCUS os melhores aparelhos do mundo para a correcção da surdez. Consulte-nos sem compromisso.
MICROSOM Organização especializada em prótese auditiva.
LISBOA Av. Almirante Reis, 75-1.º, Esq.
PORTO Praça da Batalha, 3-4 FARO R. Ivens, 24-26

DESPORTOS

S. Silvestre em três continentes

BRASIL

Rafael Perez (de 27 anos) da Costa Rica, ganhou, inesperadamente, a 50.ª corrida de «São Silvestre», que se efectuou em São Paulo (Brasil).

Perez começou a comandar a corrida aos 2000 metros, mantendo, depois, um ritmo tremendo e resisitindo a todas as tentativas do belga Gaston Roelants (que era o favorito e ficou em 8.º lugar) e da «esperança» brasileira José Romão Andrade da Silva, que se classificou em sexto. Sessenta e cinco atletas de 34 países estrangeiros e 150 do Brasil disputaram a «clássica» que se realiza anualmente na véspera do Ano Novo. Milhares de espectadores aclamaram os corredores e largaram foguetes quando o relógio bateu a meia-noite.

Roelants (de 38 anos) que ganhou pela última vez a corrida em 1968, pareceu sofrer os efeitos do calor (19 graus centígrados) e da difícil subida da Avenida da Consolação, pouco antes da meta. A corrida foi disputada no habitual percurso de 8900 metros.

A classificação dos cinco primeiros foi a seguinte: 1.º Rafael Angel Perez (Costa Rica), 23.58; 2.º Rafael Palomares (México), 24.01; 3.º Uhleman (Alemanha Federal), 24.06 04: 4.º Jairo Correa (Colombia), 24.12,06; 5.º Leon Shots (Bélgica), 24.16,02. O português Anacleto Pinto classificou-se em 19.º lugar, com o tempo de 25 minutos e 10 segundos.

ESPANHA

Em Madrid, o português Aniceto Simões ficou em segundo lugar, na tradicional corrida pedestre de «São Silvestre», num percurso de 6 quilometros (que se realizou às primeiras horas do ano no popular subúrbio de Vallecas, , perto de Madrid) e que foi ganha, à vontade, pelo escocês Ian Stewart. Os três primeiros classificados foram Ian Stewart (com o tempo de 15.29,02) Aniceto Simões (com 15.37,04) e Mariano Haro (de Espanha, com 15.39,04). Depois: 4.º Ronnie MacDonald (Escócia), 15.45,06; 5.º Cris Stewart (Inglaterra), 15.47,02; 6.º Bill Mullet (Escócia), 15.47, 08; 7.º Norman Morrison (Escócia); 8.º Zarcone (Itália); 9.º Jouko Kuha (Finlândia); 10.º Fernando Aguilar (Espanha); 11.º Tavares da Silva (Portugal); 12.º Américo Barros (Portugal); 13.º Vasco Pereira (Portugal).

Classificação por nações: 1.ª Escócia, 11 pontos; 2.ª Portugal, 25; 3.ª Espanha, 28.

Classificação por equipas: 1.ª Benfica (Portugal) e 2.ª Michelin (Espanha).

ANGOLA

Disputou-se em Luanda uma corrida de «São Silvestre», es-

O costa-riquenho Rafael Angel Perez vencendo em S. Paulo

te ano autenticamente africana, pois só participaram corredores daquele continente. Os atletas estrangeiros convidados não compareceram, desconhecendo-se até ao momento o motivo dessa ausência.

Foi vencedor Hupanga Holua (do Atlético de Benguela) que fez o tempo de 28 minutos e 22 segundos, o segundo melhor de sempre. O segundo lugar pertenceu a Leonel Durão (do Atlético de Luanda) repetindo-se assim as classificações de há dias, no «nacional» de fundo.

O moçambicano José Silveira, que à partida era o grande favorito, foi obrigado a abandonar a prova, já perto do seu final, por esgotamento, devido ao emotivo duelo que vinha travando com Holua e Leonel Durão.

JUNIORES FUTEBOLÍSTICOS: PORTUGAL, 1-FRANÇA, 0

PORTUGUESES NA CORDA BAMBA

Com boa assistência, a selecção nacional de juniores derrotou ontem, no campo «D. Manuel de Melo» (Barreiro), a equipa da França, por 1-0, resultado que (é forçoso reconhecê-lo) não se ajusta à fisionomia da partida, não obstante o seu carácter particular de jogo-treino.

A turma gaulesa, revelando-se melhor entrosada, com mais poder atlético e melhor sentido de conjunto, realizou exibição de molde a justificar o empate e a não escandalizar uma eventual vitória, que chegou a vislumbrar-se nalguns lances.

A formação portuguesa teve uma exibição bastante irregular. Depois de uma primeira parte em que, pela dinâmica da manobra, conseguiu exercer certo ascendente territorial (bem assegurado pela acção segura dos rapazes da intermediária, com destaque para Chalana e Fernando Martins), acusou no segundo tempo a maior velocidade e intencionalidade dos franceses, que implantaram uma frente de ataque a toda a largura do terreno, com constantes variações e repentinas mudanças de flanco.

Digamos que a turma tricolor pela sua maior maturidade futebolística, angariada pela frequência dos contactos internacionais, constituíu o adversário ideal para fazer sobressair as múltiplas insuficiências da nossa selecção (sem dúvida menos rodada) no aspecto técnico, no campo da mecanização estratégica e (ainda) na capacidade física. Reconhece-se a supremacia dos nossos jogadores na sua capacidade imaginativa e razoável tecnicismo de alguns dos elementos, mas tais atriibutos, por si só, revelaram-se insuficientes para fazer frente à organização global da turma gaulesa.

Portugal dispôs de uma única oportunidade em todo o desafio, quando (aos 20 minutos) uma saída precipitada do guarda-redes francês proporcionou a Formosinho um remate que encontrou pela frente o corpo de De Rocco.. E foi perfeitamente contra a corrente do jogo que Avelar marcaria o tento da vitória (quando faltavam escassos quatro minutos para o termo do encontrro), o mérito pertenceu a Chalana, pela forma hábil como executou a marcação do livre, com a bola em arco por cima da barreira: o dianteiro alcantarense, com excelente visão e muito oportunismo, aproveitou a hesitação da defesa para bater De Rocco.

A grande figura da turma portuguesa foi o guarda-redes portista João, a quem se ficaram a dever várias tentativas malogradas dos franceses, cujos dianteiros, particularmente Delamontagne e Baronchelli, viram os seus remates bem dirigidos, desviados «in extremis» pelo nosso valoroso guardião. Ele foi, sem dúvida, um dos grandes construtores da vitória. Dos restantes salientaram-se Zuledo, Vicente, Chalana, Formosinho e Amaral. Dos substitutos Avelar e Libânio (este com um potente remate de longe à barra que faria os 2-0) cumpriram satisfatoriamente.

Nos franceses distinguimos os centrais Deplanche e Peltier, os médios Larrrios e Jeannette, e, também, os avançados Baronchelli e Bassi. Boa arbitragem de Francisco Lobo (Portugal).

EQUIPAS E GOLO

. . PORTUGAL — João (F. C. Porto); Orlando (Belen.), Zuledo (Benf.), Vicente (Sp.) e Cardoso (Sp.); Chalana (Benf.), Freitas (Acad.) e Fernando Martins (Atl.); Formosinho (Vit.), Cavungi (Benf.) e Amaral (Atl.).

. . FRANÇA — De Rocco; Batistin, Deplanche, Peltier e Barral; Vanstraelen, Larrios e Delamontagne; Baronchelli, Bassi e Zenier.

SUBSTITUIÇÕES — Peltier por Zambelli e Delamontagne por Jeannette (na segunda parte), e Larrios por Jacquard (aos 57 m), pela França; Formosinho por Avelar (aos 63 m), Fernando Martins por Bravo (aos 70 m) e Amaral por Libânio (71 m), por Portugal.

GOLO — 1-0, aos 76 minutos, por intermédio de AVELAR (Atl.)V:

RIERA PEDE CALMA

Riera fez um apelo à calma a todos os sportinguistas. Com a ponderada sensatez a que sempre nos habituou, o novo técnico «leonino» alertou os adeptos do clube para os graves inconvenientes que resultam (para o trabalho sereno e metódico que é preciso realizar, e em que está profundamente empenhado, para restituir à equipa a dinâmica de um futebol mais compatível com as suas reais potencialidades) manifestações de desagrado como as que se produziram no passado domingo.-

Os assobios intranquilizam quem precisa de muita calma — observa Riera, que não esconde a sua mágoa por a sua equipa ter sido vaiada por quem mais tinha obrigações de a apoiar. A animosidade assim demonstrada pelo público de Alvalade, constitui um traumatismo psicológico de efeitos altamente prejudiciais para pôr em marcha o processo de reabilitação moral e recuperação técnico-táctica da equipa.

Riera referiu-se aos assobios para deixar implícito no lamento o pedido de aval ao seu trabalho e ao trabalho dos jogadores. A única ajuda que Riera espera dos adeptos do clube reside (afinal) em muito pouco: na abolição dos assobios. Um pouco de respeito pelo trabalho que ele e os jogadores estão realizando — eis o que Riera quis deixar transparecer nas suas palavras.

Não se referiu à natural perturbação que, neste momento difícil da equipa, poderá advir para o labor da turma em campo a actuação da ruidosa falange de apoio que todos os domingos procura estimular a equipa através de persistente «batuque», mas não o fez, certamente, para não ser mal interpretado e não levantar susceptibilidades nos componentes do animoso grupo dos tambores. Talvez espere que eles próprios compreendam que no actual momento da equipa a sua «batucada» pode ser contraproducente. Talvez não sejam só os assobios que intranquilizam a equipa...

O escândalo dos "oriundos" no futebol espanhol

MADRID, (Por Pedro Escartin, da E. F. E., exclusivo da ANI em Portugal) — O escândalo «falsos oriundos», conseguência da denúncia apresentada pelo Atletico de Bibau e pela Real Sociedad, contou sempre com o apoio da Imprensa desportiva, que deseja um futebol espanhol claro, limpo, diferente do que se praticou nas duas últimas épocas. Agora que temos fronteiras abertas, o futebol não progrediu nada e só aumentaram as dividas dos clubes pela louca corrida aos valores estrangeiros, seguindo nós pelo caminho abandonado pela Itália e que empreendemos agora.

A Espanha esteve ausente nos dois últimos «mundiais» e assim continuará, se não mudar a sua política futebolística. Nos meios desportivos fala-se em cedências de jogadores e em alterações na política desportiva, mas, também há quem diga que, a partir de 30 de Junho próximo, se fecharão de novo as fronteiras à importação de «valores exóticos», que actualmente jogam, não só no primeiro escalão mas também em equipas da segunda divisão, com graves prejuizos para a selecção nacional e para o «milagre Kubala» que algum dia terminará: e não por culpa sua. A Espanha foi eliminada pela Jugoslávia, no desempate de Francfort: e (diga-se) com plena justiça.

As denúncias feitas pelo Atlético de Bilbau e pelo San Sebastian e todos «mexericos» em volta do caso dos «falsos oriundos», não deixaram bem colocado o futebol espanhol, ainda que disso não tenham culpa os dirigentes dos clubes, mas a «mafia» futebolística do outro lado do Atlântico. O «paraiso» dos traficantes de «fichas» vai terminar porque é imoral que, nos momentos difíceis atravessados pela economia europeia (incluída a Espanha) se invistam centenas de milhões de pesetas em divisas para importar jogadores de futebol. Tudo isto tem de acabar e somos muitos a desejar que termine.

Há semanas, na Itália, teve lugar uma reunião em que participou o dr. Franchi (presidente da Federação Italiana de Futebol e da U. E. F. A.) para uma troca de impressões com os dirigentes dos clubes da primeira divisão. Ninguém pediu a reabertura das fronteiras. Mas o presidente advertiu de que estas não se abrirão mais, e que a Itália necessita das divisas para importar o necessário ao progresso do país, resultando imoral e intolerável que as divisas sejam empregues na compra de jogadores de futebol.

Terminou dizendo que, **exceptuando dois ou três bons, os restantes (jogadores importados) são vulgaridades, que prejudicam o futebol nacional «e levam o dinheiro aos países que os importam».** O mesmo se passa na Espanha: Cruyff foi o primeiro, e valeu a pena. Depois, porém, vieram todos os outros.

FUTEBOL

"TAÇA" SOB PROTESTO

Não valeu de nada o finca-pé do Sindicato dos Jogadores Profissionais: houve (mesmo) futebol oficial no 1.º de Janeiro, pois as entidades e clubes directamente ligados ao caso fizeram absoluta letra morta do desejo dos praticantes que, inclusive, tinhham tornado público (a 30 de Dezembro) um comunicado quase desesperado do seguinte teor:

. «Em 2/12/74 o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol oficiou à Direcção-Geral do Trabalho no sentido de ser impedida a realização, em 1 de Janneiro de 1975, dos jogos da Taça de Portugal programados para esse dia.

«Apesar de ter o Sindicato insistido, por novo ofício de 19/12/74, aquela Direcção-Geral nunca deu qualquer resposta.

«Verifica-se, assim, que os ditos jogos se vão realizar, sem que as entidades competentes tenham, tanto quanto o Sindicato sabe, tomado qualquer atitude no sentido de o evitar.

«O Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol lavra o seu mais veemente protesto perante estes acontecimentos, altamente lesivos dos interesses dos trabalhadores do futebol, e manifesta grande preocupação pelo desprezo a que assim se vê vetado o direito dos joga de futebol ao respeito dum feriado nacional.»

. E os jogos fizeram-se. Resultados: Marialvas, 0-Braga, 0 (também 0-0 no prolongamento); Lourosa, 3-Vilanovense, 1; Salgueiros, 5-Vianense, 1; Paredes, 1-Beira Mar, 0; Paços de Ferreira, 4-Cabeceirense, 0; Famalicão, 2-Penafiel, 0; Varzim, 7-Cucujães, 1; Covilhã, 5-Régua, 1; União Sport, 3-Grupo União, 1; Torres Novas, 1-Almeirim, 3; Almada, 0-Caldas, 0; Amora, 1-Portimonense, 2. Jogos adiados: Feirense-União de Coimbra (com data marcada para 8 de Janeiro), Estoril-Barreirense (22 de Janeiro), Gil Vicente-Naval 1.º de Maio e Lusitano-Peniche, estes últimos ainda sem data. A partida Juventude-Montijo já se disputou, com o triunfo dos montijenses por 2-0.

GUIMARÃES

O Vitória vimaranense actuará, a 14 do corrente, em Paris, perante o Red Star, num jogo particular.

CRUYFF

O «internacional» holandês Johan Cruyff, actualmente ao serviço do F. C. Barcelona, foi designado o melhor futebolista da Europa, em 1974, no referendo (organizado desde 1956) pelo semanário «France-Football», junto de jornalistas especializados de 26 países. Já laureado em 1971 e em 1973, Cruyff estabelece assim um novo recorde com as suas três «bolas de ouro», ultrapassando Alfredo Di Stefano que foi escolhido duas vezes (em 1957 e em 1959). Franz Beckenbauer, «bola de ouro» em 1972, ficou este ano em 2.º lugar. Eis a classificação do «France-Football»: 1.º Johan Cruyff, 116 pontos; 2.º Franz Beckenbauer (Bayern Munique), 105; 3.º Kazimierz Deyna (Legia de Varsovia), 35; 4.º Paul Breitnner (Real Madrid), 32; 5.º Johan Neeskens (F. C. Barcelona), 21; 6.º Gzzegorz Lato (Stal Mielec), 16; 7.º Gerd Muller (Bayern Munique), 14; 8.º Robert Gadocha (Legia Varsovia), 11; 9.º Willy Bremner (Leeds), 9; 10.º Jurgen Sparwasser (Magdeburgo), , Ralf Edstroem (Eindhoven) e Hans Vogts (Moenchengladbach), 4; 13.ºs, Ronnie Hellestroem (Kaiserslauterna) e Jan Tomazawski (LKS Lodz), 3; 15.ºs, Sepp Maier (Bayern Munique), Bonev (CSKA Sofia), Gorgon (Gornik) e Altafini (Juventus), 2; 19.º Blokhine (Kiev), Bonhof (Moenchengladbach), Hoeness (Bayern Munique), Oblak (Split) e J. M. Guillou (Angers), 1.

GREVE

Os árbitros gregos de futebol iniciaram uma greve de duas semans para protestarem contra a agressão por parte de jogadores, de que foram vítimas dois árbitros em Atenas, durante dois desafios da II Divisão disputados a semana passada. Uma declaração da Associação de Árbitros de Atenas dizia que a decisão fora tomada após dois dos seus membros terem sido agredidos, no decorrer de jogos realizados em Heraclion (na ilha de Creta) e em Pyrgos (no Peloponeso). Durante outros encontros, os jogadores atacaram os árbitros, afirmando que eles não tinham assinalado grandes penalidades.

PROMOÇÃO

O árbitro Manuel Francisco Marques dos Santos ocupa, na 1.ª categoria do quadro nacional, o lugar de Sebastião Pássaro, que foi licenciado.

ESCOLHA

O tradicional referendo da Imprensa especializada jugoslava, organizado pelo jornal «Sport» (de Belgrado) coloca a Alemanha Ocidental à cabeça das dez melhores equipas do ano. As outras são, pela ordem: Países Baixos, Polónia, Jugoslávia, Suécia, Alemanha Oriental, Inglaterra, Escócia, Bélgica e Grécia. Na consulta tomaram parte 66 jornalistas desportivos. Segundo o consenso destes últimos o «onze ideal europeu» seria: Tomaszewski (Polónia), Surbier (Holanda), Breiner (R. F. A.), Bremner (Escócia), Katalisnki (Jugoslávia), Beckenbauer (R. F. A.), Lato (Polónia), Neskens (Holanda), Muller (R. F. A.), Cruyff (Holanda) e Gadocha (Polónia).

DESPORTOS

Sporting consolida-se com dólares de emigrantes

Oitenta adeptos «leoninos», residentes em New Jersey (U.S.A.) vieram a Lisboa passar a quadra festiva e assistir aos jogos do seu clube com o Benfica e o Belenenses. Aproveitando o facto, a direcção «verde», encabeçada por João Rocha, reuniu-se com esse punhado de distantes consócios, num jantar que foi presidido pelo dr. Abrantes da Fonseca, da Secretaria de Estado da Emigração. Na ocasião, diversos oradores estiveram no tablado: desde aquele representante estadal a João Rocha, passando pelo dr. Santos Ferro e por Manuel Parente (sócio n.º 1 do «Lar dos Leões em New Jersey»). Algumas afirmações ficaram no ouvido, mas a preponderante pertenceu a Manuel Parente:

. «Visitamos Portugal na hora histórica em que se rasgam os novos caminhos que hão-de conduzi-lo (renovado, dignificado e engrandecido) a uma posição de merecido realce no concerto das nações.

«A arrancada do 25 de Abril foi por nós intensamente vivida, confiados em que um futuro risonho ia ser construído para todos os portugueses.

«Ao contrário de alguns derrotistas que, aqui e além, fazem escutar negras profecias, nós portugueses que labutamos

Manuel Parente: 20 mil contos garantidos

nos Estados Unidos da América, acreditamos no futuro de Portugal, encontrando-nos, hoje como ontem, seriamente empenhados em contribuir com a nossa quota-parte para que sejam criadas excelentes perspectivas a todos aqueles que anseiam por viver no País em que prevaleça a liberdade, a justiça e o amor.

«Também ao invés do insinuado por alguns espíritos alarmistas, nós acreditamos que, ultrapassada a fase de recessão que, actualmente atormenta até os países mais prósperos, a economia nacional há-de entrar na fase de recuperação que assegurará uma era de prosperidade a todos os portugueses.

«E nós, emigrantes nos Estados Unidos da América, que vivemos apaixonadamente quanto respeita á nossa terra, estamos decididos a continuar a investir em Portugal o produto das nossas economias, solidarizando-nos, assim, com os nossos irmãos que aqui trabalham e para cujo bem-estar queremos firmemente contribuir.

«E a prova de que não esmorecemos no nosso esforço é dada pelo facto de os associados do «Lar dos Leões de New Jersey», empolgados pela magnificência do plano de construções de verdadeira utilidade pública que o Sporting Clube de Portugal vai colocar ao serviço do País, tomam em firme 100 000 acções, no valor de 20 000 contos, da «Sociedade de Construções e Planeamento», que se vai abalançar à execução daquele ambicioso projecto.

«Participando, pois, na construção das estruturas que hão-de fazer aumentar o bem-estar das populações, nós, emigrantes, evidenciamos espírito de perfeita comunhão com os princípios consignados no Programa do Movimento das Forças Armadas, certos de que eles rasgarão novos horizontes a todos os portugueses.»

. Portanto, o primeiro grande arranque para a «Sociedade de Construções e Planeamento» está dado. A segunda palavra pode pertencer a outros emigrantes.

Palmas para o dr. Abrantes da Fonseca, da Secretaria de Estado da Emigração

O TEXTO NO CONTEXTO

Sobre crítica

Entre os cadernos de «Cultura e Desporto», que a direcção-Geral dos Desportos está a editar ao ritmo de dois volumes por semana, surgiu um (o número 7) que dá pelo nome de «Textos de Crítica». É seu autor Jaime Rodrigues Viana, pseudónimo que esconde o nome do actual secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar.

Nos dias que passam, a sociologia aconselha-nos, sempre que se analisa um livro e afinal toda a Informação em geral, que nos detenhamos: sobre a fonte de comunicação, seus conteúdos, seus receptores e sua influência.

Neste caso, a fonte de comunicação trata-se de alguém que, desde 1952, se distinguiu pela firmeza das ideias e pelo tom eloquente e voluntarioso, em defesa de uma crítica desportiva que fosse pergunta originária e englobante pela cultura.

Ora ouçamo-lo: *Não pretendemos elevar a cultura física ao nível de uma Arte, e não é nosso intuito considerar o Estádio uma Catedral, mas pretendemos lembrar que se na casa de Júpiter até a própria frivolidade é interessante, nós não cremos que uma actividade que abraça tantos milhões de pessoas, que já conta os seus mártires, os seus heróis e os seus génios, se possa varrer da problemática intelectual.*

E dirigindo-se (repete-se: isto já em 1952!) aos intelectuais angelistas que não sabiam detectar no desporto um espaço de mediação entre o natural e o cultural, acrescenta: *Julgais que não há sistemas, ideologias e até pensadores no desporto? Julgais que para se triunfar no Estádio é só preciso ter músculo? E, sobretudo, julgais vós, ó discípulos de Palas Ateneia, que não há trabalhos para vós nos campos do desporto? Puro erro. Quanto trabalho de educação e crítica não será preciso efectuar até que se possa realizar o sonho de um célebre atleta francês, que por cima da porta de cada estádio do mundo desejava ver escritos esses versos que resumem as condições de existência do Desporto:* se te comportas de igual maneira, tanto na vitória como na derrota...

O traço primacial da ideologia subjacente aos «Textos de Crítica» é sem dúvida a sua atitude geral frente ao desporto português, todo ele feito de mitos e de carências. Usando termos que encontrei em Marx, Gramsci, Marcuse e Bataille poderia escrever que este livro é uma incursão do «reino da liberdade» no «reino da necessidade». Ele é um convite e uma proposta. Ele é, como toda a crítica que merece este nome, uma tentativa de passagem do presente ao possível. A propósito, releio este pedaço: *Há já largos anos venho pregando, primeiro sozinho depois acompanhado por um número crescente de pessoas que pensam de forma idêntica, a necessidade urgente de nos debruçarmos sobre o problema desportivo olhando-o como facto social e portanto humano e não como um acidente transitório sem interesse nem repercussões sérias.*

Textos de crítica?... E tanto mais verdadeiros e dignos de reflexão quanto o autor se reflecte e se articula neles. Textos que excedem as recantadas evidências do senso comum? Ainda bem! Contrariamente à opinião de uns tantos distraídos que pretendem democratizar, simplificando e despolemizando, a ciência só acontece contra as evidências do senso comum — o tal dogma da imaculada percepção, segundo Nietzsche.

Registamos, portanto, em curtas palavras, a actualidade deste livro que se nos afigura da maior utilidade para todos os que querem repensar o desporto.

MANUEL SÉRGIO

HÓQUEI EM PATINS

Ramalhete: as razões de um amador

. Ramalhete: guarda-redes do Benfica e da selecção nacional de hóquei em patins, por ora afastado da prática desportiva. Um problema com o seu clube: questão de dinheiros que estranha quem entende a modalidade como puramente amadora. Mas, também os amadores têm razões que justificam atitudes. Ramalhete conta:

Faixas de campeão não substituem os ordenados que um amador deixa de receber, quando por amor ao hóquei em patins não pode cumprir com os horários de trabalho na firma onde é (realmente) profissional

. Há, na verdade, um diferendo entre mim e a secção de hóquei em patins do Benfica; um diferendo que pode vir a ser resolvido de um momento para outro. Apresentei ao Benfica umas certas condições para continuar a jogar; no princípio da época, quando me exibiram o documento para assinar, lá vinha escrito que o clube me daria uma verba mensal de 1500$00 como subsídio de transportes. Ora eu não preciso de qualquer subsídio de transportes, porquanto moro muito perto do Estádio da Luz e não gasto praticamente nada para me deslocar para os treinos. Assim sendo, prescindi desse subsídio e solicitei uma verba de 35 notas de mil para um ano de actividade, verba essa que iria colmatar os prejuízos que, forçosamente, terei no meu emprego. Durante toda a época, sou forçado a estar ausente do local de trabalho durante dois a três meses. Mesmo sendo amador, não posso de maneira alguma ser prejudicado no ganha-pão: tenho família para sustentar e o meu emprego que é o único rendimento que garante a subsistência em minha casa. Se, durante dois ou três meses, não posso ganhar no emprego, por causa do hóquei em patins, é natural e lógico que seja o hóquei em patins a garantir-me o que, por causa dele, não posso ganhar. O que ainda falta no nosso país (e julgo que em muitos outros lados) é uma definição perfeita entre o amadorismo e o profissionalismo. Lá por ser amador, isso não obriga que a minha vida particular seja afectada.

Voltando ao meu problema com o Benfica: quando apresentei, devidamente fundamentadas, as razões da minha petição, foi-me respondido negativamente. Assim, pedi que me dessem a «carta», pois estava na disposição de ir para outro clube qualquer; isso mesmo tinha acontecido ao Livramento e seria natural que o meu desejo fosse atendido. Também me responderam negativamente. E eu pergunto: então só sou amador para prejudicar a minha vida? Em face da lei vigente, só ficarei «livre» do Benfica estando um ano sem jogar. Estou disposto a isso: o que não posso é prejudicar a minha vida de cidadão e chefe de família. Porque, há uma grande confusão no nosso meio desportivo: a gente só é amador na questão de direitos, porque no capítulo das obrigações somos tratados como profissionais. Não podemos faltar a um treino, não podemos ter férias no Verão e até temos de jogar no dia do nosso casamento (caso de Jorge Vicente) ou dois ou três dias depois (o meu próprio caso). E digo mais: que estranho o que certos jornalistas agora escrevem, defendendo os clubes que não nos querem pôr a cobro de prejuízos certos por obrigações que temos de cumprir para os representar.

Ramalhete: um caso de dedicação do hóquei em patins, que se vê agora afastado da modalidade; um profissional da «Cel-Cat» que, na empresa, perde dois ou três meses de ordenado por causa do hóquei em patins e ninguém o quer compensar desse prejuízo...

REGISTO

HÓQUEI EM PATINS: Agostinho Costa (equipa principal) e Manuel da Costa (escolas) são os novos responsáveis pela modalidade, na Oliveirense.

DINHEIROS: Parece ainda longe do fim o rescaldo da «Volta a Portugal» em bicicleta, pois a Direcção-Geral dos Desportos não ata nem desata, em matéria de homologação de resultados. Entretanto, a Organização da corrida-74 divulga que tem esc.: 417.750$00 para entregar aos conquistadores. Veja-se, por equipas, quanto toca a cada: Benfica (234.300$00), Tavira (53.550$00), Sporting (50.600$00), Ambar (15.175$00), Sangalhos (8000$00), Coelima (19.150$00), Salgueiros (2400$00), Louletano (500$00) e F. C. do Porto (34.075$00).

VISITA: A direcção benfiquista visita hoje o Sporting (Estádio de Alvalade) pelas 21 e 30.

TRINDADE
F. N. A. T.
Apresenta
SÓ ATÉ AO DIA 9
«O Teatro Português de Paris»
na célebre peça
O CANTO DO FANTOCHE LUSITANO
de PETER WEISS
Encenação de
BENJAMIM MARQUES
Desconto de 50 % para os sócios da F. N. A. T., Sindicatos, C. A. T., C. R. P. e jovens até aos 22 anos
TODAS AS NOITES
às 21.45 h.
Sábados e domingos
tardes às 16 h.
(não acons. a m/ 13 anos)

BALANÇO INTERNACIONAL DE 1974

Continuação da pág. 15

de Malta também passou a ser uma república. Em Itália, foram presos dezenas de fascistas. A violência continuou a alastrar na Irlanda do Norte e os atentados sucederam-se em Inglaterra, até à trégua de Natal.

■ *Médio Oriente* — Israel admitiu, pela primeira vez oficialmente, a sua capacidade nuclear. Durante o mês, árabes i israelitas voltaram a atacar-se e a contra-atacar-se. Multiplicam-se as sugestões de que os E. U. A. poderão intervir no Médio Oriente, por causa do petróleo. Afirmaçõesedesmentidos vieram um pouco de todo o lado. A França dá início a uma gigantesca ofensiva diplomática e económica no Médio Oriente, começada pela visita do primeiro-ministro Jacques Chirac ao Irão, que se salda na assinatura de «fabulosos» contratos, que incluem a construção de centrais nucleares francesas em território persa. O Koweit nacionalizou companhias estrangeiras de petróleo. O ministro egípcio da Defesa, Ahmed Ismail, faleceu, sucedendo-lhe Abdel Ganassi. Leonid Brejnev, que projectava visitar o Médio Oriente no próximo mês, adiou a sua visita.

■ *Austrália* — Um violento ciclone destruiu a cidade australiana de Darwin no dia de Natal, matando dezenas de pessoas.

■ *Ásia* — Um violento sismo ocorrido no Paquistão destruiu várias aldeias da zona montanhosa do Norte e matou mais de cinco mil pessoas. Ofensiva comunista no Vietnam do Sul: o Vietcong já conquistou várias capitais provinciais e chegou a menos de 100 quilómetros da capital.

■ *Espaço* — Durante seis dias, dois astronautas soviéticos na Soyuz-16 fizeram experiências com vista à preparação da missão espacial conjunta sovieto-americana que se realizará em 1975.

■ *África* — Importantes contactos na capital da Zâmbia prepararam o caminho para um acordo de cessar-fogo na Rodésia, cujo problema constitucional está a ser objecto de consulta por parte do ministro inglês dos Negócios Estrangeiros agora em digressão pela África. Grande número de presos políticos, incluindo dirigentes do ZANU e do ZAPU (que intervieram nas conversações de Lusaka), já foram libertados. A África do Sul anunciou que vai retirar as tropas que tem na Rodésia. O presidente do Zaire, Mobutu, visitou a China, e foi recebido pelo presidente Mao. Incidentes fronteiriços entre o Mali e Alto Volta. A Etiópia apresenta o seu novo rosto: um socialismo inspirado nos modelos argelino, tanzaniano e chinês.

■ *América* — mportantes revelações sobre espionagem interna praticada pela CIA levam à organização de um inquérito fazendo pairar uma ameaça muito séria sobre os serviços secretos dos E. U. A. Rockefeller é confirmado na vice-presidência dos E. U. A. A Casa Branca é «invadida» pela segunda vez este ano, o que põe em causa os sistemas de segurança. Um Natal austero nos E. U. A., cujo presidente decreta um programa para poupança de energia. Mais de 90 mortos nos E. U. A. em dois desastres aéreos. Reatadas as relações comerciais entre a Colômbia e Cuba e as comerciais e diplomáticas entre a Venezuela e Cuba. Greve geral no Uruguai contra a ditadura de Bordaberry. Assassinado em circunstâncias não esclarecidas o adido militar uruguaio em Paris. Declaração de solidariedade latino-americana assinada em Ayacuecho (Peru) — o Chile não esteve presente. Na Nicarágua, um terceiro Somoza ascende à presidência. Sindicatos e partidos pedem a democratização desse país centro-americano, que, nos últimos dias do ano, é alvo de um ousado golpe de guerrilheiros, os quais mantêm altas personalidades como reféns até receberem um resgate e obterem a libertação de camardas presos, após o que seguem de avião para Cuba.

■ *ONU* — Encerra a 29.ª sessão da Assembleia Geral da ONU, que ficará na história como a Assembleia 'dos árabes' ou das 'novas maiorias'. Em quatro meses de trabalhos legitimou internacionalmente a O. L. P., aprovou a Carta dos Direitos e Deveres Económicos e expulsou praticamente a África do Sul.

Despedido por ter participado na conferência dos camponeses

PORTO, 2 — O trabalhador jardineiro António Pinto Neves, de Valbom (Gondomar), assalariado do proprietário dr. Joaquim Pinto Ribeiro, participou com a sua experiência viva nos debates que se travaram na Primeira Conferência dos Camponeses do Norte há dias realizada no Porto e promovida pelo P.C.P. Por esse motivo ao chegar a casa, foi interpelado pela mulher do patrão que o despediu, dando-lhe um mês para arranjar trabalho.

Esta informação consta de um comunicado que nos foi enviado pela Direcção da Organização Regional do Norte do P.C.P., que acrescenta: «A D.O.R.N. do P.C.P. manifesta-se inteiramente solidária, apela à solidariedade de todos os trabalhadores com este assalariado rural despedido e denuncia vigorosamente a atitude fascista do dr. Joaquim Pinto Ribeiro».

Fernando Luso Soares e a Portugália Editora

A propósito da publicação, no último número do boletim «Portugália», de uma foto em que figura a conversar com o brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho, o nosso estimado colaborador Fernando Luso Soares enviou-nos a seguinte carta:

. «Do facto poderão as pessoas entender duas coisas, aliás ambas erradas: — 1.ª — que a entrevista em causa foi só por mim feita (coisa que eu até consideraria honrosa); — 2.ª — que na base (essa, verdadeira) de a referida entrevista ter sido colectivamente feita por mim, pelo Orlando Neves e pelo Serafim Ferreira, a publicação exclusiva da aludida fotografia significava ter eu apoiado a «Portugália» e não os meus co-entrevistadores na questão que eles tiveram com a editora em virtude de esta se propôr publicar um livro do senhor general Galvão de Melo.

Posta a questão deste modo, desejo esclarecer os seguintes pontos:

. a) que fiquei surpreso com a publicação da fotografia onde figuro, na medida em que esta gera confusão e equívoco sobre a autoria da entrevista a Otelo Saraiva de Carvalho

b) que apoiei e apoio a atitude muito digna de Orlando Neves e Serafim Ferreira, quanto à sua saída da «Portugália», sendo até certo que entre os três ficara combinado que a referida entrevista apareceria como anónima quanto aos entrevistadores

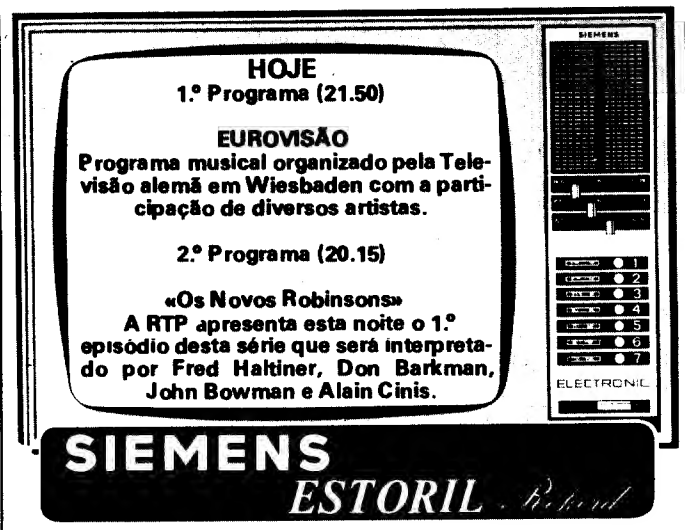
c) e que, quando os srs. Fernandes (proprietários da «Portugália») me perguntaram se eu achava bem a inclusão, nos «Cadernos Portugália», de um livro de Galvão de Melo, eu respondi-lhes textualmente que *não* pois só conseguia imaginar de tal «autor» um livro de anedotas.»

Armados até aos dentes

Utilizando pistolas e espingardas caçadeiras, três indivíduos, ontem detidos no Monte Estoril, tinham praticado, nos últimos dois meses, assaltos a residências e a pessoas isoladas em várias povoações das linhas de Sintra e do Estoril, totalizando furtos avaliados em cerca de duzentos contos.

Os três assaltantes (José Silves, estofador, Belizário Marques, estivador e João Brilhante, mecânico), todos menores de vinte anos, tinham em seu poder numerosas armas de fogo, entre as quais uma pistola de guerra, calibre 7,65, que eles confessaram ter furtado, no Guincho, a um comerciante do Porto a quem despojaram de uma carteira com cinco contos em dinheiro.

Em ALHOS VEDROS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA



HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período	1.º Programa 1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados «O Cão e o Gato» 12.55 Retrospectiva 13.15 Da saúde e da vida 13.30 Telejornal — 1.ª edição 14.15 Logo à noite 13.45 Os Novos Robinsons 14.20 Fecho	12.45 Abertura e desenhos animados «Studs, o Astronauta» 13.00 Saber não faz mal 13.15 Sangue na estrada 13.30 Telejornal — 1.ª edição 13.30 «Jamie» 14.15 Logo à noite 14.20 Fecho
2.º Período	2.º Período
19.00 TV infantil 19.05 TV juvenil 19.30 TV palco 20.00 TV rural 20.30 Telejornal — 2.ª edição 21.15 Afinal como é? 21.45 O Tempo — Boletim Meteorológico 21.50 «Rovllein Stonen de Londres 22.45 Cacioneiro 23.20 Telejornal — 3.ª edição 23.45 Fecho	19.00 TV infantil 19.05 TV juvenil 19.30 Se bem me lembro 20.00 Relatório internacional 20.30 Telejornal — 2.ª edição 21.05 Responder ao País 21.3 O Tempo — Boletim Meteorológico 21.40 «Os Inquéritos do Comissário Maigret» 23.20 Telejornal — 3.ª edição 23.45 Fecho
2.º Programa	2.º Programa
20.00 Abertura e desenhos animados 20.15 «Os Novos Robinsons» 20.40 Da saúde e da vida 21.15 «As Solteironas» 21.45 O homem e a sua música 22.40 Telejornal 23.00 Fecho	20.00 Abertura e desenhos animados 20.15 «Jamie» 20.40 Sangue na estrada 20.55 «Os Rivais de Sherlock Holmes» 21.40 Sabe? 22.30 Telejornal

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	4º
P. DOURADAS	5º
COIMBRA	13º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	8º
FARO	11º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

BRAGA
Máxima 18,9º

F. DO C. RODRIGO
Mínima 7,1º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	11,2º
Atmosfera	10,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.59	4,1 m	0.13	0,7 m
19.28	3,8 m	12.48	0,7 m

Dia 3

7.47	3,9 m	1.02	0,9 m
20.18	3,6 m	13.39	0,9 m

Dia 4

8.39	3,7 m	1.57	1,1 m
21.15	3,4 m	14.37	1,1 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Cepu geralmente limpo, vento fraco o moderado do Quadrante Leste e formação de geada nas regiões abrigadas do interior.

AMANHÃ
NASCER AS 8.55
OCASO AS 18.26

Dia 4 Dia 12 Dia 20 Dia 27

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário — rádio estudantil
17.00 Que quer ouvir?
17.45 Romanceiro português
18.15 Movimento das Forças Armadas
19.05 Programa infantil — informação de trânsito — música variada
20.00 Jornal da noite
21.15 Temas de História, por Miriam Halpern Pereira
21.45 Música variada
22.00 Emigração — música variada
23.00 De um dia para o outro
23.30 Ambiente, por Almeida Fernandes e Gil Montalverne
00.00 Entrada do MF 1 de Lisboa — SINAL HORÁRIO

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio estudantil
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir?, programa elaborado por Margarida Brandão
18.00 Música portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
21.00 Sonata n.º 2, em si menor, op. 64, para piano (Mendelssohn)
21.30 «As Silfides» bailado de Chopin
22.00 «Ludus Tonalis» (Hindemith)
23.00 «O Triunfo de Afrodite» cantata de Carl Orff
23.42 Sonata n.º 4, em dó, op. 102, n.º 1, para violoncelo e piano (Beethoven)
00.00 Junção com o programa estereofónico

Programa Estereofónico — MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical
22.25 Concerto para violino e orquestra, op. 15 (Britten)
23.00 Quinteto em mi bemol maior, op. 106, para piano, oboé, clarinete, trompa e fagote (Beethoven)
23.30 Música de Bach e Turina
00.00 A grande música negra, por José Duarte
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Emissor de Lisboa — Onda Média, 290,13 m — 1034 KHz — Emissão contínua — Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 m — 782 KHz — Emissão contínua — Modulação de Frequência (principais emissores); Lisboa, 97,4; Porto, 97,7; Portalegre, 98,9; Lousã, 90,8; Fóia, 88,1 e Mendro, 92,0 Mhz — Emissão Estereofónica — terça-feira, das 11 às 13 e das 19 às 07.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Quinta-feira à tarde
18.22 Palavra do dia — no final: terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.30 Página 1
21.05 Igreja é plural
21.30 Curso de Língua Alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Voz de Lisboa

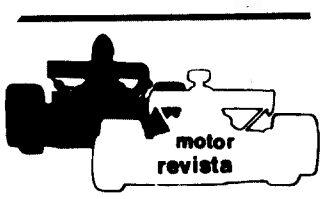
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 12.00 às 14.30

Rádio Graça

Das 14.30 às 19.30



BARS BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.** a actuar FEDRA ARTISTA BRASILEIRA:

ESPADARTE CLUB — Sesimbra. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. **229189**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946**

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos Domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A T. 48384.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Duque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco. 33-A.**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Costa, R. dos Lusíadas, 30 (T. 636704)
ALVALADE
Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 712070) Olinda, Av. João XXI, 13-A (T. 726848)
AVENIDAS NOVAS
Daiva, Av. gd. de Ávila, 125 (T. 45225)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122)
BAIXA
Cortez, R. de S. Nicolau, 93 (T. 325378)
BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454)
BENFICA
Progresso, E. da Damaia, 64-C (T. 702226)
CAMINHOS DE FERRO
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125)
LAPA
Mota Capitão, R. de S. Félix, 45-A-B (T. 660720)
OLIVAIS
Central dos Olivais, R. Alferes Varrilaro Ruas, 7-C, Olivais Norte (T. 315539)
PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (T. 728395/720703)
REGO
Prates e Mota, R. da Beneficência, 91 (T. 773728)

TURNO B-2

TODA A NOITE

AJUDA
Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (T. 637777)
ALFAMA
Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 36 (T. 866126)
AMOREIRAS
Amoreiras, P. das Águas Livres, 8-D (T. 681515)
ARCO DO CEGO
Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C, ao Bairro Social (T. 770324)
AREEIRO
Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 710465)
ARROIOS
Brasil, R. Alves Torgo, 29-33 (T. 46843)
BAIXA
Brites Moita, R. da Alegria, 33 (T. 321149)
BENFICA
Sousa, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027)
CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazul, 23-B (T. 671667)
CONDE REDONDO
Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 42239)
LUMIAR
S. Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704)
POÇO DO BISPO
Barros Gouveia, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 382180)
S. BENTO
Valentim, R. Poço dos Negros, 88-90 (T. 679453)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Telef. 212070)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (Telef. 2430691)
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, R. 9 de Abril, 24 (Telef. 263052)
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (Telef. 260116)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518); Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (Telef. 933303); Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (Telef. 2930832)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)
ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 31-A (Telef. 270076)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-A (Telef. 2040302)
BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Telef. 2073443)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Telef. 2494182)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, 13 (Telef. 229471)
SETÚBAL
Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (Telef. 22248); Salão, Av. Portela (Telef. 22709)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

TURNO 3

ATÉ ÀS 22 HORAS

Pasteleira, Rua André de Rezende, 92; Almeida Cunha, Rua Formosa, 327; Contumil, Rua de Contumil, 540; Sampaio, Rua de Cedofeita, 636; Vaz Teixeira, Rua do Heroísmo, 56; Birra, Praça da Liberdade, 125; Costa Lima, Avenida da Boavista, 855; Marques de Mendonça, Rua do Ameal. 251; Monte Cativo, Rua do Monte Cativo, 444; São Jerónimo, Rua de Santos Pousada, 622; Cardona dos Santos, Rua de D. Manuel II, 90 e Oriental, Rua do Bonjardim, 727

A PARTIR DAS 22 HORAS

Pasteleira, Rua André de Rezende, 92; Almeida Cunha, Rua Formosa, 327; Sampaio, Rua de Cedofeita, 636 e São Jerónimo, Rua de Santos Pousada, 622

COIMBRA

Dias Ferreira, R. do Brasil; Santa Cruz, R. das Padeiras; Higiene, R. Fernandes Tomás

cinemas

BERNA
T. 776098 14.15,16.45, 19.15, 21.45
Não acons. a menores de 13 anos
AEROPORTO 1975
com: Charlton Heston, Karen Black
2.ª Semana

APOLO 70
T. 763319 14.15,16.45,19.15,21.45
Não acons. a menores de 18 anos
CHINATOWN
O mais aclamado filme de 1974!
Hoje às 00.15
Grupo D (maiores de 18 anos)
O VALE DO FUGITIVO

ROXY
T. 42872 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos
A FLORESTA MARAVILHOSA
A explosão da vida e do amor num espectáculo sem paralelo

PATHÉ
T. 821933 14.15, 16.30. 19.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
FOGO NOS LÁBIOS
Os jogos do amor sensual
Colorido

ALVALADE
T. 717480 15.15, 18.30, 21.45
Para todos (maiores de 6 anos)
ROBIN DOS BOSQUES
O melhor programa de Natal
2.ª Semana

LIDO
T. 937593 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
AEROPORTO 75

CINESTÚDIO
T. 937593 15.30, 20.30, 22.30
Para todos
AMIGOS

CARLOS MANUEL - SINTRA
T. 2930394 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
R.A.S. — POR QUEM VAMOS MORRER?

D. JOÃO V DAMAIA
T. 971794 21.30
Interdito a menores de 18 anos
VILLINGER

UNIVERSAL
T. 774402 14.30; 18.30, 22.30
Às 14.30 e 20.30 (Para todos)
FRENTE POPULAR 1936
de Henri Turenne
Às 16.30 e 22.30
Não acons. a menores de 18 anos
A TERRA PROMETIDA
de Miguel Litin
Às 18.30
QUANDO O POVO ACORDA
Não acons. a menores de 13 anos

RESTELO
T. 610375 21.30
Não acons. a menores de 13 anos
A AUDIÊNCIA
Um êxito do realizador Marco Ferreri, com Claudia Cardinale

EDEN
T. 320768 14.15,16.45, 19.15, 21.45
Não acons. a menores de 13 anos
AEROPORTO 1975
com: Charlton Heston, Karen Black
2.ª semana

TIVOLI
T. 570595 15.15, 18.30, 21.45
Para todos
ROBIN DOS BOSQUES
De Walt Disney
O melhor programa de Natal
2.ª Semana

CASINO ESTORIL
T. 264621 17.00, 21.30
MULHERES ACORRENTADAS

ROYAL
T. 865037 15.30, 21.30
Grupo B para maiores de 10 anos
OS MALUCOS EM ESPANHA

POLITEAMA
T. 326305 21.30
Grupo B maiores de 10 anos
CANTINFLAS EM PEPE

ROMA
T. 727778 15.30, 18.30, 21.45
Para todos
LES CHARLOTS OS MALUCOS NO SUPERMERCADO
3.ª semana

OXFORD
T. 2865027 16.00, 21.45,
Grupo B maiores de 10 anos
CANTINFLAS EM PEPE

VOX
T. 720808 16.30, 19.00. 21.30
Interdito a menores de 18 anos
VOCÊ INTERESSA-SE PELA COISA?
11.ª semana a esgotar

LUMIAR
T. 795296 21.00
Grupo B (maiores de 10 anos)
AS AMANTES DO VAMPIRO

SATÉLITE
T. 562632 15.30, 18.30, 21.45
Interdito a menores de 18 anos
A GRANDE BOUFFE
A GRANDE FARRA
35.ª semana

MUNDIAL
T. 538743 15.15, 18.30, 21.45
Não acons. a menores de 18 anos
PARA AMAR OFÉLIA
2.ª semana de êxito!

CALEIDOSCÓPIO
T. 794141 14.15, 16.45, 19.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
CHINATOWN
O mais aclamado filme de 1974! Com Jack Nicholson e Faye Dunaway
3.ª SEMANA

CONDES
T. 322523 14.15,16.30,18.45,21.15
Não acons. a menores de 13 anos o grande filme de
MIKE NICHOLS
OPERAÇÃO GOLFINHO
George C. Scott e Trish Van Devere

ODEON
T. 326283 15.15, 18.15, 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
OS PECADOS INCONVESSÁVEIS DE UMA SENHORA BEM
11.ª SEMANA DE SENSAÇÃO
Lotações esgotadas
UM FILME DE PAIXÕES NUAS

LONDRES
T. 801313 14,16.30, 19, 21.45
Não acons. a menores de 18 anos
O FANTASMA DA LIBERDADE
O último filme de Luis Buñuel
5.ª semana

S. JORGE
T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
007 E O HOMEM DA PISTOLA DOURADA

AVIS
T. 47163 15.30, 1830, 21.45
Para todos
LES CHRLOTS OS MALUCOS NO SUPERMERCADO
3.ª semana

CASTIL
T. 530194 14.15,16.45,19.,21.45
Interdito a menores de 18 anos
LARANJA MECÂNICA
5.ª semana

CINEARTE
T. 660446 21.30
Grupo B (maiores de 10 anos)
A 300 POR HORA
Com Roberto Carlos-

ESTÚDIO
T. 555135 14.00, 18.00, 22.00
Interdito a menores de 18 anos
LA MAMAN ET LA PUTAIN
O filme de Jean Eustache

ESTÚDIO 444
T. 779095 15.30. 18.30. 21.45
Interdito a menores de 18 anos
WEEK END
(FIM-DE-SEMANA)
5.ª semana

EUROPA
T. 661016 15.15 21.30
Grupo B maiores de 10 anos
CARLOT EM TEMPOS MODERNOS
Hoje dia 2 às 18.45 (18 anos)
OS INSACIÁVEIS

IMPÉRIO
T. 555134 15.15, 18.30, 21.45
Interdito a menores de 18 anos
LARANJA MECÂNICA
5.ª semana

MONUMENTAL
T. 555131 15.00, 18.15, 21.30
Interdito a menores de 18 anos
A NOITE DOS GENERAIS
Reveillon lotação esgotada

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.00 e 23.00 (18 anos)
«Internacional Sexy Festival»
VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«O Pá, Pega na Vassoura»
COLISEU
21.30 (10 anos)
I Companhia Internacional de Circo do Natal
MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Até Parece Mentira»
GRANDE CIRCO DE MOSCOVO
21.45 (10 anos)
Av. da República
VASCO SANTANA
21.45 (13 anos)
«Lisboa 72-74»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.30 (13 anos)
«A Audiência»
OLIMPIA
(10 anos)
«E no Fim Chamaram-lhe Jerusalém o Implacável (Calibre 38)»
JARDIM CINEMA
21.30 (14 anos)
«A Vingança é o meu Perdão»
MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A Mais Brava Vingança»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«Mulheres Acorrentadas»
ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Klute»
CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Vertigem dum Assassino»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Amor Faz-me Fome»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«A Serpente de Ouro»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«O Último FAdo em Lisboa»

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.30 (4 anos)
«Os Malucos no Supermercado»
PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Adeus Cegonha Adeus»
JÚLIO DINIS
21.30 (13 anos)
«O Meu Nome é Ninguém»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«007 e o Homem da Pistola Dourada»
ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Billy Jack»
OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Você Interessa-se pela Coisa»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«O Grande Gatsby»
CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Tentações de um Viúvo»
VALE FORMOSO
21.30 (13 anos)
«Juntos são dinamite»
ÁGUIA DE OURO
20.00 (13 anos)
«Juntos são dinamite»
S. JOÃO
21.30 (6 anos)
«Robin dos Bosques»
RIVOLI
21.30 (13 anos)
«Operação Golfinho»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A Casa da Barafunda»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Grande Gatsby»
GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Viva La Muerte»

NACIONAL

DL
REMASCENÇA GRAFICA S A R L
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 65453172/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF 32115/5 320271/2/3
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Compreensão do público para o aumento dos jornais

. O primeiro dia do ano amanheceu com novos preços (mais caros) para os jornais: de 2$50 para 4$00. Sobre os aumentos perguntámos aos lisboetas, nesta manhã friorenta, a sua opinião. Não a todos. Apenas a alguns, ao sabor da rua.

«O aumento dos jornais é um bocado exagerado. Não será talvez muito dinheiro, mas sempre é uma coisa que se compra todos os dias como é o meu caso, o que ao fim e ao cabo se vem depois a sentir. De qualquer modo, vou continuar a comprar, especialmente agora que estou desempregado e ando a ver de emprego, coisa que vai sendo difícil para um homem de 45 anos quando só querem gente nova», diz José Cândido Alves, tipógrafo, que no Largo do Camões procurava os matutinos que hoje não sairam.

«Não costumo ler os jornais com frequência e agora com este aumento o que é lógico é que ainda os passe a comprar menos. Além disso, como trabalho por turnos nem sempre tenho tempo para os ler.»

. Quem também não acha bem o novo preço da Informação escrita é o sr. Jerónimo Xavier que tem um restaurante no Bairro Alto:

. «Acho que o aumento é demais, mas se calhar comtinuo a comprar.»

. Feita a interrogação ao sr. Matias, funcionário público, respondeu este:

. «Essas coisas vão subindo, mas nós temos sempre que gastar dinheiro nelas, quer se queira quer não. Com os jornais há-de ser a mesma coisa do outro aumento, quando passaram para vinte e cinco tostões a princípio, a gente diz que não vai comprar mas depois lá tem que ser!...»

. Finalmente, Alfredo da Costa, «moço de fretes»:

. «Até agora, tenho comprado os jornais diariamente, de manhã e à tarde, mas vou ter que deixar um deles. Se o aumento fosse de mais cinco tostões, vá lá, ainda todos compravam, mas logo uma subida para 4$00! Além disso compro já muita coisa, muitas revistas, «O Século Ilustrado», a «Gaiola Aberta» e esses livros todos que agora se vendem, o da morte do general Delgado e o das aldrabices do Marcelo, essas coisas. E isso sai caro. A vida está cara e eu gosto de contribuir e ajudar, mas não chega para todos!

CANSAÇO DA VIDA

Ao encerrar-se o balanço do ano que ora findou, alguém entendeu, também, que era chegada a altura de encerrar definitivamente o balanço dos dias, muitos, que levaria insofridos. E chegado ao final de mais um ano, resolveu apressar o fim da própria vida.

Chamava-se José Fernandes de Oliveira. Tinha 83 anos, tempo de sobra para estar cansado de viver que atravessou as duas últimas décadas da monarquia, a inacabada vida da Primeira República e os longos e duros anos do fascismo. Como barco para o outro lado da vida escolheu o enforcamento. Na Rua de Vale Formoso de Cima, onde curtem mágoas gerações de operários explorados da zona de Marvila. No pátio onde vivia, entregue à solidão e ao cumprimento dos últimos anos que lhe restavam para viver.

"O PRIMEIRO DE JANEIRO"

Completou 107 anos de publicação o nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro», do Porto. Ao seu director, Manuel Pinto de Azevedo Junior, e colaboradores, as nossas cordiais saudações.

«O SÉCULO ILUSTRADO»

Também «O Século Ilustrado» fez anos: 37. Felicitamos o seu director, jornalista Redondo Júnior, e quantos consigo colaboram.

A MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Continuação da pág. 1

a situação política transitória.

«À medida que o testamento do M.F.A. se foi e vai clarificando surgem os herdeiros descontentes, porque lhes não agrada a liberdade e a esperança da maioria dos seus irmãos.

«Encerrou-se em 1974 uma primeira fase de aprendizagem político-social em que o Povo português demonstrou alto civismo e revela capacidade para reconstruir uma sociedade, pela via democrática autêntica e livre.

«Terminou o ano com alguns homens e correntes de pensamento, oportunistas da liberdade, vendendo mitos e explorando as turbulências e desvios que provocam.

«Como saldo entendo afirmar categoricamente que em oito meses se fizeram experiências políticas e sociais muito válidas conduzidas por homens saídos do Povo e ao serviço do Povo.

«O fenómeno descolonizador em que nos empenhámos progrediu em bom ritmo; nem sempre se aproximou da rota idealista que sonhariamos, mas a inspiração e o talento político realista têm sabido imprimir-lhe um curso original, mais fecundo, mais humano e mais eficaz do que muitas experiências anteriores conduzidas com meios muito mais amplos.

«Angola constitui neste momento o problema mais complexo, o que nos exige mais carinhosa preocupação; tem dificuldades compreensíveis pela circunstância da sua vastidão ter originado várias correntes emancipalistas.

«Com a paciência, inspiração e boa-vontade de todos os responsáveis poderemos rapidamente atingir uma situação de equilibrado entendimento, uma plataforma firme para que o Mundo possa ver instituir-se um grande país sem graves sacrifícios do Povo que o vivifica.

«Na democratização de Portugal a quantidade e a essência da legislação saída é considerada pequena e tímida por uns, excessiva e arriscada por outros; quererá isto dizer que se tenha conseguido um compromisso aceitável entre rapidez e ponderação, entre necessidades de fundo e limitações de um Governo Provisório? Cremos que sim.

«Criaram-se novos conceitos na vivência do mundo do trabalho, embora trabalhadores e empregadores, sindicatos e associações patronais, tenham muito que cooperar e melhorar na definição de relações mútuas mais dignas e mais fraternas, mais justas e mais iguais.

«A Informação pública subitamente livre é um festival capitoso, uma fonte poderosa de força popular. Muito de autenticamente bom e livre irrompe da ganga do conformismo e do oportunismo.

«Homens das letras, dos sons e das imagens, leitores, ouvintes e espectadores, todos temos ainda muito a aprender e progredir no sentido da autenticidade, da liberdade e do respeito mútuos necessários a uma informação ainda mais digna.

«A democratização do ensino timidamente aflorada no regime anterior, necessita de tantos meios materiais e humanos que irão levar anos a reunir, se não nos unirmos todos em esforço conjunto de recuperação.

«As medidas legislativas tomadas actuarão no campo da gestão, dos programas e da avaliação de conhecimentos mas serão apenas uma primeira experiência-piloto no aspecto qualitativo de toda uma obra gigantesca a alargar a todos os jovens do Portugal do futuro, sem distinção das classes ou recursos económicos das respectivas origens.

«Ministério, organismos, professores, empregados e alunos quanto tereis a realizar para obter e aplicar os meios, a organização, a metodologia e programação adequados ao verdadeiro Portugal? Quanta generosidade e paciência, diálogo e esclarecimento, para banir relações e comportamentos radicalizados pelo ambiente estéril do passado.

«Não poderei esquecer outro sector fundamental, o económico-financeiro.

«A alteração súbita das relações capital-trabalho, em busca do equilíbrio justo ainda não alcançado, minaram a confiança dos investidores menos corajosos.

«A tendência altista das matérias-primas, nos novos níveis salariais, a falta de organização e de técnica, a impreparação dos gestores, os negócios de rentabilidade marginal ou radicados na distorção do mercado, tudo se conjugará para liquidar algumas centenas de empresas inviáveis num Portugal actualizado, e levará seu tempo a criar alguns milhares de outras, mais úteis e necesasárias.

«A recessão do turismo, a diminuição das remessas dos emigrantes menos esclarecidos, a correria aos bancos a levantar o dinheiro que se entesoura inutilmente, tudo contribui para diminuir os meio de investimento e a criação de novos postos de trabalho.

«Esperam-nos meses difíceis. O plano económico a publicar dentro de dias, algumas medidas de emergência, a coragem dos empresários e sobretudo a vontade dos trabalhadores para trabalhar mais e produzir melhor, são indispensáveis para suprir uma crise que se agudizou desde Novembro de 1973.

«Com o aumento dos níveis salariais mais baixos que permitirá a entrada de mais pessoas nos circuitos económicos, e com a redução contínua das despesas militares que permitirá investimentos estatais mais reprodutivos, não é preciso ser profeta para prever que se vão criar condições para, dentro de dois anos, termos uma evolução económico-financeira nitidamente favorável, desde que saibamos criar um clima de confiança nas relações dos factores de produção.

«Tenho fé e esperança. Faremos um Portugal mais prospero com uma riqueza mais justamente distribuída.

«A fechar o «balanço-1974», referirei o sector da política externa onde o saldo positivo da Revolução é francamente alto, talvez espectacular. De um Povo envergonhado, folheando pergaminhos heróicos do passado, renasceu um Povo orgulhoso do seu presente, que a sociedade internacional olha com simpática expectativa. Éramos um País mal tolerado mesmo no Ocidente que dizíamos defender, somos agora um País ao qual, sucessivamente, se vão abrindo as portas de todos os quadrantes do Mundo.

«Saberemos ser dignos de nós próprios, exigiremos os nossos legítimos direitos na sociedade internacional em relação à qual cumpriremos os deveres a que livremente nos vincularmos.

«Vou terminar com um sentido apelo a todas as mulheres e homens do Povo a que pertenço.

«Vamos entrar num período económico difícil; sejamos sensatos e comedidos nos nossos anseios e exigências; sejamos eficientes e desmedidos nos trabalhos e esforços que nos couberem.

«Vamos entrar num trimestre eleitoral com o ansioso nervosismo de participar nas primeiras eleições autênticas; sejamos serenos nas atitudes emocionais; procuremos desintoxicar-nos da propaganda autocrática do antigo regime, mas evitemos deslumbrar-nos com correntes de pensamento demagógicas do presente; votemos esclarecidamente em partidos autênticos que nos provem a sua vocação de contribuir para uma democracia pluralista e livre.

«Vamos todos às urnas com sinceridade e recta intenção, determinados a exigir sinceridade e recta intenção àqueles em quem votarmos.

«Para o nosso país vão os meus desejos de toda a felicidade e prosperidade possíveis em 1975».

A passagem do ano

Quando bateram as doze badaladas da meia-noite do dia 31 de Dezembro do ano findo, muita coisa aconteceu: o costume nas casas de espectáculos, nas ruas, nas casas particulares, a novidade de uma passagem do ano do M.D.P./C.D.E. no Pavilhão dos Desportos e outra novidade no Liceu de Queluz, onde militantes e simpatizantes do P.C.P. se reuniram numa festa.

O resto foi a alegria, o ruído ensurdecedor de gaitas, apitos, claxons, tambores e pandeiretas. Noutro local, ao mesmo tempo que nascia o ano, a alegria sem ruído (se exceptuarmos o choro da praxe) pelo nascimento do primeiro bebé de 1975. Acabavam de soar as badaladas da morte de 74 e iniciava-se o ciclo da vida do calendário de 75. No Hospital de Santa Maria, com 3800 kg. nascia um menino, filho de Maria Piedade Veríssimo Ferreira Teodoro e de Domingos da Assunção Teodoro.

Se no Casino Estoril estiveram cerca de mil pessoas, no Liceu de Queluz, na festa do P.C. local, esteve o dobro. Cada um levava o seu farnel e todos repartiram o seu apetite e a sua alegria. Filmes, cantigas, e música até às tantas, como na festa do outro.

A presença de Carlos Paredes, José Manuel Osório, Celeste e outros, entre os quais alguns expontâneos.

Enquanto na Outra Banda, se lançava fogo de artifício, mais de oito mil pessoas enchiam o Pavilhão dos Desportos de Lisboa, onde o M.D.P./C.D.E. fazia a sua festa sob o tema da unidade e da esperança renovada para 1975 num futuro melhor e mais justo para o povo português. Cantigueiros (Samuel, Pedro Barroso, Ermelinda Duarte, Intróito, José Barata Moura, Girão, Tonicha, etc) actores (Grupo de Campolide, Companhia do Adóque, Teatro Português de Paris, José Viana e outros), o piano e Pedro Osório, música para dançar, etc.

No Porto, como é lei na data, a P.S.P. impediu a circulação de trânsito no centro da cidade, facto que foi aproveitado pelos foliões para desbobinar a sua alegria pelas ruas, à semelhança do que aconteceu em Lisboa, no Rossio, onde se fez de (quase) tudo: marchas, bailarico, um ou outro banho no lago.

PRÉ-CIMEIRA DE MOMBAÇA

Continuação da pág. 1

existiram, e continuarão a existir, pensamos, para além das nossas independências respectivas (...) No despontar do ano de 1975, os nossos votos são por que o povo angolano possa ver realizadas todas as suas aspirações de liberdade e independência no novo ano de 1975. Uma independência sólida abrindo caminho largamente para o progresso do povo grande de Angola dentro do quadro da África que estamos construindo todos juntos.»

Joaquim Chissano, primeiro-ministro moçambicano, dirigiu também, através do mesmo programa, uma mensagem ao povo de Angola. Diz a dada altura:

«Desejamos que os esforços que estão sendo desenvolvidos pelo M.P.L.A. e por outras forças revolucionárias em Angola sejam coroados de êxito, para que se alcance a unidade do povo angolano, se fortifique e para que se alcance o mais breve possível a independência ainda neste ano de 1975, dentro de uma linha revolucionária ao serviço do povo angolano.»

. Entretanto, o presidente Sekou Touré, chefe do Estado da Guiné, na sua mensagem de fim de ano, difundida por Rádio Conakry, saudou a vitória dos povos da Guiné-Bissau, de Angola, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe e das Ilhas Comores, «que arrancaram a independência, apesar das manobras do imperialismo e da burguesia local».

Desejou a vitória dos movimentos que lutam em Djibuti, na Ilha Reunião, na Namíbia, do Zimbabwe (Rodésia, na África do Sul e em Rio do Ouro), que vão dentro em breve desenraizar os regimes de discriminação racial e um colonialismo anacrónico. Desejou, a concluír, o restabelecimento da justiça da terra da Palestina, «que deve tornar-se uma terra de liberdade onde se exprimirá a vida do homem palestiniano árabe e do homem palestiniano judeu».